



PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL – LETRAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS



Maceió, v. 9. n. 10 | Maio, 2026
ISSN – 2595-2609



Revista Areia

V.9 | N.10 | maio - 2026.

ISSN 2595- 2629



¹ A **comissão de coordenação** editorial da Revista Areia é formada por membros/as discentes e tutor do PET Letras- UFAL.

² O **conselho editorial interno e externo** da Revista Areia é formado pelo corpo de pareceristas, doutores em linguística e literatura, assim como em áreas correlacionadas e filiados a outras instituições de ensino.

³ A comissão de **comunicação** da Revista Areia é formada por integrantes discentes do PET Letras - UFAL.

⁴ A comissão do **layout** desta edição da Revista Areia é formada por integrantes discentes do grupo PET Letras-UFAL.

⁵ A **comissão de texto literários** é composta por integrantes discentes do grupo PET Letras- UFAL.

⁶ A **capa** desta edição da Revista Areia foi realizada pela artista visual Alice Guedes

COORDENAÇÃO EDITORIAL

(PET LETRAS UFAL)

EDITOR-GERENTE

Kall Lyws Barroso Sales

EDITOR/EDITORAS

Isadora Kelly Ferreira Arcanjo da Silva

Jesus Davi Feitosa Ferreira

Thalia Vitória da Silva

CONSELHO EDITORIAL INTERNO

Adna de Almeida Lopes (UFAL)

Aldir Santos De Paula (UFAL)

Flávia Colen Meniconi (UFAL)

Jair Barbosa Silva (UFAL)

Jozefh Queiroz (UFAL)

Kall Lyws Barroso Sales (UFAL)

Miguel Oliveira Junior(UFAL)

Núbia Rabelo Bakker Faria (UFAL)

Roberto Sarmento Lima(UFAL)

Rosária Cristina Costa R. (UFAL)

Simone Makiyama(UFAL)

CONSELHO EDITORIAL EXTERNO

Adeilson Pinheiro Sedrins (UFRPE)

Claudia Roberta Tavares Silva (UFPE)

Clemilton Lopes Pinheiro (UFRN)

Marcelo Amorim Sibaldo (UFPE)

Márcia Tavares (UFCEG)

Josilene Pinheiro-Mariz (UFCEG)

COMISSÃO DE COMUNICAÇÃO

(PET LETRAS UFAL)

Alícia Evelim Nim Araújo Leandro

Ana Alice Dias Santos Pinheiro

Tiago Feitosa de Oliveira

Vinícius Balbino dos Santos

COMISSÃO DE LAYOUT

(PET LETRAS UFAL)

Isadora Kelly Ferreira Arcanjo da Silva Maria Laura Hermenegildo de Lima
Maria Cecília Santos Cerqueira da Silva Sarylohanna Matias dos Santos Lima

COMISSÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS

(PET LETRAS UFAL)

Francisco Marinho Baptista

Sabrina Chaves Costa Alencar

Cardoso

Luana da Silva Santos

Maria Fantiny Cordeiro Pereira

PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO DA CAPA

Alice Guedes

CONTATOS

PET Letras UFAL Revista Areia



APRESENTAÇÃO

Neste número, convidamos leitores/as para o número 10, volume 9 da revista Areia, cuja identidade visual surge nos contornos da arte de Alice Guedes, egressa do Programa PET Letras, graduada em Letras Português pela UFAL e Arte-educadora no Museu da Cultura Cearense, do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (MCC/CDMAC).

Seguindo o roteiro proposto em nosso sumário, este número é iniciado com uma entrevista, uma conversa, realizada com a autora da obra artística “Sonhei ontem o que hoje me atravessa”, na qual Alice Guedes, no campo das Artes Plásticas, nos conta sobre o processo de criação da imagem da capa. A entrevista foi conduzida por Isadora Kelly Ferreira Arcanjo da Silva.

Na próxima seção temos o relato de experiência: “Estágio Supervisionado de Língua Espanhola: considerações sobre as primeiras vivências em campo”, de Adnilson Rogério Malta e Jozefh Queiroz.

Na seção de artigos acadêmicos, temos os textos: “A construção do sentido textual em editoriais alagoanos: uma análise dos processos referenciais”, de Daniel Barbosa Ferreira; “Da ficção aos espaços urbanos: o retrato multifacetado do Brasil”, de Alice Gomes da Rocha; “Possibilidades de uso da Inteligência Artificial Generativa no ensino de línguas estrangeiras: uma revisão bibliográfica apoiada em chatbots”, de Rayanne Pedrosa Silva de Oliveira e Gonzalo Abio; “Do natural ao perverso: uma análise do adultério no conto Diligência, de Breno Accioly”, de Hellen Cavalcante Gomes; “Entre o rio e Paris: a interlocução de Lúcio Cardoso com escritores franceses e a cultura da França”, de Antônio Batalha, Rosária Cristina Costa Ribeiro e Valter Cesar Pinheiro; “Mulheridades e feminilidades negras na série Them: uma análise crítica feminista decolonial dos discursos de gênero e raça em narrativas contemporâneas”, de Laura Letícia Cavalcante Leobino e Lorena Araújo de Oliveira Borges.

APRESENTAÇÃO

Seguindo a nossa lista de artigos, temos “A produção discursiva da crise econômica e das reformas neoliberais na Revista Fórum e Veja”, de Maria Laura Hermenegildo de Lima e Thalia Vitória Da Silva; “Os ecos de memória no poema legado de Carlos Drummond de Andrade”, de Sophia Maciel da Silva Barros e “Não é preciso morrer para dizer que viveu: o corpo feminino em Oração para desaparecer de Socorro Acioli”, de Jesus Davi Feitosa Ferreira; Por fim, na seção de textos literários, temos os poemas: “Uma obra viva em meus olhos” e “Segredo de Ferro”, de Maria Laura Hermenegildo de Lima; “Sustenta essa Maré?”, de Marcelo Calderari Miguel; “Depauperado”, de Felipe Neves; “Redemoinho ou ponto de luz?” e “Efêmero”, de Thalia Vitória da Silva.

Editores & Editoras

Isadora Kelly Ferreira Arcanjo da Silva
Jesus Davi Feitosa Ferreira
Kall Lyws Barroso Sales
Thalia Vitória da Silva

CARTA EDITORIAL

Caros Leitores,
Caras Leitoras,

Apresentar a Revista Areia neste novo número significa reconhecer a força coletiva que sustenta sua trajetória e que, ao longo dos anos, permitiu que a revista se consolidasse como espaço de produção, circulação e valorização do conhecimento científico, artístico e cultural. Vinculada ao Programa de Educação Tutorial – PET Letras da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), a Areia segue sendo construída por muitas mãos, atravessada pelo compromisso de diferentes gerações que contribuíram para que este projeto permanecesse em constante movimento, crescimento e reinvenção.

Esta edição marca um momento particularmente significativo para a revista. Resultado de um longo percurso de trabalho editorial, revisão de processos e fortalecimento acadêmico, a Revista Areia alcança o estrato Qualis A1 na avaliação quadrienal (2021-2024), conquista que reafirma não apenas a qualidade das produções publicadas, mas também a potência do trabalho coletivo desenvolvido no âmbito da universidade pública.

Ao mesmo tempo, este número inaugura reformulações que atravessam a identidade visual e editorial da revista. O novo layout expande a presença da arte para além da capa, incorporando-a à composição estética de toda a edição e fortalecendo o diálogo entre produção científica e expressão artística. Nesse movimento, a antiga seção dedicada à capa e ao artista é reformulada e passa a constituir a seção Conversa com a artista, criada com o propósito de ampliar o espaço de escuta, valorização e reconhecimento daqueles e daquelas que contribuem visualmente para a construção da identidade da revista.

Essas transformações refletem um entendimento da Areia como espaço vivo, em permanente construção, atento às múltiplas formas de produção de conhecimento e às relações entre linguagem, arte, memória e território. Em um contexto no qual produzir ciência, cultura e pensamento crítico nas universidades públicas também se configura como prática de resistência, este número reafirma a força das Letras precisamente naquilo que floresce de maneira coletiva: a criação, o diálogo, a permanência e a reinvenção.

Boa Leitura,

Editoras & Editores
Isadora Kelly Ferreira Arcanjo da Silva
Jesus Davi Feitosa Ferreira
Kall Lyws Barroso Sales
Thalia Vitória da Silva

SUMÁRIO

ENTREVISTAS

CONVERSA COM A ARTISTA

Isadora Kelly Ferreira Arcanjo da Silva e Alice Guedes

8

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA ESPANHOLA: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS PRIMEIRAS VIVÊNCIAS EM CAMPO (RELATO DE EXPERIÊNCIA)

Adnilson Rogério Malta; Jozefh Queiroz

14

ARTIGOS

A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO TEXTUAL EM EDITORIAIS ALAGOANOS: UMA ANÁLISE DOS PROCESSOS REFERENCIAIS

Daniel Barbosa Ferreira

26

DA FICÇÃO AOS ESPAÇOS URBANOS: O RETRATO MULTIFACETADO DO BRASIL

Alice Gomes da Rocha

45

POSSIBILIDADES DE USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA NO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA APOIADA EM CHATBOTS

Rayanne Pedrosa Silva de Oliveira; Gonzalo Abio

70

DO NATURAL AO PERVERSO: UMA ANÁLISE DO ADULTÉRIO NO CONTO "DILIGÊNCIA", DE BRENO ACCIOLY

Hellen Cavalcante Gomes

93

ENTRE O RIO E PARIS: A INTERLOCUÇÃO DE LÚCIO CARDOSO COM ESCRITORES FRANCESES E A CULTURA DA FRANÇA

Antônio Batalha; Rosária Cristina Costa Ribeiro; Valter
Cesar Pinheiro

109

08





ARTIGOS

- MULHERIDADES E FEMINILIDADES NEGRAS NA SÉRIE THEM: UMA ANÁLISE CRÍTICA FEMINISTA DECOLONIAL DOS DISCURSOS DE GÊNERO E RAÇA EM NARRATIVAS** 128

Laura Letícia Cavalcante Leobino; Lorena Araújo de Oliveira Borges

- A PRODUÇÃO DISCURSIVA DA CRISE ECONÔMICA E DAS REFORMAS NEOLIBERAIS NA REVISTA FÓRUM E VEJA** 146

Maria Laura Hermenegildo de Lima; Thalia Vitória da Silva

- OS ECOS DA MEMÓRIA NO POEMA LEGADO DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE** 158

Shopia Maciel da Silva Barros

- NÃO É PRECISO MORRER PARA DIZER QUE VIVEU: O CORPO FEMININO EM “ORAÇÃO PARA DESAPARECER” DE SOCORRO ACIOLI** 171

Jesus Davi Feitosa Ferreira

TEXTOS LITERÁRIOS

- UMA OBRA VIVA E MEUS OLHOS** 186

Laura Hermengildo De Lima

- SEGREDO DE FERRO** 188

Laura Hermengildo De Lima

- SUSTENTA ESSA MARÉ?** 189

Marcelo Calderari Miguel

- REDEMOINHO OU PONTO DE LUZ?** 192

Thalia Vitória da Silva

- DEPAUPERADO** 194

Felipe Neves

- EFÊMERO** 195

Thalia Vitória da Silva



ENTREVISTAS

CONVERSA COM O ARTISTA

ENTREVISTA com Isadora da Silva

15 DE MARÇO DE 2026

A seção *Conversa com o artista* constitui uma reformulação das tradicionais seções dedicadas à capa e ao artista na Revista Areia. Esta proposta surge com o objetivo de construir um espaço mais intimista e expandido, que possibilite não apenas a apreciação da obra, mas também o aprofundamento no percurso criativo e na trajetória de seus autores.

Ao ampliar esse espaço, busca-se valorizar de modo mais expressivo os artistas que colaboram com a revista, especialmente neste momento em que as produções visuais passam a integrar não apenas a capa, mas também o layout editorial. Trata-se, portanto, de um gesto de reconhecimento à centralidade da dimensão estética na constituição do projeto da revista.



CONVERSA COM O ARTISTA

ENTREVISTA com Isadora da Silva

15 DE MARÇO DE 2026



Alice Guedes é artista visual alagoana. Mulher negra e lésbica, nasceu e foi criada entre as terras e as águas de Alagoas. Desenvolve trabalhos em artes digitais, colagens e pinturas em tinta acrílica e aquarela, que registra em seu perfil no Instagram (@ali.naesquina). Artista selecionada na 77ª edição do Salão de Abril (Fortaleza, CE). Graduada em Letras-Português, também se reconhece nas práticas culturais que atravessam seu cotidiano e sua produção artística: é batuqueira de maracatu, entusiasta do samba, do coco de roda e dos banhos de mar, mantendo na ancestralidade uma importante fonte de inspiração para sua criação.

A artista é responsável pela ilustração da capa do 9º volume da Revista Areia, publicação do PET Letras da Universidade Federal de Alagoas. Inspirada no conto O Livro de Areia, de Jorge Luis Borges, a imagem parte da areia como metáfora de continuidade e infinitude, articulando também reflexões sobre circularidade do tempo, em diálogo com o pensamento de Antônio Bispo dos Santos.

Na composição, mãos negras sustentam um pequeno território de areia que reúne elementos da paisagem de Maceió, como a jangada e a referência ao Gogó da Ema, evocando relações entre memória, território e cotidiano.

A entrevista a seguir foi realizada por e-mail, como parte das ações de divulgação da capa desta edição da revista. Nela, Alice Guedes comenta sua trajetória artística, o vínculo com o PET Letras e o processo de criação da ilustração desenvolvida para a Revista Areia.



Isadora da Silva: Você mencionou que, ainda durante sua trajetória como petiana no PET Letras, já nutria o desejo de ilustrar uma capa da Revista Areia. Como foi receber agora esse convite e retornar ao projeto da revista a partir do lugar de artista convidada?

Alice Guedes: Para mim, o PET sempre teve uma carinha de casa. Sair do Programa para ingressar em outros projetos foi um movimento muito gostoso, mas minha ideia sempre foi continuar colaborando com o PET de outras maneiras. Em 2022, quando ingressei como petiana, lembro de ter me empolgado muito com o edital de capas da Revista Areia, até ler com calma e perceber que os petianos de Letras não podiam participar da seleção. Daí para frente tivemos capas belíssimas até o grupo optar por convidar artistas para as ilustrações. Mas, para falar a verdade, nem imaginei que seria convidada para esse momento tão bonito da Revista, foi uma surpresa, no melhor dos sentidos. Lembro de reler "O Livro de Areia", de Borges, todas as vezes que abríamos o edital para ilustração da capa, pensando como eu faria a arte, se fosse selecionada. É um sonho delicado que tomou forma. Eu sigo muito feliz com o convite e com a parceria que resultou na capa deste volume da Areia.

Isadora da Silva: Ao longo da sua formação em Letras e da sua atuação artística, de que maneira as experiências vividas no PET Letras dialogam com o seu percurso criativo hoje?

Alice Guedes: Costumo afirmar que o PET foi uma segunda graduação dentro do curso de Letras, porque sinto que minha formação foi mais completa com os dois anos que passei no Programa. Tive a oportunidade de passar por diversas comissões, da mais burocrática à mais criativa; organizar projetos; integrar com outras dimensões da Faculdade de Letras e dos demais cursos da

CONVERSA COM O ARTISTA

ENTREVISTA com Isadora da Silva
15 DE MARÇO DE 2026

Ufal, através dos outros grupos PET... ano passado, já como egressa, acompanhei o PET Letras no Encontro Nordestino dos Grupos do Programa de Educação Tutorial, em Fortaleza, e ampliei ainda mais o campo geográfico de influência do PET como programa nacional. Eu sempre tive espaço para criar enquanto petiana e isso deixou minha arte mais confortável para existir. A geração que entrou comigo no PET sempre me incentivou muito, em todos os sentidos. Com as artes não foi diferente. Hoje, com a Licenciatura em Letras e a experiência em organização de eventos e projetos que o PET me deu, estou como arte-educadora no Museu da Cultura Cearense, experiência que me permite colocar em prática as metodologias de ensino, que aprendi no curso, e o olhar atento e criativo para as demandas, que aprendi no PET Letras. Vez ou outra, quando quero sugerir uma ideia para meus colegas de trabalho, a experiência no PET é sempre minha bússola, revisitando nossa dinâmica de funcionamento, nossa organização, nossas ideias engenhosas... Os ensinamentos desses anos seguem atravessando minha caminhada e eu acredito que sempre irão seguir.

Isadora da Silva: A capa desta edição dialoga com referências literárias, entre elas o conto “O Livro de Areia”, de Jorge Luis Borges. De que maneira esse imaginário da areia — associado à continuidade, ao fluxo e à infinitude — entrou no processo de criação da ilustração?

Alice Guedes: Acho que a ideia da areia entrou no processo muito mais como uma sensação do que como uma referência direta a ser ilustrada. Quando penso no conto de Jorge Luis Borges me atravessa essa imagem de algo que nunca começa nem termina, que está sempre em movimento. Isso acabou guiando a composição de forma bem intuitiva. Com o tempo, essa imagem foi se encontrando com outras camadas, principalmente com essa ideia de continuidade e de fluxo que não se esgota. A areia deixou de ser só uma referência literária e passou a funcionar como um eixo mesmo da imagem. Algo que organiza, sustenta e conecta tudo.

Isadora da Silva: Na composição da imagem, as mãos formam uma espécie de ampulheta que sustenta um pequeno território de areia. Como surgiu essa solução visual e que sentidos você buscou explorar com esse gesto na capa?

Alice Guedes: A solução das mãos veio muito desse desejo de tensionar a ideia mais comum de tempo. A ampulheta é um símbolo muito marcado por uma lógica linear: o tempo que escorre, que passa e que, inevitavelmente, se esgota. Em vez de simplesmente reproduzir essa imagem, eu quis deslocar esse sentido. Quando as mãos entram, especialmente como mãos negras, elas mudam completamente essa leitura, pois não são mãos que deixam o tempo escapar, mas mãos que sustentam, que seguram e que, de certa forma, controlam esse fluxo. Existe uma intenção de pensar a negritude como esse lugar de continuidade, de quem mantém vivos saberes, memórias e modos de existir, mesmo diante de rupturas históricas. A ampulheta, então, deixa de ser um marcador de fim e passa a funcionar quase como um espaço de circulação. O tempo não está acabando ali, ele está sendo atravessado, cuidado e recriado. E acho que esse gesto também pode falar de território: essas mãos não estão só lidando com o tempo, mas sustentando um chão, uma paisagem, um mundo. No fim, a imagem tenta propor esse deslocamento de um tempo que escapa para um tempo que é segurado, transmitido e vivido coletivamente.

CONVERSA COM O ARTISTA

ENTREVISTA com Isadora da Silva
15 DE MARÇO DE 2026

Isadora da Silva: O conceito da capa também dialoga com a ideia de circularidade do tempo, presente no pensamento de Antônio Bispo dos Santos. De que forma essa perspectiva influenciou a construção simbólica da imagem?

Alice Guedes: O pensamento de Antônio Bispo dos Santos foi muito importante pra deslocar essa ideia mais ocidental de tempo. A partir dessa noção de circularidade, fez mais sentido pensar a imagem não como algo que aponta pra frente, mas como algo que gira, que retorna e que se refaz. Isso influenciou tanto na forma quanto no conceito do círculo do sol, do movimento da areia e do próprio gesto das mãos. Tudo vai nessa direção de um tempo que não é linha, é fluxo. A exposição que estou mediando no Museu da Cultura Cearense é a "Quilombolas: tecendo territórios de liberdade". As curadoras, Cícera Barbosa e Joseli Cordeiro, utilizam muito dos pensamentos de Nego Bispo no espaço expositivo e eu me deparo, diariamente, com as falas deste pesquisador nas paredes do museu. Uma delas terminou sendo mais forte no processo da ilustração: "Somos da circularidade: começo, meio e começo. As nossas vidas não têm fim." Essa frase acabou atravessando diretamente a forma como pensei a imagem. As mãos, o movimento da areia e o próprio território que se sustenta ali passam a existir dentro dessa lógica de continuidade, não como algo que começa e termina, mas como algo que se mantém em circulação. Acho que a ilustração tenta, de algum modo, materializar essa ideia de que há vidas, saberes e territórios que não se encerram, mas se refazem continuamente. Nesse sentido, a imagem se aproxima dessa noção de circularidade não só como conceito, mas como prática: um tempo que insiste, que retorna e que permanece.

Isadora da Silva: No centro da composição aparecem elementos da paisagem de Maceió, como a jangada e a referência ao Gogó da Ema. De que forma o território alagoano — suas paisagens, práticas culturais e memórias — atravessa o seu processo artístico?

Alice Guedes: Maceió atravessa tudo, porque é, antes de qualquer coisa, a minha casa mais bonita. É onde estão meus laços mais umbilicais e afetivos, de onde partem muitas das minhas referências e também o meu modo de olhar e construir imagem. Trazer o Gogó da Ema e a jangada das águas alagoanas foi uma forma de afirmar esse lugar não só como paisagem, mas como memória viva. Também tem um peso muito importante pensar que a Revista Areia se torna a primeira revista da área de Letras em Alagoas a alcançar o Qualis A1. Isso dá ainda mais sentido para a escolha de marcar o território alagoano na capa como um gesto de reconhecimento, de registro e de valorização de um lugar que produz conhecimento, pesquisa e pensamento. Maceió aparece, também, por ser a cidade que gesta o PET Letras e, por consequência, a própria revista. De algum modo, a imagem tenta dar conta disso: de um território que não é só cenário, mas origem e sustento.

Isadora da Silva: A paleta de cores da capa chama bastante atenção, combinando tons quentes com azuis intensos que atravessam a paisagem da imagem. Como você pensou essas escolhas cromáticas e que atmosfera desejava construir para a revista?

CONVERSA COM O ARTISTA

ENTREVISTA com Isadora da Silva

15 DE MARÇO DE 2026

Alice Guedes: A paleta de cores nasce muito diretamente da paisagem de Maceió — principalmente desse encontro entre o céu e o mar, que sempre me chamou atenção pelos contrastes e pela intensidade. Os azuis entram desse lugar, mas não só como representação: eles ajudam a construir uma atmosfera de profundidade, de movimento, de algo que está sempre em fluxo. O alaranjado aparece como contraponto, criando essa relação de cores complementares que eu gosto muito de trabalhar. Além disso, ele também dialoga com uma continuidade visual da própria revista Areia, que já vem utilizando esses tons nas edições anteriores. Então tem um cuidado de manter essa identidade, mas também de resignificá-la dentro da proposta da capa.,

Isadora da Silva: Pensando no leitor que terá seu primeiro contato com a Revista Areia por meio dessa capa, que sensações ou ideias você gostaria de despertar?

Alice Guedes: Acho que a principal intenção é que o leitor sinta que está diante de algo que não se encerra na imagem, nem na própria revista. Que perceba a Areia como um espaço de circulação de saberes, de trocas e de continuidades. Quase como esse fluxo que a própria capa tenta construir. Também me atravessa muito a potência desse lugar de produção: uma revista Qualis A1 construída, em grande parte, por estudantes de graduação, por grupos como o PET, por pessoas que estão em formação, mas que já estão produzindo conhecimento, pesquisa e pensamento crítico. Tem uma força muito grande nisso. E aí entra também essa dimensão da ancestralidade, de entender que nada disso começa do zero. Que esses textos, essas pesquisas, essas produções estão apoiadas em muitos outros saberes, em muitas outras trajetórias, em muitas mãos que vieram antes e que continuam sustentando esse processo. No fim, eu queria que o leitor olhasse e sentisse essa potência: da criação coletiva, da universidade pública e, mais especificamente, da Universidade Federal de Alagoas como um espaço vivo, que produz, circula e transforma conhecimento.



RELATOS DE
EXPERIÊNCIA

ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA ESPAÑHOLA: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS PRIMEIRAS VIVÊNCIAS EM CAMPO (RELATO DE EXPERIÊNCIA)

Resumo: Este relato tem como objetivo proporcionar uma reflexão sobre a experiência pedagógica realizada no Instituto Federal de Alagoas - campus Maceió, com turmas do terceiro ano do ensino médio integrado, no desenvolvimento das atividades da disciplina Estágio Supervisionado em Língua Espanhola I, no curso de Letras Espanhol EAD da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas, e no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid – 2024/2026), durante o semestre letivo de 2025.I. A construção do relato foi baseada nos estudos e debates desenvolvidos em sala de aula, nas reuniões do Pibid e nas contribuições teóricas abordadas e sugeridas nestas discussões, envolvendo pesquisas e coleta de informações sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 2000), além de reflexões sobre a atuação no campo prático, tais como as de Fontana (2011), Moraes (2002) e AUTOR 2 (2023). Com essa fundamentação, pôde-se analisar as aulas com mais propriedade e constatar, na prática, o desenvolvimento das teorias estudadas na disciplina, por meio do acompanhamento das atividades realizadas pela professora supervisora.

Palavras-chave: Educação. Estágio supervisionado. Destrezas comunicativas. Letramento.

Adnilson Rogério Malta¹

Jozefh Queiroz²

¹Graduando do curso de Letras Espanhol (Universidade Aberta do Brasil/Universidade Federal de Alagoas).

²Docente do curso de Letras Espanhol da Universidade Federal de Alagoas.

PASANTÍA SUPERVISADA DE LENGUA ESPAÑOLA: CONSIDERACIONES SOBRE LAS PRIMERAS EXPERIENCIAS EN EL ÁREA (RELATO DE EXPERIENCIA)

Resumen: El objetivo de este relato es proporcionar una reflexión sobre la experiencia pedagógica realizada en el Instituto Federal de Alagoas - Campus Maceió, con clases del tercer año de enseñanza secundaria integrada, en el desarrollo de las actividades de la asignatura Pasantías Supervisadas en Lengua Española I, en el curso de Letras Español EAD de la Facultad de Letras de la Universidad Federal de Alagoas, y en el contexto del Programa Institucional de Beca de Iniciación a la Docencia (Pibid – 2024/2026), durante el semestre lectivo de 2025.I. La construcción del relato se basó en los estudios y debates desarrollados en clase, en las reuniones del Pibid y en los aportes teóricos abordados y sugeridos en estas discusiones, involucrando investigaciones y recolección de información en los Parámetros Curriculares Nacionales (Brasil, 2000), además de reflexiones sobre la actuación en el campo de prácticas, tales como encontradas en Fontana (2011), Moraes (2002) y AUTOR 2 (2023). Con esta fundamentación teórica, ha sido posible analizar las clases con más propiedad y constatar en la práctica el desarrollo de las teorías estudiadas en la asignatura, a través de la observación de las actividades realizadas por la docente supervisora.

Palabras clave: Educación. Pasantía supervisada. Destrezas comunicativas. Literacidad.

1. Introdução

A disciplina Estágio Supervisionado em Língua Espanhola I, ofertada pelo curso de Letras Espanhol da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), se apresenta, de modo geral, como um espaço onde o aluno da licenciatura pode associar o suporte teórico recebido até este momento do curso às práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula, com direito a experimentar as emoções, as dificuldades, as tormentas e os prazeres que um(a) professor(a) regular que segue o currículo padrão vivencia a cada dia, a cada ano, a cada novo período letivo.

O Instituto Federal de Alagoas (Ifal), onde foi realizado o estágio, está em uma situação estrutural privilegiada, se comparado às outras escolas públicas do estado, inclusive quando se trata do ensino do espanhol. Com o fim da obrigatoriedade do ensino da língua espanhola no Ensino Médio, em 2017, a maioria das escolas retirou a disciplina da sua grade curricular. O Ifal em Alagoas permanece resistindo. No momento em que o estágio foi realizado, no primeiro semestre de 2024, o *campus* Maceió contava com quatro professores de espanhol e dois com formação português/espanhol, e a disciplina era ofertada para os terceiros anos em todos os cursos, com uma carga horária semanal de duas horas/aula para cada turma. Segundo a professora supervisora, não há um material específico da disciplina adotado, mas a escola disponibiliza na biblioteca alguns materiais em espanhol para apoio e consulta dos estudantes.

O contato com a escola para realização do estágio começou pelo menos um mês antes de seu início – em fevereiro de 2025 –, uma vez que já acompanho, pelo Programa Institucional de Iniciação à Docência (Pibid), as turmas do 3º ano do curso de eletrônica (323A) e de edificações (223B). Logo, o estágio foi desenvolvido nas mesmas turmas.

No estágio desenvolvemos atividades que buscam sempre observar elementos de expressão oral e escrita e a análise crítica do conteúdo estudado, com base em diversas teorias, mas que, considerando os limites deste trabalho, se limitarão a Buyse (2019) e Martín Leralta (2019). Essas atividades são realizadas por meio de trabalhos que contemplam exercícios de oralidade e produção de textos que são amplamente discutidos e trabalhados juntamente com outras competências comunicativas com o objetivo de otimizar o aprendizado da língua e aproximar os discentes de temas relacionados à cultura dos países falantes de língua espanhola.

Por se tratar de uma rede federal de ensino, consideramos que realizar esse estágio em uma escola com uma estrutura física e de pessoal bem sedimentada e com profissionais capacitados facilita muito para o estagiário, mas nos condiciona também a aproveitar as boas condições que são oferecidas, e ainda a identificar as situações adversas que possam surgir, como falta de atenção de alguns(mas) alunos(as), desentendimentos pontuais, desinteresse pela disciplina, transformando essas situações em experiências que aprimorem o nosso aprendizado e contribuam para o nosso desenvolvimento pessoal e profissional.

2. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

O Ifal possui, notoriamente, uma estrutura que se diferencia sobremaneira da realidade vivida pelas outras escolas públicas do estado. Os alunos, que são admitidos por meio de processo seletivo, tem acesso a laboratórios e biblioteca com vários recursos tecnológicos, salas climatizadas com quadro branco e projetores e um quadro de professores qualificados que atendem os 16 *campi* distribuídos pelo estado.

O campus do Ifal em Maceió está localizado no bairro Centro, em uma área urbana e comercial estruturada. Há em seu entorno escolas públicas e privadas, além de serviços de saúde. Há um amplo atendimento de transporte público, com linhas de ônibus que se interligam a vários bairros e a alguns municípios da região metropolitana.

Por causa de algumas intercorrências em anos letivos anteriores, entre elas a pandemia da Covid-19, o calendário escolar encontra-se atualmente atrasado. As turmas de alunos do 3º ano dos cursos de edificações e eletrônica, cursos acompanhados no estágio, por exemplo, concluíram o 3º bimestre do ano letivo de 2024 no final do mês de abril de 2025.

A escola disponibiliza cursos nos três turnos de segunda a sexta-feira, iniciando as atividades às 7h da manhã e encerrando às 22h20. O campus Maceió oferece à comunidade programas de Educação Básica na modalidade técnico integrado, incluindo cursos como Edificações, Estradas, Informática; cursos subsequentes nas áreas de Mecânica, Segurança do Trabalho, Química e Eletrotécnica; licenciaturas em Letras, Matemática, Química, Ciências Biológicas e Física; como também bacharelados e cursos tecnológicos, além de pós-graduações, entre outros.

A caracterização do Ifal – campus Maceió – como instituição que se encontra em uma situação estrutural privilegiada, se comparada à situação de outras escolas do

estado e até do país, não é simplesmente uma opinião. A escola conquistou em 2020, a segunda colocação no Concurso *Colegio del año en español*, promovido pela Embaixada da Espanha no Brasil em colaboração com o Colégio Miguel de Cervantes, de São Paulo, colocando a instituição como a única do estado a ser reconhecida pela excelência no ensino da língua espanhola no país (Instituto Federal de Alagoas, 2020). Em fevereiro de 2023 o Ifal Maceió recebeu a visita da embaixadora da Espanha no Brasil, Mar Fernández-Palacios, que veio prestigiar o campus pela conquista.

3. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E APORTE TEÓRICO

As atividades serão relatadas em conformidade com os subsídios teóricos estudados nas disciplinas do curso, tendo como foco principal a otimização do aprendizado da língua espanhola por meio da utilização de elementos de interdisciplinaridade associados ao desenvolvimento de competências orais e escritas trabalhadas em sala de aula, com base nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM).

3.1. Considerações iniciais sobre a prática e o desenvolvimento do estágio

De modo geral, o Estágio Supervisionado se apresenta como um espaço no qual muitos dos alunos da licenciatura lidam com as primeiras nuances, as primeiras dificuldades, os primeiros prazeres proporcionados pelas atividades realizadas em sala de aula. Trata-se da observação, na prática, daquilo que se estuda em teoria.

Ao se deparar no primeiro momento com as realidades encontradas nas escolas percebemos que “a chegada no campo de estágio é um momento delicado e decisivo, que implica dificuldades e idiossincrasias [...]” (Fontana, 2011, p. 25). Conforme mencionado, essa vivência começou pelo menos um mês antes do início do estágio, que foi desenvolvido de março a maio de 2025, devido à participação no Pibid (ciclo 2024-2026) nas turmas de 3º ano do curso de eletrônica (323-A) e edificações (223B).

Desde os primeiros dias, encontrou-se na classe um ambiente de cordialidade e respeito por parte de todos(as), alunos(as) e professora supervisora. As atividades realizadas pela referida docente buscam sempre observar elementos de expressão oral e escrita e a análise crítica do conteúdo estudado, através de debates que, em geral, são muito produtivos. Essas atividades são realizadas por meio de trabalhos que

contemplam a produção de textos em espanhol e que são amplamente discutidos em sala de aula pelos alunos.

Com o advento da Lei nº 13.415/2017, que revogou a obrigatoriedade da oferta da disciplina de língua espanhola no ensino médio, foi possível observar, em diversas instituições, certo “estado de precariedade em que se encontra o espanhol como componente curricular no ensino básico” (QUEIROZ, 2023, p. 69). Na contramão deste cenário, o Ifal se apresenta como foco de resistência no ensino de espanhol, uma vez que o ensino da língua permaneceu em sua grade curricular.

Encontramos no Ifal uma relação harmoniosa entre professora e alunos(as), um ambiente de aprendizagem alegre e saudável. As atividades desenvolvidas nas turmas da docente supervisora priorizam elementos de expressão oral e escrita e a análise crítica do conteúdo estudado por meio de debates. Nessas atividades, os alunos são estimulados a desenvolver trabalhos que contemplam a produção de textos em espanhol e que são amplamente discutidos em sala de aula. Para Moraes (2002), o foco no aprendizado da língua estrangeira deve necessariamente priorizar a leitura e compreensão de textos verbais tanto orais quanto escritos, presentes em diferentes situações da vida cotidiana. “O caráter prático do ensino da língua estrangeira permite a produção de informação e o acesso a ela, o fazer e o buscar autônomos, o diálogo e a partilha com semelhantes e diferentes” (Moraes, 2002, p. 94).

Em uma dessas atividades, após um amplo debate sobre as comemorações do dia 8 de março (Dia Internacional da Mulher), quando se discutiu sobre violência de gênero, feminismo e outros temas relacionados, a professora propôs que os(as) alunos(as) fizessem um trabalho de expressão oral intitulado *Mujeres que nos inspiran*, no qual cada estudante elaborou uma breve apresentação em espanhol relatando peculiaridades sobre mulheres que eles consideram importantes para sua formação pessoal.

Esse tipo de tarefa nos proporcionou não apenas um contato mais próximo com a turma, uma vez que alguns dos discentes, por iniciativa própria, relataram experiências pessoais muito comoventes, como também nos ajudou a analisar o nível de expressão oral de cada um e da classe de modo geral, com base, por exemplo, nos pressupostos teóricos propostos por Buyse (2019). Tratam-se de informações que contribuirão significativamente para a elaboração das atividades que pretendemos propor em outros momentos.

Segundo a professora supervisora, o planejamento das aulas é realizado levando em consideração conteúdos que abordam assuntos relativos à realidade cotidiana dos alunos, associados a uma metodologia de ensino que contempla temáticas transversais,

práticas de letramento crítico e questões decoloniais, que são trabalhadas nas discussões em sala e nas atividades realizadas pelos alunos.

Nessas primeiras aulas conseguimos observar, na prática, que boa parte do conhecimento teórico adquirido na nossa formação acadêmica pode ser aplicado em sala se houver um planejamento pedagógico adequado; nas atividades desenvolvidas em sala a maioria dos alunos se mostrou disposta a participar e contribuir, cada um a seu modo, dentro de suas capacidades pessoais, com as discussões propostas, com a produção de pequenos textos e com a realização desses exercícios de oralidade que, relacionados a temas sociais e temas relativos a suas vidas cotidianas ajudam a produzir os questionamentos necessários para que se desenvolva uma reflexão mais aprofundada dos temas abordados.

Considerando as observações realizadas, acredita-se que a mediação exercida pela professora é, neste caso, fator fundamental no processo de aprendizagem, uma vez que ela consegue manter a maioria dos alunos engajados nos temas trabalhados, trazendo os debates para a realidade vivida por eles e relacionando sempre os assuntos estudados a temas do cotidiano, a exemplo do já mencionado Dia Internacional da Mulher, despertando assim o interesse de grande parte da turma.

3.2. As Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM)

Segundo as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (Brasil, 2006), a qualidade da escola é fator decisivo na inclusão e democratização de oportunidades no Brasil, uma vez que a formação linguística, por exemplo, vai além da mera instrumentalidade e se torna formação cidadã. Como já mencionado, o Ifal se encontra em uma situação estrutural privilegiada em relação a outras escolas públicas do estado, talvez até em relação às escolas da região Nordeste, quiçá do país. Que fique claro que essa situação não exime o instituto das dificuldades inerentes às questões de políticas de educação que afetam a todos, mas é fato notório que, de forma geral, a qualidade do ensino oferecida pelo Ifal é diferenciada. O instituto é, por exemplo, uma das poucas escolas que ainda ofertam o ensino de língua espanhola em Alagoas.

Durante as observações das atividades em classe percebe-se uma constante intenção de seguir as orientações curriculares para o ensino da língua espanhola presentes na OCEM, a exemplo de noções como as de cidadania, identidade, plurilinguismo e multiculturalismo (Brasil, 2006, p. 149) presentes em atividades do cotidiano. A associação entre as várias competências comunicativas como forma de otimizar o

aprendizado é uma metodologia amplamente aplicada pela professora supervisora em suas atividades.

A utilização – tanto por alunos quanto por professores – de aspectos sociais e culturais dos países falantes de língua espanhola pode, como sugere a proposta que consta do Plano Curricular Nacional do Ensino Médio, otimizar o aprendizado. Quando o professor utiliza elementos de interdisciplinaridade, abordando aspectos da língua estudada associados a outras disciplinas da grade curricular, como geografia, artes e história, promove com isso um processo que pode proporcionar uma maior flexibilidade nos estudos da língua espanhola.

Em outro momento, a professora supervisora trabalhou com os alunos um dos textos do livro *Cartas a mi mamá*, da ativista social cubana Tereza Cárdenas, que trata de temas relevantes sobre racismo. Depois de ler e discutir o material, os alunos começaram a responder em espanhol quatro questões abertas que de certa forma exigem um pouco mais de atenção e raciocínio, uma vez que abordam aspectos mais subjetivos da narrativa como, por exemplo, identificar a temática presente no texto ou explicar o que a personagem quis dizer com uma determinada fala.

Assim como propõe o PCN Ensino Médio (Brasil, 2000), esse tipo de atividade contribui para desenvolver habilidades e competências relacionadas à contextualização sociocultural dos alunos, uma vez que esses questionamentos permitem uma reflexão importante sobre o seu lugar no mundo enquanto cidadãos que participam de alguma forma nas transformações da sociedade em que vivem.

Em outra atividade, a professora projetou no quadro um cartaz com termos em espanhol propondo uma discussão sobre cada um deles para que os(as) alunos(as) tivessem a oportunidade de questionar, dirimir dúvidas e até desvendar os conceitos relacionados àquelas palavras, que, mesmo sendo conhecidas por muitos deles, percebia-se que pairava ainda uma possível incerteza sobre a real definição de algumas delas. As palavras e expressões como *Feminismo*, *Machismo*, *Techo de Cristal*, *Sororidad*, *Misoginia*, *Patriarcado* e *Sexismo*, acompanhadas do questionamento *¿Estas palabras son comunes para ustedes?* deram o suporte para uma frutífera discussão que teve uma boa participação dos(as) discentes. Um deles inclusive usou como exemplo para definir patriarcado uma abordagem referente ao tema que está presente no filme *Barbie*, de 2023, dirigido por Greta Gerwig.

Concluído o debate, a professora pediu que os(as) alunos(as) pegassem seus celulares para responder uma atividade de fixação do tema no *Kahoot*. A atividade pedia que eles(as) respondessem questões relacionadas à discussão anterior como *¿Qué es el*

sexismo?, *¿Qué significa el término “techo de cristal”?*, *¿Qué es el patriarcado?*, *¿Qué significa sororidad?*, entre outras. Ao exibir, em sala de aula, o resultado de cada uma das 11 perguntas, a professora iniciava um breve debate com explicações e considerações sobre as respostas escolhidas pelos(as) alunos(as). Um fato interessante que ocorreu nessa atividade foi que, mesmo depois de toda discussão sobre o tema, duas pessoas responderam à pergunta *¿Cuánto sabes de feminismo?* marcando a alternativa que afirmava que *El feminismo busca la superioridad de las mujeres*. A professora aproveitou a situação para enfatizar a ideia de feminismo enquanto movimento que busca a igualdade entre as pessoas e o combate a qualquer forma de discriminação ou violência contra as mulheres.

As destrezas principais – escutar, ler, falar e escrever –, adquiridas de forma integrada e associadas à interdisciplinaridade, podem resultar em um aprendizado mais efetivo da língua estrangeira, proporcionando aos estudantes a utilização desse aprendizado de forma prática, o que pode incentivar a continuidade dos estudos mesmo depois de concluída a educação básica.

As reflexões sobre o estudo/aprendizado da língua espanhola, como sugerem as OCEM, possuem caráter amplo e abrangente, mas devem, de forma geral, englobar aspectos que contribuam para o desenvolvimento social/cultural/político dos alunos, contribuindo, assim, para ajudar a formar cidadãos que consigam compreender o mundo de forma crítica e reflexiva.

4. Considerações finais

De modo geral, as observações realizadas durante esse período nos proporcionaram a oportunidade de observar in loco o desenvolvimento prático das teorias estudadas em sala de aula. Vivenciar esses momentos constitui uma etapa fundamental para o estudante de qualquer licenciatura no processo prático de aprendizado. É nessa observação que podemos contemplar as estratégias de ensino de professores experientes que emprestam suas habilidades, seus conhecimentos, seus improvisos para que possamos analisar e decidir o que fazer com eles.

Estas experiências dos professores supervisores, adquiridas no trabalho realizado no dia-a-dia, só podem ser repassadas de forma efetiva pela observação direta e pela troca de ideias no ambiente escolar, no momento e no local onde os eventos acontecem; por isso esta atividade prática é tão importante.

Assim, os prazeres, as conquistas, os desafios e as incertezas vão, com o auxílio do(a) professor(a) supervisor(a), dando as primeiras formas ao futuro profissional; moldando a sua sensibilidade, a sua percepção da sala de aula, até que aquele lugar se torne mais íntimo e seja possível perceber, ao entrar na sala, onde estará cada aluno, cada sentimento, cada palavra que será proferida durante a aula.

Diante do ambiente de cordialidade proporcionado tanto pela professora supervisora quanto pela turma na qual se realizou o estágio, as maiores dificuldades encontradas foram relacionadas a questões pessoais como superação de limites próprios, uma vez que não havia experiências anteriores em sala de aula como professor, apenas como aluno. Logo, percebemos que o caminho para o aprendizado da profissão passa de forma marcante pela prática diária, pela observação, pelos diálogos, pela construção e desenvolvimento de projetos, pela improvisação, por acertos e erros que ajudam a construir um profissional com capacidade de contribuir significativamente no processo de aprendizado dos alunos.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio (Linguagens, códigos e suas tecnologias)**. Brasília: MEC/SEF, 2006. p. 1-9; 127-164. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf. Acesso em: 18 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEF, 2000. p. 25-32. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2025.

BUYSE, Kris. Destrezas II: Expresión y comprensión escritas. In: JIMÉNEZ CALDERÓN, Francisco; RUFAT SÁNCHEZ, Anna (org.). **Manual de formación para profesores de ELE**. Madrid: SGEL, 2019. p. 121-142.

FONTANA, R. Estágio – Do labirinto aos frágeis fios de Ariadne. In: GONÇALVES, A.; PINHEIRO, A.; FERRO, M. (org.). **Estágio supervisionado e práticas educativas: diálogos interdisciplinares**. Dourados: Editora UEMS, 2011. p. 19-31.

Instituto Federal de Alagoas. Maceió, 2020. Disponível em: <https://www2.ifal.edu.br/noticias/ifal-e-reconhecido-por-excelencia-no-ensino-de-espanhol-no-brasil>. Acesso em: 31 jul. 2025.

MARTÍN LERALTA, Susana. Destrezas I: comprensión y expresión orales. In: JIMÉNEZ CALDERÓN, Francisco; RUFAT SÁNCHEZ, Anna (org.). **Manual de formación para profesores de ELE**. Madrid: SGEL, 2019. p. 99-120.

MORAES, Liani. Língua Estrangeira Moderna. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **PCN+ Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 2002. p. 93-137. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2025.

QUEIROZ, Jozefh. Observação em estágio supervisionado de língua espanhola: reflexões dos agentes envolvidos. **Leitura**, Maceió, n. 75, p. 66-76, jan./abr. 2023. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/15119>. Acesso em: 1 abr. 2026.



ARTIGOS

A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO TEXTUAL EM EDITORIAIS ALAGOANOS: UMA ANÁLISE DOS PROCESSOS REFERENCIAIS

Daniel Barbosa Ferreira¹

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar os elementos referenciais e sua importância para a construção do sentido textual em editoriais alagoanos, considerando o papel da referenciação na organização discursiva e na progressão temática do texto. Para tanto, buscou-se respaldo em estudos da Linguística Textual, com destaque para Koch (2015), Marcuschi (2008) e Costa (2008), entre outros; no que concerne às discussões específicas sobre os processos de referenciação, sobressaem-se as contribuições de Cavalcante (2012), Cavalcante et al. (2020, 2022) e Koch e Elias (2021). A pesquisa desenvolve-se a partir de uma abordagem qualitativa, de cunho interpretativista, sem o emprego de dados numéricos ou quantitativos, priorizando a análise das formas linguístico-referencial em contexto real de circulação de textos da esfera jornalística. Os resultados evidenciaram que os processos coesivos referenciais são fundamentais para a construção do sentido textual, uma vez que possibilitam a retomada, a recategorização e a progressão dos objetos de discurso, revelando as habilidades linguístico-textuais do editorialista na condução argumentativa do gênero. Nesse sentido, o estudo contribui para o aprofundamento das discussões teóricas sobre a referenciação textual, além de colaborar para a compreensão do funcionamento discursivo do gênero editorial, com implicações relevantes para os estudos do texto.

Palavras-chave: Gênero editorial. Linguística Textual. Referenciação. Sentido textual.

¹I Graduado em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Atualmente integra o corpo docente do curso de pós-graduação em Linguagem e práticas sociais (IFAL), Arapiraca. Integra o grupo de pesquisa Linguagem e 19 Retórica (CNPq/UFAL), com interesse em Linguística Textual, Argumentação, Retórica e Gêneros Textuais. E-mail: danielbarbosaf01@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6343-8344>

THE CONSTRUCTION OF TEXTUAL MEANING IN ALAGOAN EDITORIALS: AN ANALYSIS OF REFERENTIAL PROCESSES

ABSTRACT: This article aims to analyze referential cohesive elements and their importance for the construction of textual meaning in editorials from Alagoas, considering the role of referential processes in discourse organization and thematic progression. To this end, the study draws on research in Textual Linguistics, particularly the works of Koch (2015), Marcuschi (2008), and Costa (2008), among others; with regard to specific discussions on referential processes, the contributions of Cavalcante (2012), Cavalcante et al. (2020, 2022), Koch and Elias (2021). The research adopts a qualitative, interpretivist approach, without the use of numerical or quantitative data, prioritizing the analysis of linguistic-discursive uses in real contexts of circulation. The results showed that referential cohesive processes are fundamental to the construction of textual meaning, as they enable the resumption, recategorization, and progression of discourse objects, revealing the editorialist's linguistic-textual skills in the argumentative management of the genre. In this sense, the study contributes to deepening theoretical discussions on referentiality and textual cohesion, while also enhancing the understanding of the discursive functioning of the editorial genre, with relevant implications for text studies.

Keywords: Editorial genre. Referentiality. Textual Linguistics. Textual meaning.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma análise sobre a importância da referenciação em editoriais do jornal Gazeta de Alagoas. No decorrer do estudo, houve um enfoque nos processos coesivos ligados à Linguística Textual (doravante LT). Essa análise permitiu não apenas um melhor entendimento da escritura do editorialista, como também um entendimento claro sobre a construção do sentido textual que se dá por meio dos processos referenciais.

Para isso, este estudo baseou-se nos postulados teóricos de Koch (2015) e Marcuschi (2008), entre outros, no que se refere às discussões sobre texto. No que diz respeito às questões acerca dos processos referenciais, fundamenta-se nas discussões de Cavalcante (2012), Cavalcante et al. (2020, 2022), Koch e Elias (2021), Santos e Ferreira (2025), entre outros autores. Já para as discussões sobre o gênero editorial, o trabalho segue os postulados de Costa (2008), Melo (2003) e Santos (2013, 2018), além de outros.

No que diz respeito à metodologia do trabalho, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, uma vez que seu foco não está centrado em estatísticas numéricas, mas em interpretações de textos e seus fenômenos. Apresenta, assim, um caráter interpretativista, ao sondar os saberes textuais/discursivos em contexto jornalístico. O *corpus* é constituído por editoriais disponíveis no jornal Gazeta de Alagoas. Os critérios de análise seguem os estudos da LT.

O trabalho tem por objetivo geral analisar, em editoriais alagoanos, os elementos coesivos sob a ótica da referenciação, não se limitando à classificação de palavras, mas interpretando-as em processo.

As perguntas que nortearam as análises do trabalho são as seguintes: os editoriais analisados apresentam processos referenciais e coesivos? Esses elementos atribuem sentidos aos textos analisados? Ao longo do desenvolvimento do trabalho, buscou-se responder a essas indagações.

Assim, para alcançar as metas do trabalho, este estudo está dividido em etapas, a saber: a) Aspectos textuais; b) A coesão, com foco na referenciação e seus processos; b) considerações acerca do gênero em estudo; c) metodologia e constituição do corpus; d) análises; e e) considerações finais.

2. ASPECTOS TEXTUAIS

No desenvolvimento textual, é necessário estabelecer critérios que tornem a escritura do texto coerente e coesa. Os fatores da textualidade que nutrem essas formas são chamados de vias de acesso ao texto. Fazem parte desses fatores a coesão, a coerência, a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a intertextualidade e a informatividade. O motivo da escolha desses elementos deve-se ao fato de desempenharem atributos necessários para produção de sentido na comunicação.

Os fatores da textualidade são essenciais para a compreensão/recepção de uma mensagem, pois se consideram na troca comunicativa, o texto, sua elaboração e como seu público-alvo o recebe (interpretação da mensagem) etapas primordiais numa ação interacional. Segundo Marcuschi (2008), tais fatores são divididos em dois grupos: no primeiro, o foco recai na contextualidade (conhecimento de mundo); já no segundo, na co-textualidade (conhecimento linguístico). Além disso, cada fator textual segue um princípio de orientação, como apresentam Beaugrande e Dressler, no quadro a seguir:

Fatores de textualidade centrados “no texto”	Fatores de textualidade centradas nos usuários
Coesão e coerência.	Intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, intertextualidade, informatividade.

Quadro I - Agrupamento de fatores da textualidade
Fonte: Beaugrande; Dressler (1981, *apud* Cavalcante et al., 2022)

Para esse estudo, o foco recai sobre um deles: a coesão textual, por ser determinante para o desenvolvimento das análises e discussões propostas neste artigo. A escolha desse recorte justifica-se pelo fato de que os fenômenos observados ao longo do *corpus* analisado evidenciam a recorrência de elementos responsáveis pela fluidez e clareza da escrita textual.

3. A COESÃO TEXTUAL

No que diz respeito à coesão textual, pode-se mencionar que, de fato, esse fator da textualidade desenvolve-se no interior do texto, e é por meio de elementos linguísticos que ela garante sentido em determinada situação de uso da linguagem. Os processos da coesão apresentam-se em formas sequenciais e referenciais.

A coesão sequencial é um tipo de recurso que possibilita ao texto a progressão das ideias e fatos. Nesse tipo de estratégia, o autor de um texto visa articular seu discurso de forma linear, pois pretende, ao longo do texto, manter a coerência discursiva, o que pode ocorrer com o uso de conectores (empregados para estabelecer sentido entre parágrafos, orações e períodos de um texto) e tempos verbais (que ajudam o leitor a compreender a cronologia dos fatos) (Koch, 2015).

Por outro lado, a coesão referencial, foco deste trabalho, é uma ação textual que ocorre por meio de estratégias remissivas, isto é, referenciais. Tal fator coesivo visa projetar ou fixar, na memória do receptor da mensagem, aspectos relevantes do texto. Acrescenta-se, ainda, o fato de esse processo funcionar como uma técnica argumentativa, uma vez que estabelece uma progressão das ideias e fatos narrados na comunicação.

As formas referenciais recorrem ao uso de pronomes (pessoais, relativos ou demonstrativos), artigos definidos, elipses, entre outros. Esses elementos retomam algo já dito (ou não), como é o caso do estudo da anáfora (direta, indireta e encapsulada) ou a catáfora que antecipa um termo dito posteriormente. Tais elementos corroboram para a ligação e harmonia textual.

Ainda é importante ressaltar como os fenômenos da dêixis estão ligados aos da referenciação na escrita de diversos textos, uma vez que a dêixis possibilita a manutenção e a articulação das ideias no âmbito do projeto comunicativo.

3.1 O processo de referenciação

O processo de referenciação ocorre por meio de trocas linguísticas que acontecem no texto para promover seu melhor entendimento. Tal ação acontece por meio das escolhas dos objetos de discurso (Ciulla, 2025). Assim, ao desenvolver um texto, escolhe-se, antes de tudo, sobre o que será discutido.

Essa ação, por sua vez, exige que o escritor do texto acrescente dados e informações relevantes à sua escrita, a fim de garantir a progressão temática (Ferreira, 2025). Logo, surge então a necessidade de retomar o tema debatido. Esse ato linguístico criado na escritura é chamado de referenciação.

A referenciação defendida, neste trabalho, não é aquela que identifica e classifica palavras, mas aquela que interpreta expressões textuais em processo de uso na comunicação. Ou seja, defende-se que esse movimento não põe etiquetas em palavras,

mas analisa, no processo textual, os modos de funcionamento desses itens (Santos; Ferreira, 2025).

3.2 Processos referenciais: introdução e anáforas

No plano da produção textual, existem formas de inserir uma nova informação nos textos, isto é, de promover o uso de uma introdução referencial. Na maioria dos gêneros escritos, essa introdução já aparece nos títulos e é retomada ao longo do texto de forma anafórica. Para Fontinele e Carvalho (2024), o entendimento sobre esse processo textual:

[...] vai além da mera instauração de um elemento no texto. Esse processo requer do leitor a ativação e informações armazenadas na memória sobre o referente introduzido. Esse conhecimento, por sua vez, enriquece a compreensão do texto e colabora para a construção da proposta de sentido. Em outras palavras, a introdução de referentes funciona como intermédio para o leitor negociar sentido diante das informações expressas por esse processo, pois tal estratégia referencial manifesta-se discursivamente nos textos na intenção de requerer do leitor seu engajamento [...] (Fontinele; Carvalho, 2024, p. 305)

Vale salientar que a introdução referencial apresenta um traço que a diferencia das anáforas (que ainda serão discutidas), pois, enquanto as anáforas retomam um objeto de discurso já inserido no contexto, as introduções realizam a ação de inserir um novo tópico. Nesse sentido, faz-se necessário citar as formas pelas quais a anáfora se apresenta na textualidade.

O fenômeno anafórico é essencial para dar continuidade ao projeto textual e ao andamento do referente. A anáfora pode ocorrer de duas formas, muitas vezes complementares e não excludentes. Sobre isso, Cavalcante *et al.* afirmam que a anáfora se apresenta de duas maneiras:

Em uma delas, o fenômeno diz respeito ao processo de remissão de/a um referente (objeto de discurso) no texto por meio de expressões nominais. [...] Em outra dimensão, entende-se como uma conexão entre todos os elementos co(n)textuais para que haja a construção dinâmica dos referentes do texto, não estando tal processo restrito ao uso exclusivo de expressões nominais. (Cavalcante et al, 2020, p. 189)

Face ao exposto, é importante ressaltar que a anáfora apresenta três tipos: direta, indireta e encapsulada. A anáfora direta destaca-se por seu caráter correferencial, isto é, por sua função como mecanismo de remissão a um aspecto textual já introduzido no

texto. Esse fenômeno ocorre por meio de expressões nominais, como pronomes, repetições, sinônimos, entre outros.

No que diz respeito à anáfora indireta (não correferencial), ela se constitui pela não retomada de um mesmo referente explícito no texto, mas pela retomada realizada por meio de expressões textuais e de conhecimentos partilhados presentes na escrita. Logo, a diferença entre as duas reside no fato de que a anáfora direta retoma um referente já situado no contexto discursivo, enquanto, na anáfora indireta, essa construção ocorre por meio de antecedentes não explicitamente referenciados no texto (Cavalcante et al., 2022).

Ainda, cabe fazer algumas considerações sobre a anáfora encapsuladora (resumitiva), que apresenta como principal característica a capacidade de resumir porções textuais. Os encapsulamentos podem resumir não somente as anáforas, mas também as introduções, que na maioria das vezes ocorre por meio de pronomes demonstrativos.

3.3 A dêixis e seus processos

O estudo das formas dêíticas formadas pelo eu-aqui-agora (*ego, hic, nunc*) são essenciais para o entendimento textual, pois, para interpretar um discurso, é necessário conhecer o tempo, o espaço, quem fala e com quem se fala. Tudo isso é assegurado por Leal (2015), quando afirma:

O termo dêixis é empregado em linguística para referir funções desempenhadas por pronomes pessoais e demonstrativos, advérbios de tempo e de lugar e ainda uma variedade de outros traços lexicais e gramaticais que se relacionam a expressões espaço-temporais, relevantes do contexto de enunciação (Leal, 2015, p.75).

A dêixis é objeto de estudo desde os tempos dos estudiosos como Benveniste e Bühler, e sua importância nos estudos do texto e do discurso permanece sendo relevante até hoje. Na literatura atual sobre os tipos dêíticos, sobressaem-se, primeiramente, suas formas clássicas: a dêixis de tempo, de espaço e de pessoa.

Além dos três tipos clássicos dos processos dêíticos há ainda outros cinco tipos (social, textual, memorial, modal e fictivo), que, por questões metodológicas, não serão aprofundados neste trabalho. A seguir seguem algumas pontuações sobre os três tipos clássicos da dêixis.

Em primeiro lugar, pontuam-se os dêíticos de espaço/lugar, que na maioria das vezes, apontam para uma localização física ou geográfica que, nesse sentido, constrói uma

referência de realidade concreta e situa o leitor/ouvinte no interior do campo enunciativo.

Agora, fazem-se pontuações sobre os dêiticos temporais, que servem para gerenciar o tempo (o agora, o hoje, o ontem) na interação. Esse tipo dêitico é importante, sobretudo em conversações reais de uso da língua, uma vez que é necessário estabelecer, no campo dêitico, o momento a que se refere o ato de fala.

Por fim, quanto à utilização dos dêiticos pessoais, eles transmitem efeitos multifacetados aos textos, pois sua principal função no circuito comunicativo é identificar os falantes e os interlocutores ativos do ato interativo.

Ao identificar quem fala por meio de dêiticos pessoais, manifesta-se também “sua adesão (ou não) a determinados posicionamentos (Cavalcante; Martins, 2020).” Desse modo, a dêixis de pessoa constitui o centro do campo enunciativo; assim, tal processo é egocentrado em um eu, que instaura um tu (ouvinte) na enunciação, situada em um tempo e em um espaço específicos.

Logo, pode-se afirmar que a dêixis é um elemento essencial para a escrita de textos, e que esse processo não se opõe às introduções nem às anáforas, pois pode somar-se a elas, aparecendo na introdução de referentes ou realizando remissões diretas ou indiretas aos objetos de discurso

4. O GÊNERO DISCURSIVO EDITORIAL

O gênero discursivo editorial de jornal, objeto de análise deste trabalho, é compreendido como um gênero de natureza opinativa, uma vez que sua produção pressupõe a assunção de uma posição diante de temas de relevância social. Conforme destaca Melo (2003), “o editorial configura-se como um espaço de contradições” (p. 105).

Nesse sentido, pode-se afirmar que o editorial se dirige à opinião pública, com a finalidade de orientar argumentativamente o leitor; muitas vezes já familiarizado com a temática abordada. No escopo deste estudo, os editoriais analisados inserem-se em um contexto de circulação estadual, isto é, pertencem a um jornal do estado de Alagoas.

Trata-se de um gênero que apresenta especificidades quanto à sua estrutura e à sua escrita: caracteriza-se por não ser assinado, o que lhe confere um caráter impessoal; contudo, as posições assumidas devem estar em consonância com a orientação ideológica do jornal (frequentemente associada à figura do redator-chefe) (Santos, 2018). No que diz respeito à sua circulação, Ferreira(2025) afirma:

A circulação desse gênero pode ocorrer em jornais, revistas, blogs e colunas. Geralmente, aparece na página da seção “editorial” devido ao seu caráter argumentativo-opinativo e circula junto aos gêneros de linha opinativa, como a charge e o artigo de opinião (Ferreira, 2025, p.33).

Vale salientar, que o gênero editorial, possui outra característica significativa em relação ao seu estilo, que o diferencia de outros gêneros: o fato de ser uma espécie de ensaio curto, caracterizado pela topicalidade do assunto (Costa, 2008).

Em síntese, Santos (2013, p. 60) afirma que, quanto à natureza do gênero, “o editorial é dividido em *promocional*, que é coerente com o pensamento da empresa; *circunstancial*, que tem um cunho imediatista; e polêmico, que se diz contestador.”

5. PONTUAÇÕES METODOLÓGICAS

Este estudo insere-se no campo da Linguística Textual, com foco nos processos de referenciação na construção de sentidos em textos do gênero editorial. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa de natureza interpretativista, adequada à investigação de fenômenos linguístico-discursivos em contextos específicos (Flick, 2009).

Nessa perspectiva, busca-se compreender como os processos referenciais atuam na construção dos objetos de discurso e na orientação argumentativa dos textos analisados, considerando não apenas aspectos linguísticos, mas também suas relações com o contexto de produção e circulação.

5.1 Constituição do *corpus*

O corpus da pesquisa é constituído por dois editoriais publicados em um jornal de ampla circulação no estado de Alagoas, selecionado em função de sua relevância no cenário midiático regional e de sua expressiva atuação na formação de opinião pública.

A seleção dos textos ocorreu a partir de um recorte temporal compreendido entre os anos de 2022 e 2024. Inicialmente, realizou-se a leitura de um conjunto mais amplo de editoriais, dos quais foram escolhidos aqueles que apresentavam maior densidade de processos referenciais, possibilitando uma análise mais consistente e produtiva dos fenômenos investigados.

A opção por um *corpus* reduzido justifica-se pela natureza qualitativa da pesquisa, que privilegia a análise aprofundada dos dados em detrimento de uma abordagem

quantitativa. Nesse sentido, a investigação concentra-se na descrição e interpretação detalhada dos processos de referenciação, tais como introdução referencial, anáforas, recategorização e dêixis.

Reconhece-se, como limitação do estudo, o recorte restrito do corpus, o que não permite generalizações amplas. Contudo, tal escolha possibilita uma análise mais aprofundada dos fenômenos, contribuindo para a compreensão dos processos referenciais no gênero editorial, especialmente no contexto da imprensa regional.

6. ANÁLISES

Análise 1: editorial “Sem horizontes”

O editorial *Sem horizontes*, publicado em dezembro de 2023, aborda a problemática dos jovens que não estudam nem trabalham, construindo uma perspectiva crítica sobre esse fenômeno social. O título do editorial funciona como um recurso retórico que antecipa o posicionamento do texto ao atribuir a esses sujeitos a condição de “sem horizontes”, produzindo um efeito de sentido associado à ausência de perspectivas futuras.

Sob a perspectiva da referenciação, o título atua como uma introdução referencial (Cavalcante, 2012), ao instaurar o objeto de discurso e orientar a leitura desde o início. Ao nomear os jovens dessa forma, o editorial não apenas os identifica, mas os recategoriza, construindo uma imagem social marcada pela falta de projeção e expectativa.

No desenvolvimento do texto, o Brasil é configurado como o espaço em que essa problemática se inscreve, enquanto jovens e adolescentes são apresentados como os principais atores sociais afetados. A construção discursiva sugere que essa condição interfere em suas trajetórias profissionais, reforçando um quadro de desengajamento.

Nesse contexto, observam-se referências dêiticas espaciais que situam o fenômeno no território brasileiro e delimitam o grupo analisado, especialmente na faixa etária entre 15 e 29 anos, contribuindo para a ancoragem do discurso em uma realidade social específica.

Quadro I – Fragmento I

No Brasil, um em cada cinco jovens de 15 a 29 anos não estuda nem trabalha. Esse grupo, chamado de "nem-nem", representa um problema social grave, com consequências negativas para o indivíduo, para a família e para a sociedade como um

todo.

Fonte: *Corpus* da pesquisa

Após introduzir a problemática, o editorialista recategoriza o grupo de jovens ao empregar a expressão “nem-nem”, reforçando uma rotulação social que sintetiza sua condição de exclusão dos campos educacional e profissional. Essa escolha lexical intensifica o tom crítico ao atribuir ao grupo um lugar de passividade e improdutividade, ampliando o julgamento já sugerido no título.

Observa-se um processo de recategorização do objeto de discurso: inicialmente apresentados como “sem horizontes”, os jovens passam a ser designados como “nem-nem”, o que reconfigura e especifica sua representação ao longo do texto. Esse movimento contribui para a progressão temática e para a construção de uma imagem social marcada por ausência de perspectiva e desengajamento (Koch; Elias, 2021).

Além disso, o editorialista recorre à anáfora direta ao retomar “os jovens que não estudam nem trabalham” por meio do pronome “eles”. Mais do que um mecanismo de coesão, essa escolha contribui para a generalização do grupo, apagando individualidades e reforçando sua construção como categoria homogênea, o que intensifica o efeito argumentativo do texto.

Quadro 2 – Fragmento 2

Os jovens que não estudam nem trabalham estão em situação de vulnerabilidade social. *Eles* têm maiores chances de viver na pobreza, de sofrer de problemas de saúde mental e de se envolver em atividades criminosas. Além disso, têm menor probabilidade de conseguir um emprego de qualidade no futuro.

Fonte: *Corpus* da pesquisa

Para fortalecer sua tese, o editorialista recorre ao uso do elemento dêitico de espaço ao afirmar: “No Brasil, a taxa de jovens”, com o intuito de situar seus leitores sobre a localização da problemática dos *nem-nem*. Ainda se utiliza de dados estatísticos quando diz: “a taxa de desemprego entre os jovens de 18 a 24 anos é de 27%, o que é muito superior à taxa geral de desemprego, de 10,5%”. Ao utilizar esse recurso quantitativo o escritor credibiliza não só sua argumentação ao trazer dados que a sustentam, como também visibiliza a própria temática dos *nem-nem*.

Quadro 3 – Fragmento 3

O desemprego entre os jovens é um dos principais fatores que contribuem para o fenômeno dos *nem-nem*. No Brasil, a taxa de desemprego entre os jovens de 18 a 24 anos é de 27%, o que é muito superior à taxa geral de desemprego, de 10,5%. Outros fatores que contribuem para o fenômeno dos *nem-nem* são a falta de acesso à educação de qualidade, a desigualdade social e as dificuldades de inclusão no mercado de trabalho.

Fonte: *Corpus* da pesquisa

O editorial também sugere, de forma implícita, possíveis causas para o fenômeno, ao atribuir responsabilidade a setores como educação, inclusão social e mercado de trabalho. Esse movimento amplia o escopo argumentativo do texto, deslocando a questão do plano individual para o institucional.

Nos trechos em que propõe soluções, observa-se o uso recorrente de estratégias de encapsulamento referencial (Cavalcante et al., 2022), por meio das quais o autor retoma e condensa segmentos anteriores do discurso. Ao defender a criação de oportunidades de emprego por meio de “políticas públicas”, o editorial posteriormente recorre à expressão “essas políticas”, sintetizando a proposta apresentada e mantendo sua continuidade temática.

Esse recurso não apenas evita repetições, mas também reforça a coesão argumentativa, ao transformar ações previamente descritas em objetos de discurso mais estáveis e manipuláveis ao longo do texto.

Em outro momento, ao tratar da inclusão social, o editorial retoma a proposta de “promover políticas públicas” por meio do demonstrativo “essas”, novamente condensando a informação anterior. Tal escolha contribui para a progressão textual e para a reafirmação das soluções defendidas, conferindo unidade ao posicionamento do editorial.

Quadro 4 - Fragmento 4

Para combater o problema dos *nem-nem*, é necessário investir na educação, na geração de empregos e na inclusão social dos jovens. No campo da educação, é preciso garantir que todos os jovens tenham acesso a uma educação de qualidade, desde a educação básica até a educação superior. É também importante investir na formação profissional dos jovens, para que eles tenham as habilidades necessárias para o mercado de trabalho.

No campo da geração de empregos, é preciso criar políticas públicas que promovam a geração de empregos de qualidade para os jovens. Essas políticas devem levar em conta as necessidades específicas dos jovens, como a flexibilidade de horários e a possibilidade de conciliar o trabalho com os estudos.

No campo da inclusão social, é preciso combater a desigualdade social e promover políticas públicas que ajudem a inclusão dos jovens no mercado de trabalho. Essas políticas devem incluir ações de combate ao preconceito e à discriminação, bem como ações de apoio aos jovens que enfrentam dificuldades de acesso ao mercado de trabalho.

Fonte: *Corpus* da pesquisa

A análise do editorial evidencia uma organização discursiva que se inicia com a apresentação do tema, seguida de sua problematização e, por fim, da proposição de encaminhamentos possíveis. Esse percurso contribui para a construção do posicionamento do texto e para o engajamento do leitor diante da questão abordada.

Nesse processo, os elementos referenciais desempenham papel central na construção de sentido, ao estruturar a progressão temática e sustentar a orientação argumentativa do editorial. Seu uso não apenas garante a coesão textual, mas também participa da construção das representações dos sujeitos envolvidos, direcionando a leitura para uma interpretação específica do fenômeno dos “sem horizontes”.

Destaca-se, nesse contexto, a expressão “nem-nem”, que atua como forma de recategorização ao condensar e reforçar a imagem dos jovens como um grupo marcado pela exclusão dos âmbitos educacional e profissional.

Análise 2: editorial “A carta da democracia”

O dia 5 de outubro marca o aniversário da Constituição Federal de 1988, documento que instituiu o Estado democrático de direito no Brasil, após o período ditatorial, e ampliou os direitos dos cidadãos. Em 2022, quando se completaram 34 anos de sua promulgação, o jornal Gazeta de Alagoas publicou o editorial *A Carta da Democracia*, propondo uma reflexão sobre seu conteúdo.

Quadro 5 - Fragmento 5

A Constituição Federal de 1988, símbolo da democracia, completou ontem 34 anos. Elaborada após o período militar, ela trouxe avanços em relação aos direitos e

garantias de brasileiras e brasileiros, além de dar voz à sociedade civil organizada e consolidar o Estado Democrático de Direito.

Fonte: *Corpus* da pesquisa

Inicialmente, o editorial adota um movimento definicional ao recategorizar a Constituição como “símbolo da democracia”, atribuindo-lhe um valor que ultrapassa sua dimensão jurídica e a projeta como marco político e social. Em seguida, o uso de coordenadas temporais dêiticas situa o leitor tanto no momento de sua promulgação (1988) quanto no tempo decorrido até 2022, o que atualiza o documento no presente e reforça sua permanência no cenário contemporâneo.

Observa-se, ainda, a ocorrência de anáfora direta quando o editorialista enuncia “A Constituição Federal de 1988, símbolo da democracia” e, posteriormente, a retoma por meio do pronome “ela”. Ao empregar esse recurso, o texto mantém o referente em evidência e lhe atribui agência, associando-o aos avanços mencionados e construindo a Constituição como responsável pela organização social e pela ampliação de direitos.

Esse movimento se intensifica quando o editorial mobiliza a expressão “Constituição Cidadã”, por meio da qual o documento é novamente recategorizado. Tal designação projeta uma imagem positiva e legitimadora, ao vinculá-lo à ampliação da participação política e à garantia de direitos. Nesse contexto, ao enumerar elementos como “pluralismo político, o voto direto e secreto, a garantia dos direitos políticos individuais [...] e as condições de elegibilidade”, o texto consolida a Constituição como fundamento da ordem democrática, reforçando seu papel estruturador na sociedade brasileira.

Quadro 6 - Fragmento 6

A nova Carta ficou conhecida como Constituição Cidadã, porque apresenta cláusulas essenciais à manutenção e ao fortalecimento da democracia, como o pluralismo político, o voto direto e secreto, a garantia dos direitos políticos individuais, o princípio da anterioridade da lei eleitoral e as condições de elegibilidade do cidadão que concorre a determinado cargo eletivo. Também reestruturou os Poderes da República e fortaleceu o Ministério Público, transformando-o em um órgão independente, autônomo e detentor da prerrogativa da ação civil pública. Na área econômica, os constituintes fortaleceram a estrutura do Estado, estabelecendo os monopólios da exploração do subsolo, do minério, do petróleo, dos recursos hídricos, do gás canalizado, das comunicações e do transporte marítimo. Não há dúvida de que é a Constituição, embora não seja perfeita e precise de ajustes, é a mais democrática da história do País. Entretanto, parte desses conceitos não saiu

do papel seja porque ficaram para regulamentação posterior, que nunca ocorreu, seja por falta de recursos para implementar o que já foi regulamentado, ou ainda, por falta de vontade política.

Fonte: *Corpus* da pesquisa

O editorial estabelece ainda uma alusão implícita às cláusulas constitucionais ao abordar avanços na área econômica. Isso se evidencia no uso da expressão “os constituintes”, cujo referente não é explicitado, mas pode ser inferido pelo contexto e pelo conhecimento partilhado, remetendo à Constituição. Trata-se, portanto, de um caso de anáfora indireta, em que o referente é reconstruído inferencialmente.

Na continuidade do percurso argumentativo, o texto atribui às cláusulas constitucionais o fortalecimento do Estado, especialmente ao destacar o controle governamental sobre áreas estratégicas. Ao enumerar elementos como “exploração do subsolo, do minério, do petróleo, dos recursos hídricos, do gás canalizado, das comunicações e do transporte marítimo”, o editorial projeta a Constituição como instrumento de organização e regulação econômica, reforçando seu papel estruturador.

Esse movimento se articula a outro uso de anáfora indireta em “A Constituição, embora não seja perfeita e precise de ajustes...”, em que a referência ativa um conjunto de conhecimentos sobre o documento e suas limitações. Ao afirmar sua imperfeição, o texto introduz uma avaliação crítica, ao mesmo tempo em que preserva sua legitimidade ao qualificá-la como “a mais democrática da história do País”.

Na progressão temática, destaca-se a tensão entre direitos assegurados e sua não efetivação, atribuída à falta de recursos ou à má vontade política. Esse deslocamento reorienta o foco da Constituição enquanto norma para sua aplicação concreta, ampliando o alcance argumentativo do editorial.

Nos momentos finais, o texto intensifica os processos de recategorização do referente “Constituição”, ao designá-la como “a Carta” e, posteriormente, como “Constituição real”. Essas reformulações reconfiguram o objeto de discurso, ajustando seu sentido conforme o posicionamento assumido ao longo do texto.

Por fim, o uso de expressões como “os princípios estão lá” mobiliza um dêitico espacial que remete à própria Constituição, construindo-a como repositório das diretrizes que regem o país. Já o emprego de “neste momento” introduz uma marca temporal que ancora o discurso no presente da enunciação, sinalizando urgência e reforçando o apelo por efetivação dos direitos.

Quadro 7 - Fragmento 7

A conjuntura política da época em que a *Constituição foi elaborada* fez com que os congressistas inserissem nela muitas matérias cuja regulamentação deveriam ter ficado a cargo da legislação ordinária. De qualquer forma, a *Carta contribuiu* para a demarcação adequada do papel dos Poderes e para criar no Brasil uma cultura de valorização dos direitos humanos e dos direitos fundamentais.

Os princípios estão lá. O desafio é *regulamentá-los* para que se transformem em direitos efetivos e não apenas formais. É preciso que a *Constituição que está no papel* se transforme na *Constituição real*, para que os seus princípios norteadores permitam recuperar a dignidade, a segurança jurídica e a moralidade que toda a sociedade brasileira deseja *neste momento*.

Fonte: *Corpus* da pesquisa

Assim, o que se pode constatar na leitura e interpretação do editorial é que seu escritor utilizou diversos mecanismos coesivos para manter a coerência e a linearidade do discurso argumentativo. Esses fenômenos manifestaram-se de formas diversificadas, por meio das introduções, anáforas e da dêixis, evidenciando que o editorialista possui conhecimento sobre uma série de aspectos linguístico-textuais.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo analisou editoriais do jornal Gazeta de Alagoas à luz da Linguística Textual, com foco nos processos de referenciação na construção de sentido. A análise evidenciou que tais processos ultrapassam a função de simples retomada, atuando na organização discursiva e na orientação argumentativa do gênero editorial.

Os dados analisados mostraram que estratégias como introdução referencial, anáforas, recategorização e dêixis não apenas asseguram a continuidade temática, mas também participam ativamente da construção dos objetos de discurso. Nesse sentido, observou-se que escolhas referenciais específicas, como a rotulação de grupos sociais, o uso de pronomes anafóricos e a mobilização de expressões dêiticas, contribuem para projetar determinadas representações e direcionar a interpretação do leitor.

Desse modo, a referenciação configura-se como um processo dinâmico por meio do qual o texto não apenas organiza seus elementos internos, mas também constrói posicionamentos e produz efeitos de sentido no contexto do gênero editorial.

Como limitação, destaca-se o recorte reduzido do corpus, composto por dois editoriais, o que não permite generalizações amplas. Ainda assim, essa delimitação

possibilitou uma análise aprofundada dos fenômenos investigados. Como desdobramento, sugere-se a ampliação do corpus, bem como a investigação dos processos referenciais em outros gêneros opinativos e contextos de circulação.

Por fim, o estudo reforça a relevância de abordagens que considerem a referenciação em sua dimensão discursiva, contribuindo para a compreensão do texto como prática social e para o avanço das pesquisas no campo da Linguística Textual.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

CAVALCANTE, M. M. et al. **Linguística textual e argumentação**. Campinas: Pontes, 2020.

CAVALCANTE, M. M. et al. **Linguística textual: conceitos e aplicações**. Campinas: Pontes, 2022.

CAVALCANTE, M. M.; MARTINS, M. A. Efeitos de sentidos de tipos dêiticos. **Revista Investigações**, [S. l.], v. 33, n. especial, p. 185–199, 2020. DOI: 10.51359/2175-294x.2020.244478. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/244478>. Acesso em: 10 jan. 2026.

CIULLA, A. Referenciação e texto. **Revista do GELNE**, [S. l.], v. 27, n. 1, p. e38755, 2025. DOI: 10.21680/1517-7874.2025v27n1ID38755. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/38755>. Acesso em: 4 jan. 2026.

COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica. 2008.

FERREIRA, D. B. **Uma análise argumentativo-textual de editoriais do Jornal Gazeta de Alagoas**. 2025. 55 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Letras: Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas) – Universidade Estadual de Alagoas, Arapiraca, 2025.

Ferreira, D. B.; SANTOS, M. F. Processos referenciais no jornal Gazeta de Alagoas: uma análise do gênero opinativo editorial. **Revista do GELNE**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. e 41017, 2026. DOI: 10.21680/1517-7874.2026v28n1ID41017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/41017>. Acesso em: 30 abr. 2026.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONTINELE, F. P. S.; CARVALHO, M. A. F. Introdução de referentes no entremeio da compreensão leitora. **Revista Humanidades e Inovação**. Palmas, TO, v. 11, n. 7, 2024. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/9811>. Acesso em: 04 jan. 2026. ISSN 2358-8322.

GAZETA DE ALAGOAS. A carta da democracia. Maceió, 06 out. 2022. Editorial. Disponível em: https://www.gazetadealagoas.com.br/edicao_digital/Page?editionId=5827. Acesso em: 25 jan. 2025.

GAZETA DE ALAGOAS. Sem horizontes. Maceió, 07 dez. 2023. Editorial. Disponível em: https://www.gazetadealagoas.com.br/edicao_digital/Page?editionId=6136. Acesso em: 25 jan. 2025.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Escrever e argumentar**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

KOCH, I. V. **Introdução à Linguística textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Contexto, 2015.

LEAL, A. P. B. **O processo referencial da dêixis**: por uma proposta de recategorização. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO, J. M. de. **Jornalismo Opinativo; Gêneros Opinativos no Jornalismo Brasileiro**. 3 ed. Revista e ampliada. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

SANTOS, M. F. O. **As marcas retórico-críticas no gênero editorial**. Curitiba: Appris, 2018.

SANTOS, M. F. O. O gênero stop à luz dos estudos da argumentação e da referenciação. In: SANTOS, F.O.; MAX, S. R. (orgs.). **Teceres diferentes em gêneros orais escritos**. Maceió: Eduneal, 2018.

SANTOS, M. F. O. **Os Saberes construídos no processo da pesquisa.** Maceió: EDUFAL, 2013.

SANTOS, M. F. O.; Ferreira, D. B. Estudo da canção em uma linha textual argumentativa. In: MANZONIE, Ahiranie Sales; OLIVEIRA, Lisiane Alcaria de (org.). **Canção entre versos e reversos.** Maceió: Eduneal, 2025.

DA FICÇÃO AOS ESPAÇOS URBANOS: O RETRATO MULTIFACETADO DO BRASIL

Alice Gomes da Rocha¹

RESUMO: Este ensaio propõe uma reflexão sobre como a literatura e os registros culturais brasileiros dialogam com os espaços urbanos, a partir de um baile alucinatório narrado por Mário de Andrade em *O turista aprendiz* (2023), diário de viagem escrito entre 1927 e 1929. O presente estudo investiga como o autor utiliza a inserção de figuras como a Rainha de Sabá, Romeu e Julieta e a Dama das Camélias, no Largo do Machado, na Lapa e na Praça Onze, para denunciar o desejo da elite da época de parecer civilizada, sob moldes estrangeiros, em espaços que revelam a efervescência de uma cultura brasileira autêntica. Fundamentada nos conceitos de cenário de Angélica Soares (2007), em *Gêneros literários*, e na definição de espaço e de ambientação de Antonio Dimas (1985), em *Espaço e romance*, a pesquisa estabelece uma fricção entre o imaginário europeu e a materialidade do Brasil real. Ao confrontar a narrativa modernista com músicas populares brasileiras de artistas como Alcione, Leny Andrade e Chico Chico & Mantuano, o ensaio demonstra como as práticas da sociedade brasileira ressignificam esses territórios e os transformam em símbolos de memória, de multiculturalismo e de resistência. Além de revelar o conflito do Brasil na busca pela independência cultural, o trabalho contribui, enfim, para a compreensão da identidade nacional como uma construção heterogênea e em constante afirmação.

Palavras-chave: espaços urbanos; heterogeneidade; literatura; Mário de Andrade; modernismo.

¹Graduanda do oitavo período em Letras-Português na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas (Fale/Ufal) e bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic). ORCID: 0009-0000-5851-5347. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0535384130083937>. E-mail: alice.rocha@fale.ufal.br.

FROM FICTION TO URBAN SPACES: THE MULTIFACETED PORTRAIT OF BRAZIL

ABSTRACT: This essay proposes a reflection on how Brazilian literature and cultural records dialogue with urban spaces, based on a hallucinatory ball narrated by Mário de Andrade in *O turista aprendiz* (2023), a travel diary written between 1927 and 1929. The present study investigates how the author utilizes the insertion of figures such as the Queen of Sheba, Romeo and Juliet, and the Lady of the Camellias, in Largo do Machado, in Lapa and in Praça Onze, to denounce the desire of the elite of the time to appear civilized, under foreign molds, in spaces that reveal the effervescence of an authentic Brazilian culture. Grounded in the concepts of *scenery* by Angélica Soares (2007), in *Gêneros literários*, and in the definition of *space* and *setting* by Antonio Dimas (1985), in *Espaço e romance*, the research establishes a friction between the European imaginary and the materiality of the real Brazil. By confronting the modernist narrative with Brazilian popular music by artists such as Alcione, Leny Andrade and Chico Chico & Mantuano, the essay demonstrates how the practices of Brazilian society resignify these territories and transform them into symbols of memory, of multiculturalism and of resistance. In addition to revealing Brazil's conflict in the search for cultural independence, the work contributes, finally, to the understanding of national identity as a heterogeneous construction and in constant affirmation.

Keywords: urban spaces; heterogeneity; literature; Mário de Andrade; modernism.

1. INTRODUÇÃO

Marcado por registros que retratam uma cultura multifacetada e inicialmente produzido sem a intenção de levar ao público, *O turista aprendiz* (2023) é um diário escrito por Mário de Andrade durante uma expedição pelas regiões Norte e Nordeste do Brasil. Na viagem, realizada entre 1927 e 1929, o modernista afasta o papel de intelectual urbano, vindo de São Paulo, e inicia a jornada com uma escuta sensível e um olhar atento ao costume popular brasileiro. Apesar de possuir a estrutura de um diário, marcada por data, local e escrita em primeira pessoa, o autor transpassa esse modelo básico imprimindo um estilo próprio e transformando o livro de viagem em uma obra que transita entre relatos, poesias, crônicas, canções e reflexões. Somado à característica híbrida, entre notas breves e longas, Andrade tenta se afastar do conjunto de valores, de práticas e de formas de conhecimento impostos durante o processo colonial para se aproximar das vozes que resistem à homogeneidade cultural e valorizar os saberes marginalizados.

De princípio, o diário foi escrito, segundo Mário de Andrade, com o objetivo de criar obras literárias, como *Macunaíma* (1928), que valorizam a tradição brasileira, de modo a, não somente criar, mas impulsionar o movimento modernista. Mesmo com a falta de interesse do autor em viajar, visto que ele assume que a única intenção é a de tomar notas para escrever um livro que rompe com tradições clássicas, como o nacionalismo romântico, após mais de 10 anos da viagem e da publicação da obra que conta a história do herói sem caráter, o escritor decide reunir todas as anotações, revisá-las e, por fim, publicá-las (Andrade, 2023, p. 7). Ainda que *O turista aprendiz* não tenha sido escrito para ser compartilhado, ele revela uma faceta íntima, não só do autor, como também da população brasileira e passa a ter um propósito maior que o inicial. Publicado dois anos antes da morte do autor, o diário, assim como *Macunaíma*, torna-se uma testemunha da diversidade encontrada por Andrade nas aventuras que incluem as capitais do Amazonas, de Alagoas e do Rio Grande do Norte.

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), o manuscrito “é um dos mais importantes livros de relatos e de “descoberta” de remotas regiões do Brasil, bem como de seus habitantes, de suas manifestações culturais e religiosas” (Iphan, 2015, p. 9), com base nisso, a obra foi escolhida como objeto central deste ensaio, não somente pela potência literária e pela singularidade de Mário de Andrade, mas também pelo gesto político, uma vez que o autor documenta os saberes marginalizados e confronta a homogeneização cultural, contribuindo na valorização e na divulgação da identidade nacional.

Ao registrar as práticas sociais das regiões Norte e Nordeste a partir do deslocamento entre as cidades e da aproximação com o Brasil autêntico, o autor abandona o saber externo para narrar as aventuras vividas e mergulhar, ainda, no próprio silêncio para confrontar e preencher o vazio particular com relatos que vão além do real. Da ficção ao espaço urbano, o diário torna-se a representação de uma herança, antes oculta no mundo literário, resistente ao pensamento europeu, haja vista que o escritor consegue construir, juntamente aos relatos, narrativas fictícias em torno de um cenário concreto.

2. A FRICÇÃO ENTRE O ESPAÇO E A AMBIENTAÇÃO

Este ensaio propõe uma viagem histórica, que precede o encontro com o Brasil do Norte ao Nordeste, e uma leitura crítica do Largo do Machado, da Lapa e da Praça Onze, a partir de uma alucinação de Mário de Andrade e de canções de artistas brasileiros que ressignificam esses espaços como territórios da memória e do multiculturalismo. Em *O turista aprendiz* (2023), Andrade insere, em uma narrativa delirante, figuras como a Rainha de Sabá, Romeu e Julieta e a Dama das Camélias nos espaços supracitados. Ao projetar essas figuras do cânone estrangeiro sobre o solo boêmio do Rio de Janeiro, percebe-se que o autor utiliza um cenário psicológico para ironizar a elite brasileira, visto que o cenário urbano denuncia a inadequação dos personagens que buscam retratar a identidade brasileira como homogênea. Ao sobrepor essa narrativa com canções de Alcione, Leny Andrade e Chico Chico e Mantuano, este ensaio demonstra, ainda, como a música popular brasileira revela a alienação de uma cultura padrão para resgatar um saber autêntico.

O cenário, igualmente reconhecido como espaço ou ambiente, conforme Angélica Soares (2007, p. 50-51), em *Gêneros literários*, é o conjunto de elementos que pode fazer parte tanto do espaço físico quanto do psicológico. Segundo a autora, ele é “imprescindível, pois não funciona apenas como pano de fundo, mas influencia diretamente no desenvolvimento do enredo, unindo-se ao tempo” (Soares, 2007, p. 51). Da mesma forma, em *Espaço e romance*, a concepção de Antonio Dimas, que diz que “o espaço pode alcançar estatuto tão importante quanto outros componentes da narrativa” (Dimas, 1985, p. 5), contribui para a ampliação do entendimento sobre o cenário como elemento ativo da história. Em *O turista aprendiz*, Mário de Andrade transforma os espaços, físicos e psicológicos, em símbolos do cotidiano brasileiro, ora para confrontar a homogeneidade, ora para descrever a heterogeneidade.

Logo ao início da viagem, Mário de Andrade (2023, p. 13) traz a união de um cenário real com o espaço fictício ao descrever para o leitor um grande baile à beira mar, no Rio de Janeiro, com convidados ilustres. Entre eles, encontram-se a Rainha de Sabá, a Dama das

Camélias, o Barão de Rothschild, o rei da Bélgica, um marajá com nacionalidade desconhecida, além de Paolo e Francesca, de Paulo Prado, de Tristão de Ataíde e Isolda, de Wagner Gaston Paris, de Romeu e Julieta e de tantos outros que ficaram na noite alucinante que Andrade prestigiou. Ainda que a maioria seja oriunda da Europa, o autor descreve o espaço da festa em lugares como o Largo do Machado, a Lapa e a Praça Onze, lugares que representaram, um dia, a homogeneidade da época. O autor reúne espectros da cultura ocidental, em grande parte, e confronta-os, em seguida, com os registros do Brasil real que encontrou nas ruas, nas festas populares e nas vozes do povo que a herança europeia tentou silenciar.

Apresento, a seguir, um quadro com os personagens citados a fim de evidenciar suas origens e apresentar o contraste simbólico que dá abertura à viagem sob o olhar sensível e crítico de Mário de Andrade.

Quadro I — Mosaico: espectros em um baile decolonial.

PERSONAGEM	ORIGEM	DESCRIÇÃO	ANÁLISE CRÍTICA
Rainha de Sabá	Antigo e Novo Testamento	Soberana que visitou o rei Salomão em busca de sabedoria em relação à Deus.	Ironiza a busca por sabedoria em um país que reflete a cultura internacional.
Dama das Camélias	Literatura francesa, escrita por Alexandre Dumas Filho	Clássico da literatura romântica que ilustra uma cortesã redimida pelo amor.	Representa a pressão social diante da reputação idealizada.
Barão de Rothschild	Política europeia e economia mundial	Nome associado à influente família de banqueiros que representava riqueza e poder.	Retrata o Brasil em busca de pertencimento no sistema econômico global por meio da homogeneidade.

Rei da Bélgica	Monarquia europeia	Símbolo de poder tradicional, de herança e de classe dominante.	Crítica o modelo ultrapassado em um país que se diz moderno.
Marajá	Estereótipo orientalista	Deriva do sânscrito <i>Maharaja</i> , que significa “grande rei” e representa uma figura exótica e rica que evoca o imaginário colonial.	Ironiza a fantasia de grandeza em um país que negligencia a cultura nacional.
Paolo e Francesca	Amantes assassinados por adultério	História que inspirou a obra <i>Divina Comédia</i> , escrito por Dante Alighieri, que simboliza o amor trágico.	Reflete a busca por prestígio cultural por meio de um saber estrangeiro.
Paulo Prado	Autor de <i>Retrato do Brasil</i>	Incentivador do movimento modernista.	Contrasta a melancolia apresentada por Paulo Prado na obra <i>Retrato do Brasil</i> .
Tristão de Ataíde e Isolda	Tristão e Isolda	Alusão ao pseudônimo do crítico Alceu Amoroso Lima, fundido aos personagens da ópera de Wilhelm Wagner que	Crítica a negação da identidade brasileira ao tentar construir uma cultura estrangeira.

		representam o amor trágico.	
Wagner	Compositor revolucionário	Influenciado por Arthur Schopenhauer, compôs a ópera <i>Tristão e Isolda</i> .	Denuncia o peso de refletir o Brasil sob a cultura estrangeira.
Gaston Paris	Historiador literário	Erudito francês que estudou romances medievais e influenciou o estudo da literatura ocidental.	Representa o espelho da intelectualidade deslocada dentro do contexto brasileiro.
Romeu e Julieta	Literatura ocidental, escrita por William Shakespeare	Casal icônico do amor impossível e trágico que simboliza a paixão juvenil.	Ironiza o descompasso entre o drama europeu e a afetividade brasileira.

Fonte: elaboração própria (2026).

A tabela mostra que as figuras, em sua pluralidade, são uma representação do imaginário europeu, do saber erudito e do romance ideal. Ao situar a festa em espaços representativos, Mário de Andrade não somente mostra o cotidiano como também revela uma crítica ao modo de viver da época, visto que tanto o Largo do Machado, quanto a Lapa e a Praça Onze, foram moldadas, ao longo dos anos, por influência europeia. Ademais do espaço, Dimas trata sobre a *ambientação* e argumenta que é necessário saber distinguir o primeiro como um lugar denotativo em que ocorre a ação de maneira explícita e objetiva enquanto o segundo deve ser considerado como um lugar conotativo em que o clima é simbólico, emocional e cultural (1985, p. 20). Com base nisso, as personagens da festa representam a ambientação enquanto os lugares refletem os espaços que Andrade menciona e, apesar da ação ocorrer em um estado brasileiro, pode-se dizer que o sentido simbólico é de um modelo de vida que expressa as práticas ocidentais. O autor utiliza espaços cariocas como um palco que representa a efervescência popular marcada pela ambiguidade cultural,

haja vista que, durante o período modernista, os locais mencionados ainda eram um reflexo da Europa não só na arquitetura dos espaços, mas também nos costumes do povo brasileiro.

Ao trazer personagens de outros lugares que não do Brasil, Andrade provoca uma reflexão sobre um local que dizia ser moderno, pois enquanto ocorria a *Semana da Arte Moderna* de 1922, em São Paulo, acontecia também a *Exposição Internacional do*

Centenário da Independência, no Rio de Janeiro. Para promover o Centenário da Independência, no entanto, foi iniciado um projeto de destruição do Morro do Castelo, local inicialmente ocupado e abandonado pela elite, e posteriormente ressignificado por pessoas pretas, pobres e imigrantes. De acordo com uma nota fornecida ao *Correio da Manhã* (1922, p. 2), pela agência de viagens *U.S. Shipping Board*, a exposição de 1922 teve como objetivo apresentar o Brasil como um espaço/ambiente civilizado para atrair turistas de outros países e aumentar os lucros dentro do cenário internacional. Em nota, a agência diz,

Não pretendemos que a cifra atinja a 860 milhões de dollars, mas talvez umas duas duzias de milhões, o que não é para desdenhar. Os amadores de estatísticas devem estar nas suas sete quintas, porque a ocasião nunca foi mais propícia para exercitarem as suas faculdades com a poesia dos números - poesia um tanto árida, na verdade, mas que não exclui certa fantasia. Quanto a utilidade, não há quem possa negar o valor das estatísticas, base de todos os cálculos para que nos certifiquemos do adiantamento moral e material de uma nação (Correio da Manhã, 1922, p. 2)².

Ao projetar os ganhos em dólares, o discurso transforma o progresso do Brasil em um produto de exportação e ignora que a exposição do avanço moral e material da nação brasileira foi erguido sobre escombros de uma comunidade marginalizada. Segundo o historiador Antonio Rodrigues (2025), em uma entrevista disponível no portal *G1*, do Rio de Janeiro, o Morro do Castelo foi eliminado com a justificativa de que se tratava de um local ultrapassado diante de um país moderno.

Ao passo que o intelectual paulistano buscava aprender para resgatar a cultura brasileira, ele denunciava os conflitos e as barreiras que a população marginalizada enfrentava. Andrade conseguiu, através das figuras europeias, provocar e revelar que a exposição do centenário da independência do Rio de Janeiro era, na verdade, um progresso marcado pela higienização urbana em prol da estética e da economia brasileira.

2.1 LARGO MACHADO: UM CENÁRIO DE LIBERDADE E DE POESIA

² Mantida a grafia original, assim como a ausência de acentuação, do trecho citado.

O projeto de posicionar o Brasil como um país civilizado e moderno, no entanto, reflete uma identidade que não lhe pertence. Em consonância com isso, o Largo do Machado, localizado no bairro do Catete, é atualmente uma praça tradicional da cidade do Rio de Janeiro e um ponto de encontro repleto de galerias comerciais, bares, prédios históricos e manifestações culturais. Além disso, a praça foi um lugar de grande influência para composições musicais brasileiras, como *Os Últimos Serão os Primeiros*, da Banda BR-101, e *Largo do Machado*, dos cantores Chico Chico e Mantuano. As músicas revelam o espaço como uma potência simbólica de afetos, de encontros e de resistência à correria urbana e transformam-no em um cenário de liberdade e de poesia em que o cotidiano desacelera e as pessoas criam novas conexões. Tanto na primeira canção, “Então tá marcado: Largo do Machado / Eu te pago um chopp, cê me vê um trago” (BR-101, 2017, 42s), quanto na segunda: “Ontem, no Largo do Machado / Um café, um beijo e um abraço” (Chico Chico; Mantuano, 2025, 32s), as letras sugerem encontros informais que darão início a uma jornada por outros lugares da cidade. Ao passo que Mário de Andrade insere figuras europeias, como exemplo de diversidade e crítica, em lugares populares, as canções reforçam a potência simbólica do patrimônio nacional que busca uma ressignificação.

Fotografia 1 — Largo do Machado—RJ (1920).



Fonte: [Felipe Lucena](#) (2015).

A conversão entre o que era e o que é o Largo do Machado revela a transição de um espaço inflexível para uma ambientação afetiva. Antes projetado sem pontos de paradas para encontros sociais e marcado pelo desejo de ordem emoldurado pela estética europeia, o

local foi reformado e ressignificado como um patrimônio vivo através dos encontros dinâmicos e informais, tal como celebrado nas músicas populares brasileiras.

Fotografia 2 — Largo do Machado–RJ (2023).



Fonte: *Shutterstock* (2025).

2.2 LAPA: UM CENÁRIO DE BOEMIA BRASILEIRA

Em comparação ao Largo do Machado, marcado pela ascensão influenciada pela civilização europeia, a Lapa surge como uma transformação do eurocentrismo ao reduto da boemia, da malandragem e da vida noturna. De acordo com Rosemere Maia e Jéssica Rocha (2015, p. 153), no artigo *Lapa, paraíso do prazer e do pecado*, o bairro multicultural muitas vezes é evidenciado como “lugar de todas as tribos” ou como um “caos”. Do mesmo modo que o Largo do Machado influenciou cantores da música popular brasileira, Alcione eternizou a canção *Eu vou pra Lapa*, que simboliza a vida boêmia da Lapa e que pulsa a identidade brasileira: “reduto de bambas, poetas, malandros, boêmios, vadios / tão considerada e na sua parada, não para, mané [...] / e toda vez que a noite cai / a luz se acende e uma vontade me arrebatava / eu vou pra lá, / eu vou pra Lapa” (Alcione, 2014, 33s; Imin06s).

Por outro lado, o local ainda carrega resquícios da padronização europeia, como o antigo *Lampadário*, inaugurado em 1906 e construído, segundo Maia e Rocha (2015, p. 147), a partir da destruição da Praia da Lapa, de casebres e de cortiços, e como a Sala Cecília

Meireles, inaugurada em 1965 após a demolição do Grande Hotel, criado para concorrer com o *Hotel dos Estrangeiros*, que ficava no bairro Catete.

Fotografia 3 — Lampadário e Grande Hotel.



Fonte: Cartão Postal [s.d.].

Diante da mudança do Grande Hotel para a Sala Cecília Meireles, que pode ser observada entre o antigo cartão postal e o registro contemporâneo, o Lampadário permanece como uma figura intacta do espaço, conforme os termos de Dimas (1985). Em um ensaio publicado no livro *Rio, capital do Brasil*, Antonio Rodrigues (2025, p. 244), afirma que a capital nacional buscou reformar “tudo sem se dar conta que cada vez mais anunciava a perda da tradição e do destino original da cidade”. Atualmente o monumento é um símbolo e um convite à lembrança de uma época em que a busca pela validação estrangeira operava como a principal motivação para a exclusão social.

Fotografia 4 — Lampadário e sala Cecília Meireles.



Fonte: [Lapa - Noite e Dia](#) (2025).

O novo espaço, dedicado à música de concerto no Brasil, representa a materialização arquitetônica das figuras do baile de Andrade: um palco para o imaginário europeu que busca, através da música clássica, silenciar o batuque que ressoa na canção de Alcione. De acordo com o site oficial da sala,

Cecília Meireles era um nome que se impunha sem qualquer esforço no reconhecimento de seu talento e na admiração do país. Morreu em novembro de 1964. Era poetisa do Brasil e amiga querida de Carlos Lacerda. Não era de se espantar, portanto, que o governador quisesse homenageá-la de alguma forma. [...] Coube ao crítico Walmir Ayala explicitar em um texto divulgado no programa do concerto que inaugurou a Sala: “Em poucos momentos de sua história a poesia brasileira foi tão concebida sobre a música como na obra de Cecília Meireles. Poucos poetas em língua portuguesa dispuseram com tanta desenvoltura de um instrumento sonoro como ela. Raramente a palavra foi tanto harmonia, ritmo, afinamento.” (FUNARJ, 2025).

Apesar de celebrar a genialidade da poetisa brasileira, a homenagem ainda é feita sob os moldes da solenidade europeia, visto que se trata de um local composto pela música clássica, pela busca do silêncio e do público elitizado. Com o passar do tempo, entretanto, a

rigidez desse espaço deixou de sobrepôr a ambientação do Brasil e passou a criar um contraste entre a solenidade da sala e o samba das ruas.

Atualmente, apesar do conflito entre as práticas sociais, a Lapa faz parte de dois dos maiores cartões postais do Rio de Janeiro: o *Lampadário*, e a *Escadaria Selarón* composta por 215 degraus cobertos por azulejos que foram enviados de vários lugares do mundo. Assim como o samba, a escadaria reformada por Jorge Selarón transformou-se em um símbolo de arte democrática acessível e, em 2015, foi reconhecida como patrimônio histórico e cultural do Brasil.

Fotografias 5 e 6 — Escadaria Selarón: antes e depois.



Fonte: [Brazil Expedition DayTours](#) [s.d.].

2.3 PRAÇA ONZE: UM CENÁRIO DE RECORDAÇÕES

Já a *Praça Onze*, antes conhecida como Praça Onze de Junho, localizada na Cidade Nova, foi um marco histórico e cultural, conforme o historiador Marcelo Zanotti, demolida em 1940 para dar lugar à Avenida Presidente Vargas. Em contraste aos dois primeiros ambientes, a praça era, de acordo com a Fundação Biblioteca Nacional (2020, p. 01), um “reduto do samba, reunião de etnias, logradouro dos menos afortunados, esplêndida praça”. Com a ascensão da cidade, no entanto, Karine Jesus e Antonio Filho, em *A influência e a permanência da Praça Onze no Rio de Janeiro* (2025), argumentam que o local “foi um dos locais que afetou e foi afetado pela expressividade dos interesses na transformação do Rio de Janeiro” (Jesus; Filho, 2025, p. 03), e o que antes era um lugar de “encontro de capoeiristas, malandros, operários do meio popular carioca, músicos, compositores e dançarinos, dos blocos e ranchos carnavalescos, da gente do candomblé ou dos cultos

islâmicos dos baianos, de portugueses, italianos e espanhóis” (Jesus; Filho, 2025, p. 3), agora é um “símbolo do rodoviarismo” (Jesus; Filho, 2025, p. 8).

Assim como a Praça Onze, a alucinação de Andrade (2023, p. 12) é acometida por um banho de sangue que alcança a Avenida Rio Branco, perpendicular à Avenida Presidente Vargas, e denuncia, mais uma vez, que a reforma urbana não passou de uma ruptura traumática na história do Rio de Janeiro: “Milhares de cavalos brancos [...] carregando pajens também de branco, cetins e diamantes, surgem numa galopada imperial, ferindo gente, matando gente, gritos admiráveis de infelicidade”.

Fotografias 7 e 8 — Antiga Praça Onze & Atual Av. Presidente Vargas.



Fonte: Marcelo Zanotti (2023).

A trágica substituição do espaço marcado por diversidade para dar lugar ao fluxo contínuo e civilizado da grande avenida, é refletida no fim do cenário apresentado por Andrade,

E quando a avenida é uma uniforme poça de sangue, vêm elefantes e camelos transportando gongos de cobre polido batendo, primeiro os elefantes que são mais altos, depois os camelos, depois os leões, depois as panteras ferocíssimas, dando urros, tudo sempre na infrene disparada. E assim que passaram as panteras rasteiras, espirrando pros lados o sangue que corre no chão, setecentos escravos negros, assoprando em apitos, nus em pelo, com turbantes de prata polida, puxam por festões de camélias brancas fornecidas pela Dama das Camélias, Eulálias e Magnólias brancas, uma carretinha de cais, também branca, em que chega numa velocidade sublime a Rainha de Sabá (Andrade, 2023, p. 14).

A alegoria da Rainha de Sabá, como o elemento central, e dos setecentos escravos negros, como a engrenagem para a chegada sublime da figura europeia, sob a ótica de Soares (2007), torna-se um espaço psicológico para evidenciar e simbolizar a perversidade de uma cultura sustentada pelo sacrifício e pela invisibilidade daqueles que foram atropelados pelo progresso moderno. Além disso, a ruptura vista entre as fotografias 7 e 8, distingue o espaço da ambientação, pois enquanto o primeiro é compreendido como um lugar denotativo e

funcional, através do conceito de Dimas (1985), o segundo resiste como um ambiente conotativo e subjetivo.

Diferente dos artistas anteriores que representam a diversidade do Largo do Machado e da Lapa, a cantora Leny Andrade interpreta uma canção que simboliza a eternidade da praça que era um verdadeiro palco da identidade brasileira: “Adeus, minha Praça Onze, adeus / Já sabemos que vais desaparecer / Leva contigo a nossa recordação / Mas ficarás eternamente em nosso coração” (Andrade, 2024, 1min02s). A letra retrata um ambiente que, apesar de destruído, permanece como um símbolo que a Avenida Presidente Vargas é incapaz de apagar.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme demonstrado ao longo deste ensaio, os *Espaços* e a *Ambientação* da festa, em *O turista aprendiz*, retratam como o modernismo da época gerou um forte contraste entre o que parecia ser e o que realmente é a tradição brasileira. Além disso, as figuras estrangeiras inseridas no Largo do Machado, na Lapa e na Praça Onze não só evidenciam o conflito do Brasil em busca de uma independência cultural, como expõem a inadequação de uma identidade nacional pautada na imitação e o apagamento violento durante a tentativa de modernizar o Brasil.

Enquanto a alucinação do autor representa o deslumbramento dos brasileiros diante da hegemonia internacional, os cenários do Rio de Janeiro revelam marcas que transcendem o tempo e denunciam o sacrifício de um povo pela busca de um padrão europeu. Com o distanciamento histórico, mesmo diante do crescimento urbano, esses espaços foram ressignificados pela população brasileira como retratados na música popular brasileira de Alcione, de Leny Andrade, de Chico Chico e Mantuano e da banda BR-101. Percebe-se, ainda, que a viagem do modernista não trata apenas sobre um deslocamento geográfico, e sim sobre um gesto político de desconstrução.

Apesar do planejamento urbano ter buscado a homogeneização e o silenciamento das camadas populares, a heterogeneidade pulsa na subjetividade das canções e na resistência da população brasileira. Como visto ao longo deste ensaio, através da fricção entre o delírio europeu e a crueza do solo brasileiro, provocado por Mário de Andrade, percebe-se que os lugares retratados se consolidaram como territórios de afeto e memória. A reconfiguração destes espaços, por fim, além de apresentar a resistência do povo brasileiro como símbolo do multiculturalismo, afirma o Brasil na sua própria voz.

REFERÊNCIAS

ABIO, G. Um podcast feito com IA para explicar a Gramática de Design Visual (GDV) de Kress e van Leeuwen. Blog de Gonzalo Abio - Educação, 16 de set. de 2025. Disponível em: <https://gonzaloabio-educa.blogspot.com/2025/09/um-podcast-para-explicar-com-exemplos.html>. Acesso em: 24 out. 2025.

ALISOY, H. Can NotebookLM Support English Language Learners? A Theoretical Perspective on AI Tools in Education. **Porta Universorum**, v. 1, n. 6, p. 25-55, 2025. DOI: 10.69760/portuni.0106003. Disponível em: <https://egarp.lt/index.php/JJPURM/article/view/347>. Acesso em: 12 nov. 2025.

ANTHUVAN, T. et al. SLR^{AI}: A Systematic Review and Methodological Framework for AI-Augmented Evidence Synthesis with Human-in-the-Loop Integration. SSRN 5394910, July 17, 2025. DOI: 10.2139/ssrn.5394910. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=5394910>. Acesso em: 20 out. 2025.

ARIAS-CHÁVEZ, D.; RAMOS-QUISPE, T.; CANGALAYA SEVILLANO, L. M. Análisis y tendencias en el uso de chatbots y agentes conversacionales en el campo de la educación: una revisión bibliométrica. **Innovaciones Educativas**, v. 26, n. 41, p. 242-261, jul./dez. 2024. DOI: 10.22458/ie.v26i41.5135. Disponível em: https://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2215-41322024000200242. Acesso em: 04 nov. 2025.

BARBOSA, T. R.; LEITE, J. E. R. Chat-GPT usage in English Language Teaching: digital literacy development and challenges in education. **Revista de Estudos de Cultura, São Cristóvão**, v. 11, n. 27, p. 229-242, 2025. DOI:10.32748/revec.v11i27.22297. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revec/article/view/22297>. Acesso em: 06 nov. 2025.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Referencial para Desenvolvimento e Uso Responsáveis de Inteligência Artificial na Educação**. 1 ed., Brasília, DF: Ministério da Educação, 2026, 241 p. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/media/segape/referencial-oficial-pt.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2026.

BROGNOLI, P. C.; RODRIGUES, M. B. ChatGPT na Universidade de Perugia: Potencializando a interação entre docentes e discentes. **Encontros Bibli**, v. 30, p. e102135, 2025. DOI: 10.5007/1518-2924.2025.e102135. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eb/a/g6sRWHSSvSWZJJ47Lm5RrsR/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 03 nov. 2025.

CABERO-ALMENARA, J.; BARROSO-OSUNA, J. La ética de la Inteligencia Artificial en la educación: hacia un uso responsable e inclusivo. *Educação e Pesquisa*, v. 51, p. e293347, 2025. DOI: 10.1590/S1678-4634202551293347es. Disponível em: https://revistas.usp.br/ep/pt_BR/article/view/242542. Acesso em: 11 nov. 2025.

CASSANY, D. (Enseñar a) leer y escribir con inteligencias artificiales generativas: reflexiones, oportunidades y retos. **Enunciación**, v. 29, n. 2, p. 320-336, 2024. DOI: 10.14483/22486798.22891. Disponível em: <https://revistas.udistrital.edu.co/index.php/enunc/article/view/22891>. Acesso em: 13 nov. 2025.

CELY BETANCOURT, B. L. et al. The Contribution of Artificial Intelligence to the Teaching of Communicative Skills in the EFL Class: A Theoretical Review. **Revista Científica de Salud y Desarrollo Humano**, v. 6, n. 3, p. 114-145, 2025. DOI: 10.61368/r.s.d.h.v6i3.764. Disponível em: <https://revistavitalia.org/index.php/vitalia/article/view/764>. Acesso em: 11 nov. 2025.

CETIC.BR. TIC **Kids online Brasil 2025. Principais Resultados**. São Paulo: Centro Regional de Estudos de Desenvolvimento da Sociedade da Informação, 22 de outubro de 2025a. Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_kids_online_brasil_2025_principais_resultados.pdf. Acesso em: 26 out. 2025.

CETIC.BR. TIC EDUCAÇÃO 2024. **Coletiva de imprensa**. São Paulo: Centro Regional de Estudos de Desenvolvimento da Sociedade da Informação, 16 de setembro de 2025b. https://cetic.br/media/analises/tic_educacao_2024_principais_resultados.pdf. Acesso em: 26 out. 2025.

CHALLCO, G. C. et al. **Inteligência Artificial Generativa na Educação**. IA.EDU/NEES, 2024. Disponível em: <https://iaedu.nees.ufal.br/wp-content/uploads/2025/04/NT-1-Inteligencia-Artificial-Generativa-na-Educacao.pdf>. Acesso em: 24 out. 2025.

CHENOLL, A. La influencia de la IAGen en el proceso de evaluación: perspectivas actuales y futuras. *Doblele. Revista de lengua y literatura*, v. 10, p. 36-53, 2024. DOI: 10.5565/rev/doblele.155. Disponível em: <https://revistes.uab.cat/doblele/article/view/v10-chenoll>. Acesso em: 03 nov. 2025.

CONSENSUS. How to Search & Best Practices. Consensus Help Center, July 13th, 2022. <https://consensus.app/home/blog/maximize-your-consensus-experience-with-these-best-practices/>. Acesso em: 09 nov. 2025

CÓRDOBA IBARGÜEN, W. A.; LARREAL BRACHO, A. J. Del silencio al discurso: La Inteligencia Artificial como Aliada en el Desarrollo de la Expresión Oral en inglés. **Scientific Journal T&E**, v. 2, n. 1, p. 9-35, 2025. DOI: 10.48204/3072-9653.7646. Disponível em: https://revistas.up.ac.pa/index.php/scientific_journal/article/view/7646. Acesso em: 10 nov. 2025.

DIAS, P. V. R.; ALECRIM, B. B.; DIAS, J. S. A Inteligência Artificial em Aplicativos para Aprendizagem de uma nova Língua Estrangeira. **Revista Educação e Humanidades**, v. 6, n. 2, p. 343-351, 2025. Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/reh/article/view/18294>. Acesso em: 03 nov. 2025.

ESPINOZA-FREIRE, E. E. **Estrategias de búsqueda de información en bases de datos científicas**: Una guía práctica. *Sociedad & Tecnología*, v. 8, n. S2, p. 647–658, 2025. DOI: 10.51247/st.v8iS2.226. Disponível em: <https://institutojubones.edu.ec/ojs/index.php/societec/article/view/226>. Acesso em: 01 nov. 2025.

FERNANDES, A. A.; CARVALHO, T. L. Implicações da Inteligência Artificial para o desenvolvimento da proficiência escrita em Inglês como Língua Adicional: o papel do ChatGPT. **Verbum**, v. 14, n. 1, p. 31-45, 2025. DOI: 10.23925/2316-3267.2025v14i2p31-45. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/verbum/article/view/68973>. Acesso em: 03 nov. 2025.

GALÁN-RODRÍGUEZ, N. M^a; BOBADILLA-PÉREZ, M.; BARROS-GRELA, E. Attitudes and perceptions: the role of artificial intelligence in the training of future secondary school foreign language teachers. **Texto Livre**, v. 18, p. e51692, 2025. DOI: 10.1590/1983-3652.2025.51692. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/51692>. Acesso em 04 nov. 2025.

GALLAS, L. da C. S.; VETROMILLE-CASTRO, R.; DA SILVA OLIVEIRA, B. O ChatGPT vai substituir os professores de línguas?: uma análise do ChatGPT na elaboração de planos de aula para ensino de línguas. **Revista de Estudos de Cultura**, v. 11, n. 27, p. 213-228, 2025. DOI: 10.32748/revec.v11i27.22738. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revec/article/view/22738>. Acesso em: 04 nov. 2025.

GALLENT-TORRES, C.; COMAS-FORGAS, R.; VALLESPÍR-ADILLÓN, M. Inteligência artificial generativa no campo educacional: oportunidades, desafios e seu impacto na integridade acadêmica. In: MAINARDES, J.; SIQUELLI, S. A. (coords.). *Ética e pesquisa em educação*. **Subsídios**, v. 4. Rio de Janeiro: ANPEd, 2025, p. 199-209. Disponível em:

https://anped.org.br/wp-content/uploads/2025/08/Etica-e-Pesquisa-em-Educacao_v.4_final.pdf
. Acesso em: 20 out. 2025.

GALLEN-TORRES, C. et al. Inteligencia Artificial en educación: entre riesgos y potencialidades. **Praxis educativa**, v. 19, 2024. DOI: 10.5212/praxeduc.v.19.23760.083. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/23760>. Acesso em 20 out. 2025.

GOOGLE SCHOLAR. Wikipedia. The Free Encyclopedia, s.d. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Google_Scholar. Acesso em: 11 nov. 2025.

GUILLERMO MORALES, L. E.; CARCAUSTO CALLA, W. H. El uso de Chatbots en el aprendizaje de idiomas: una revisión sistemática. **Revista InveCom**, v. 5, n. 3, e050372, set. 2025. DOI: 10.5281/zenodo.14532857. Disponível em: https://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2739-00632025000300215. Acesso em: 05 nov. 2025.

JUNGUITO, M.; CHENOLL, A. El uso de las herramientas de inteligencia artificial generativa en el aula de lenguas extranjeras desde la perspectiva del docente. **RE@ D-Revista de Educação a Distância e Elearning**, v. 7, n. 1, p. e202410-e202410, 2024. DOI: 10.34627/redvol7iss1e202410. Disponível em: https://revistas.rcaap.pt/lead_read/article/view/35153. Acesso em: 03 nov. 2025.

KOKALA, A. Revolutionizing Content Creation: Leveraging AI-Driven Podcast Generation with NotebookLM and Personalized Insights. **International Research Journal of Modernization in Engineering Technology and Science**, v. 6, n. 12, p. 1798-1803, December 2024. DOI: 10.56726/IRJMETS65280. Disponível em: https://www.irjmets.com/uploadedfiles/paper//issue_12_december_2024/65280/final/fin_irjmets1734338789.pdf. Acesso em: 12 nov. 2025.

LIMA, S. O.; MEIRA, J. de L. Inteligência artificial e educação: estratégias para avaliar a eficácia do chatbot educacional EducaChat. **REVISTA DELOS**, v. 18, n. 70, p. e6206-e6206, 2025. DOI: 10.55905/rdelosv18.n70-068. Disponível em: <https://ojs.revistadelos.com/ojs/index.php/delos/article/view/6206>. Acesso em: 05 nov. 2025.

LOZANO ARREDONDO, D. M.; BEJARANO ALVAREZ, P. M.; SAGASTEGUI TORIBIO, E. E. Percepción estudiantil sobre inteligencia artificial aplicada a la traducción en educación superior: Revisión sistemática. **Revista Tribunal**, v. 5, n. 12, p. 767-782, 2025. DOI: 10.59659/revistatribunal.v5i12.236. Disponível em: http://www.scielo.org.bo/scielo.php?pid=S2959-65132025000300767&script=sci_arttext. Acesso em: 10 nov. 2025.

MARTINS, C. B. M. J.; PITZ, M. L. Escrevendo o futuro: perspectivas docentes sobre o uso de Inteligência Artificial na produção escrita em Língua Estrangeira. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 23, n. 2, p. DT11, 2024. DOI: 10.26512/rhla.v23i2.53707. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/53707>. Acesso em: 03 nov. 2025.

OXFORD UNIVERSITY PRESS. **Teaching the AI-Native Generation. Empowering Schools in the Age of AI**, Oxford University Press, 2025. Disponível em: https://fdslive.oup.com/www.oup.com/oxed/secondary/Teaching_the_AI_Native_Generation.pdf. Acesso em: 20 out. 2025.

PANIAGUA URBÁEZ, Y. L. et al. La inteligencia artificial en la enseñanza/aprendizaje del idioma inglés. Una revisión sistemática. **AULA Revista de Humanidades y Ciencias Sociales**, v. 71, n. 2, 2025. DOI: 10.33413/aulahcs.2025.71i2.427. Disponível em: <https://revistas.unphu.edu.do/index.php/aula/article/view/427>. Acesso em: 11 nov. 2025.

PARRA NÚÑEZ, R.; CASTRILLO DE LARRETA-AZELAIN, M. D. The impact of using ChatGPT for feedback in EFL writing: a systematic review. **International Journal of Foreign Languages/Revista Internacional de Lenguas Extranjeras**, n. 23, p. 95-119, 2025. DOI: 10.17345/rile23.4221. Disponível em: <https://revistes.urv.cat/index.php/rile/article/view/4221>. Acesso em: 10 nov. 2025.

PINTO JUNIOR, M. A. R. A aprendizagem da língua portuguesa como língua estrangeira através do uso da Inteligência artificial: análise da usabilidade do ChatGPT. **Revista Contemporânea**, v. 4, n. 6, p. e4446, 2024. DOI: 10.56083/RCV4N6-053. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/4446>. Acesso em: 05 nov. 2025.

RAMÍREZ MORÁN, L. P. et al. IA y aprendizaje automático en la enseñanza del inglés: revisión sistemática sobre la competencia lingüística adquirida. **Revista InveCom**, v. 6, n. 2, 2026. DOI: 10.5281/zenodo.15875368. Disponível em: https://ve.scielo.org/scielo.php?pid=S2739-00632026000202034&script=sci_arttext. Acesso em: 11 nov. 2025.

REBOLLEDO, R.; GISBERT, M. Aprendizaje adaptativo del inglés como lengua extranjera con herramientas de inteligencia artificial: una revisión sistemática de la literatura. Profesorado. **Revista de currículum y formación de profesorado**, v. 29, n. 1, p. 241-264, 2025. DOI: 10.30827/profesorado.v29i1.30828. Disponível em: <https://revistaseug.ugr.es/index.php/profesorado/article/view/30828>. Acesso em: 04 nov. 2025.

REYNA, J. The Potential of Google NotebookLM for Teaching and Learning. In: **eLearn 2025** - Bangkok, Thailand, October 13-16, 2025. Disponível em: https://www.academia.edu/143048105/2025_The_Potential_of_Google_NotebookLM_for_Teaching_and_Learning. Acesso em: 12 nov. 2025.

RICIERI, D. Da V. et al. PROMPT-EDU: Roteiro de comandos de ajuste fino para ChatGPT. **SCIAS-Educação, Comunicação e Tecnologia**, v. 6, n. 1, p. 107-138, 2024. DOI: 10.36704/sciaseducotec.v6i1.8374. Disponível em: <https://revista.uemg.br/sciaseducotec/article/view/8374>. Acesso em: 05 nov. 2025.

RODRÍGUEZ FUENTES, A. et al. Revisión sistemática sobre la Inteligencia Artificial para el aprendizaje del inglés L2. **Porta Linguarum: revista internacional de didáctica de las lenguas extranjeras**, n. 11, p. 7, 2024. DOI: 10.30827/portalin.viXI.30221. Disponível em: <https://revistaseug.ugr.es/index.php/portalin/article/view/30221>. Acesso em: 28 out. 2025.

ROE, J. **How to use Generative AI in educational research**. Cambridge Elements. Elements in Research Methods in Education. Cambridge University Press, 2025. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/elements/how-to-use-generative-ai-in-educational-research/916142E735B678F86A59240BFE651F5C>. Acesso em: 20 out. 2025.

SAMPAIO, R. C. et al. ChatGPT e outras IAs transformarão a pesquisa científica: reflexões sobre seus usos. **Revista de Sociologia e Política**, v. 32, p. e008, 2024. DOI: 10.1590/1678-98732432e008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/rfSfWXpWqjWgrbRktcpXq9v>. Acesso em 22 out. 2025.

SANTOS, M. C. R. dos; OLIVEIRA, F. K. de. O uso de inteligência artificial (ia) no ensino de espanhol: superando barreiras no ambiente escolar. **RENOTE**, v. 22, n. 3, p. 164-173, 2024. DOI: 10.22456/1679-1916.144981. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/144981>. Acesso em: 03 nov. 2025.

SANZ MANZANEDO, M. La IA en la enseñanza de idiomas: chatbots y formación del profesorado. **European Public & Social Innovation Review**, España, v. 10, p. 1-13, 2025. DOI: 10.31637/epsir-2025-513. Disponível em: <https://epsir.net/index.php/epsir/article/view/513>. Acesso em: 03 nov. 2025.

SILVA, H. G. da. Reflexões sobre a memória como fenômeno cognitivo relacionado à aprendizagem, a inteligência e a consciência. In: PORTO, C.; ANDRADE, C.; OLIVEIRA, K. E. (orgs.). **Memórias Digitais: o impacto das plataformas digitais na educação e divulgação científica**. Col. Educiber. Aracaju, SE: EDUNIT, 2025, p. 99-112. Disponível em:

http://editoratiradentes.com.br/wp-content/uploads/2025/10/Educiber_7.pdf. Acesso em: 05 nov. 2025.

SOUZA, M. T. de; SILVA, M. D. da; CARVALHO, R. de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein** (São Paulo), v. 8, p. 102-106, 2010. DOI: 10.1590/S1679-45082010RW1134. Disponível em: <https://journal.einstein.br/pt-br/article/revisao-integrativa-o-que-e-e-como-fazer>. Acesso em: 10 out. 2025.

STREMEL, S. O uso da Inteligência Artificial na revisão de literatura: questões éticas. In: MAINARDES, J.; SIQUELLI, S. A. (coords.). **Ética e pesquisa em educação**. Subsídios, v. 4. Rio de Janeiro: ANPEd, 2025, p. 220-232. Disponível em: https://anped.org.br/wp-content/uploads/2025/08/Etica-e-Pesquisa-em-Educacao_v.4_final.pdf. Acesso em: 01 nov. 2025.

TARITSA, I. et al. Source-grounded Artificial Intelligence–Driven Transfer of Plastic Surgery Textbooks to Podcasts: Creation of Content and Trainee Satisfaction. **Plastic and Reconstructive Surgery, Global Open**, v. 13, n. 12, p. e7299, 2025. DOI: 10.1097/gox.00000000000007299. Disponível em: https://journals.lww.com/prsgo/fulltext/2025/12000/source_ground_artificial_intelligence_driven.21.aspx. Acesso em: 11 nov. 2025

TORRES VIVAR, L. R. et al. Integración de herramientas digitales en la enseñanza de idiomas: una revisión sistemática. **RECIMUNDO**, v. 9, n. 2, p. 50-65, 2025. DOI: 10.26820/recimundo/9.(2).abril.2025.50-65. Disponível em: <https://www.recimundo.com/~recimund/index.php/es/article/view/2580>. Acesso em 11. nov. 2025.

UNESCO. **Marco referencial de competências em IA para professores**. UNESCO, Paris: 2025. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000394280>. Acesso em: 20 out. 2025.

UNESCO. **Guia para a IA generativa na educação e na pesquisa**. UNESCO. Paris: Unesco, 2024. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000390241>. Acesso em: 21 out. 2025.

UNESCO. **Recomendação sobre a Ética da Inteligência Artificial**. Paris: Unesco, 2021. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000381137_por. Acesso em: 20 out. 2025.

VASSIS, S. Tecnología educativa y autonomía en el aprendizaje de lenguas extranjeras: una revisión bibliográfica y prospectivas. **Decires**, v. 25, n. 34, p. 173-186, 2025. DOI: 10.22201/cepe.14059134e.2025.25.34.464. Disponível em: <https://decires.cepe.unam.mx/index.php/decires/article/view/464>. Acesso em: 12 nov. 2025.

VERA TORRES, J. Y. et al. Inteligencia artificial en lengua y literatura en la educación. Una revisión sistemática. **RECIAMUC**, v. 9, n. 2, p. 231-247, 2025. DOI: 10.26820/reciamuc/9.(2).abril.2025.231-247. Disponível em: <https://www.reciamuc.com/index.php/RECIAMUC/article/view/1546>. Acesso em: 11 nov. 2025. **ALCIONE. Eu You Pra Lapa.** YouTube, vídeo musical, publicado em 2014. Disponível em: https://youtu.be/y9aExpavEZg?si=lnqR7hb2VPpI_XIH. Acesso em: 25 out. 2025.

ANDRADE, L. **Praça Onze.** YouTube, vídeo musical, publicado em 2024. Disponível em: <https://youtu.be/ldjhObRMh08?si=G3ErGYnxnxzsglls>. Acesso em: 25 out. 2025.

ANDRADE, M. Impressões de uma viagem pela Amazonia. **A Noite**, Rio de Janeiro, ano 1927, ed. 05633, 29 jul. 1927. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/348970_02/20527. Acesso em: 17 out. 2025.

ANDRADE, M. **O turista aprendiz.** Edição anotada por Telê Porto Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo; colaboração de Leandro Raniero Fernandes. Brasília: IPHAN, 2015. 464 p. Disponível em: <https://bibliotecadigital.iphan.gov.br/items/4aca6ad3-c7ca-43f7-b443-943373a6986a/full>. Acesso em: 22 out. 2025.

ANDRADE, M. **O turista aprendiz.** Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2023. 224 p.

BIBLIOTECA NACIONAL. Praça Onze, em 1939 [imagem]. In: ZANOTTI, Marcelo. **Pautas de brasilidade: Praça Onze, do carnaval à própria vida.** Instituto Humanitas Unisinos – IHU, São Leopoldo, 2 maio 2023. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/628285-pautas-de-brasilidade-praca-onze-do-carnaval-a-propria-vida>. Acesso em: 27 out. 2025.

BR-101. **Os Últimos Serão os Primeiros.** YouTube, vídeo musical, publicado em 2017. Disponível em: https://youtu.be/ft5FCnn5NSQ?si=bLYXu4aKf_DwyZ7d. Acesso em: 17 out. 2025.

CHICO CHICO; MANTUANO, J. **Largo do Machado.** YouTube, vídeo musical, publicado em 2025. Disponível em: <https://youtu.be/TAG8xCk5zYY?si=YiaXOn4gksCtIhvp>. Acesso em: 17 out. 2025.

CORREIO DA MANHÃ (RJ). **Edição de 1922 sobre a Exposição do Centenário da Independência**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1922. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_03&Pesq="exposi%20do%20Centenario"&id=5051203706476&pagfis=11779](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_03&Pesq=). Acesso em: 28 out. 2025

DIÁRIO DO RIO. **Largo do Machado na década de 20** [imagem]. Diário do Rio, 2 set. 2015. Disponível em: <https://diariodorio.com/historia-do-largo-do-machado/>. Acesso em: 24 out. 2025.

DIMAS, A. **Espaço e romance**. São Paulo: Ática, 1985.

FUKS, R. **Escadaria Selarón**: história e explicação. Cultura Genial, [s.d.]. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/escadaria-selaron/>. Acesso em: 17 out. 2025.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Praça 11 de junho. **Gov.br**, Brasília, 11 jun. 2020. Atualizado em 23 jun. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/bn/pt-br/central-de-conteudos/noticias/praca-11-de-junho>. Acesso em: 27 out. 2025.

FUNARJ. **Sobre a Sala**. Sala Cecília Meireles, Fundação Anita Mantuano de Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <https://salaceciliameireles.rj.gov.br/apresentacao/>. Acesso em: 25 out. 2025.

GOOGLE MAPS. Atual Avenida Presidente Vargas, na altura da antiga Praça Onze [imagem]. In: ZANOTTI, Marcelo. **Pautas de brasilidade: Praça Onze, do carnaval à própria vida**. Instituto Humanitas Unisinos – IHU, São Leopoldo, 2 maio 2023. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/628285-pautas-de-brasilidade-praca-onze-do-carnaval-a-propria-vida>. Acesso em: 27 out. 2025.

JESUS, K. D.; COLCHETE FILHO, A. F. **A influência e a permanência da Praça Onze no Rio de Janeiro**: memória inscrita no espaço. Boletim Goiano de Geografia, Goiânia, v. 45, n. 1, 2025. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=10273894>. Acesso em: 27 out. 2025.

LAPA – NOITE E DIA. **Lampadário da Lapa em situação urbana** [imagem]. Facebook, 4 maio 2025. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=702514182310961>. Acesso em: 25 out. 2025.

LOFT. **Bairros RJ – Catete e Largo do Machado** [imagem]. Portal Loft, 2023. Disponível em: <https://portal.loft.com.br/catete-rj/>. Acesso em: 23 out. 2025.

MAIA, R.; ROCHA, J. Lapa, paraíso do prazer e do pecado: boemia, malandragem e (re)configuração socioespacial em tempos de renovação urbana. **Revista Libertas**, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 143–166, ago./dez. 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/77951350/Lapa_para%C3%ADso_do_prazer_e_do_pecado_boemia_malandragem_e_re_configura%C3%A7%C3%A3o_socioespacial_em_tempos_de_renova%C3%A7%C3%A3o_urbana. Acesso em: 17 out. 2025.

MERITI, S.; GUIMARÃES, C. Eu vou pra Lapa. Intérprete: Alcione. In: **Acesa**. São Paulo: Indie Records, 2009. 1 CD. Faixa 5.

PINTEREST. **Big Dude Tour – Passeio City Tour no Rio de Janeiro**: Escadaria Selarón antes e depois. [s.d.]. Disponível em: <https://de.pinterest.com/pin/576601558546740765>. Acesso em: 24 out. 2025.

RIO DE JANEIRO AQUI. **Largo da Lapa – Lampadário sobreposto** [imagem]. [s.d.]. Disponível em: <https://www.riodejaneiroaqui.com/portugues/largo-da-lapa.html>. Acesso em: 24 out. 2025.

RODRIGUES, A. E. M. Em algum lugar do passado: cultura e história na cidade do Rio de Janeiro. In: SOUSA, E. S.; LYNCH, C. E. C. (org.). **Rio, capital do Brasil**: ensaios sobre a capitalidade. 1. ed. Rio de Janeiro: Jagatirica, 2025. p. 217-261. Disponível em: <https://www.rio.rj.gov.br/web/arquivogeral/livro-rio-capital-do-brasil>. Acesso em: 24 abr. 2026.

POSSIBILIDADES DE USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA NO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA APOIADA EM CHATBOTS

Rayanne Pedrosa Silva de Oliveira¹
Gonzalo Abio²

¹Licenciada em Letras-Espanhol pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-9113-9748>. E-mail: rayanne.oliveira@fale.ufal.br

² Docente do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas. Professor do curso de Letras Espanhol na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas. Orientador. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4045-503X>. E-mail: gonzalo@cedu.ufal.br

RESUMO: Desde o lançamento do *ChatGPT* em novembro de 2022, os chatbots alimentados por grandes modelos de linguagem (LLM) tornaram-se populares. Neste trabalho, de tipo misto e exploratório, pedimos, utilizando um mesmo *prompt*, que vários *chatbots* generalistas (*ChatGPT*, *Gemini*, *Claude*, *Grok*, *Deepseek*, *Copilot*, *One*, *Luzia* e *Meta*), assim como duas plataformas especializadas impulsionadas por IA (*Perplexity* e *Consensus*), fizessem uma busca por referências sobre o tema do uso de *chatbots* no ensino de línguas estrangeiras. O foco foi em trabalhos publicados entre 2022 e 2025 em espanhol ou português. Comparamos esses resultados com os que foram obtidos nas buscas realizadas com o *Google Acadêmico* com o mesmo tema e parâmetros de busca. Com os dados coletados, foi feita uma análise integradora final com *NotebookLM* para revelar as vantagens, usos e, ao mesmo tempo, os cuidados e desafios que professores e alunos devem ter no trabalho com esses sistemas. Esta pesquisa revelou que os *chatbots* generalistas utilizados apresentam resultados insuficientes e pouco confiáveis, sendo melhor usar o *Google Acadêmico*, seguindo estratégias de pesquisa adequadas. O *Perplexity* e o *Consensus* podem ser usados para pesquisas bibliográficas iniciais com os devidos cuidados. Para divulgação dos resultados foi preparado um infográfico e um *podcast*. Por fim, destaca-se a importância da ética e da transparência nos processos de pesquisa acadêmica, assim como do letramento em *prompt* para o trabalho com *chatbots*.

Palavras-chave: *chatbots*; inteligência artificial; ensino de línguas estrangeiras; ética na pesquisa; letramento acadêmico, informacional e em IA

POTENTIAL USES OF GENERATIVE ARTIFICIAL INTELLIGENCE IN FOREIGN LANGUAGE TEACHING: A LITERATURE REVIEW SUPPORTED BY CHATBOTS

ABSTRACT: Since the launch of ChatGPT in November 2022, chatbots powered by large language models (LLMs) have become popular. In this mixed-method exploratory study, we asked several generalist chatbots (ChatGPT, Gemini, Claude, Grok, Deepseek, Copilot, One, Luzia, and Meta), as well as two specialized AI-powered platforms (Perplexity and Consensus), to search for references on the topic of using chatbots in foreign language teaching, using the same prompt. We focused on works published between 2022 and 2025 in Spanish or Portuguese. We compared these results with those obtained in searches conducted with Google Scholar on the same topic and search parameters. With the data collected, a final integrative analysis was performed with NotebookLM to reveal the advantages, uses, and, at the same time, the precautions and challenges that teachers and students should consider when working with these systems. This research revealed that the generalist chatbots used produce insufficient and unreliable results, so it is better to use Google Scholar, following appropriate search strategies. Perplexity and Consensus could be used for initial searches with the necessary precautions. An infographic and a podcast were prepared to disseminate the results. Finally, it is worth highlighting the importance of ethics and transparency in academic research processes, as well as prompt literacy when working with chatbots.

Keywords: chatbots; artificial intelligence; foreign language teaching; research ethics; academic, informational, and AI literacy.

1. INTRODUÇÃO

A partir do lançamento público do *ChatGPT* em novembro de 2022 pela organização *OpenAI*, a Inteligência Artificial generativa (doravante IAG)³ teve um impacto quase imediato na sociedade em geral e também na educação. Por exemplo, várias pesquisas recentes mostram que a IAG é muito utilizada pelos estudantes (Cetic.br, 2025a, 2025b; Oxford University Press, 2025).

No contexto educacional, a incorporação de tecnologias baseadas na IAG pode trazer benefícios, tanto para os discentes quanto para os docentes, mas também não está isenta de riscos que devem ser melhor compreendidos e contornados (Gallent-Torres *et al.*, 2025; UNESCO, 2024, 2025).⁴

Diversos autores e organismos nacionais e internacionais (UNESCO, 2021; Cassany, 2024; Challco *et al.*, 2024; Gallent-Torres, 2024; Brasil, 2026; Cabero-Almenara; Barroso-Osuna, 2025), entre muitos outros, ressaltam que os professores podem aproveitar as potencialidades da IAG, mas devem cuidar que o trabalho seja realizado de forma transparente e ética.

Segundo Chenoll (2024), “a IAG no ensino de línguas estrangeiras oferece muitas oportunidades desafiadoras, mas também requer uma abordagem cuidadosa para sua implementação de forma que a qualidade do processo não seja afetada” (p. 43) (tradução própria).

Diante da lacuna e necessidade identificada na literatura, este trabalho propõe a realização de um levantamento de dados, mediante revisão bibliográfica, com o intuito de investigar as atividades e tarefas passíveis de execução com Inteligência Artificial Generativa (IAG) por docentes de línguas estrangeiras. Atribui-se especial atenção ao contexto do Espanhol como Língua Estrangeira (ELE), buscando compreender, concomitantemente, as precauções e diretrizes ético-metodológicas essenciais ao exercício docente mediado por tais tecnologias.

³ A IA Generativa é um tipo específico de Inteligência Artificial (IA) que simula a capacidade humana de criar novos conteúdos, como textos, imagens ou músicas, a partir de dados existentes. A criação de conteúdo pela IA Generativa é realizada a partir de instruções fornecidas pelos usuários, chamadas de “prompts”. A partir desses *prompts*, que são perguntas, instruções ou demandas textuais, a IA identifica padrões similares armazenados em grande conjunto de dados de textos, imagens, áudios, vídeos, músicas e até códigos de software. Localizados esses padrões, eles são usados pela IA para criar algo completamente novo, o que abre uma ampla variedade de possibilidades, especialmente em áreas como a Educação (Challco *et al.*, 2024, p. 8).

⁴ Por exemplo, ainda não conhecemos as consequências a longo prazo do uso da IAG para a cognição e a memória (Silva, 2025).

Para tanto, este estudo fundamenta-se nas seguintes perguntas norteadoras: (1) Quais são as produções científicas publicadas em português ou espanhol em periódicos de alto impacto que abordam o uso da IAG no ensino de línguas? (2) Quais as possibilidades e os desafios que podem ser mapeados a partir do *corpus* bibliográfico selecionado? (3) Quais recomendações pedagógicas podem ser sintetizadas para os docentes com base nos resultados da revisão bibliográfica?

Segundo Sampaio *et al.* (2024), Anthuvan *et al.* (2025) e Stremel (2025), novas ferramentas como *LitMaps*, *Semantic Scholar*, *Consensus*, *Conected Papers*, *Elicit*, *Inciteful*, *NotebookLM* e *Research Rabbit* tem potencializado a prospecção de referências bibliográficas. Sob essa ótica, este estudo propõe-se a investigar também a aplicabilidade de sistemas baseados em IAG no processo de busca e revisão de literatura. Pretende-se avaliar a eficácia dessas ferramentas e identificar eventuais distinções qualitativas entre a recuperação de artigos em plataformas especializadas mediadas por *chatbots*⁵ e a pesquisa bibliográfica em fontes convencionais, a exemplo do *Google Acadêmico*.

2. METODOLOGIA

Adotou-se a revisão integrativa de literatura como percurso metodológico para o alcance do objetivo delineado. Este método consiste no mapeamento e na análise crítica e sistemática de múltiplos estudos, possibilitando a síntese do estado da arte sobre um fenômeno específico e a identificação de lacunas de conhecimento (Souza; Silva; Carvalho, 2010).

Segundo os referidos autores, a operacionalização desta metodologia estrutura-se em seis etapas fundamentais: 1) identificação do tema e formulação da questão norteadora; 2) estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão para a amostragem da literatura; 3) definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados (coleta de dados); 4) avaliação crítica das obras incluídas; 5) interpretação e discussão dos resultados, com o cotejamento de dados e proposição de diretrizes para investigações

⁵O termo *chatbot* vem da junção das palavras em inglês *chat* (conversa) e *bot* (abreviação de robô). É uma abreviatura do termo *chatterbot*, criado dois anos antes. Na visão mais moderna da Inteligência Artificial, um *chatbot* pode ser considerado como um agente conversacional inteligente. O *ChatGPT* é um agente conversacional avançado que, em sua forma básica, atua como um *chatbot* sofisticado (adaptado a partir da resposta dada por Visão geral criada por IA, de *Google*, em consulta no dia 14 nov. 2025 com a pergunta “Chatgpt é um agente conversacional ou um chatbot?”).

futuras; e 6) síntese do conhecimento e apresentação da revisão (Souza; Silva; Carvalho, 2010, p. 104-105).

No que tange à execução deste estudo, a pesquisa organiza-se em duas fases. A primeira compreende três movimentos de busca, dos quais o primeiro movimento consiste na utilização de múltiplos *chatbots* generalistas. O propósito é reunir produções científicas acerca do uso da Inteligência Artificial (IA) no ensino de línguas estrangeiras, mediante a aplicação de um *prompt* padronizado para a extração dos dados.

O *prompt* utilizado foi o seguinte:

Atue como um pesquisador da área de educação. Identifique e compile artigos acadêmicos recentes em espanhol ou português publicados entre 2022 e 2025 que abordem o uso de chatbots (tais como ChatGPT, Gemini, Copilot, Perplexity, etc.) no contexto do ensino ou aprendizagem de línguas estrangeiras. Os artigos devem ser provenientes de revistas acadêmicas confiáveis e ter passado por revisão por pares (peer review). Organize os artigos em uma lista ordenada alfabeticamente, apresentando as referências de acordo com as normas da ABNT, e inclua o link de acesso para cada artigo. Em seguida, realize uma análise detalhada de cada estudo, examinando:

A metodologia empregada;

Os tipos de chatbots utilizados;

As principais conclusões obtidas.

Por fim, desenvolva uma análise integradora aprofundada que explore:

A evolução dos estudos sobre o tema ao longo do período considerado;

As tendências identificadas nos resultados dos artigos analisados;

Quais são as implicações desses achados para o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras;

Possíveis lacunas ou direções futuras para a pesquisa nessa área.

Certifique-se de que a análise seja minuciosa, crítica e contextualizada, oferecendo uma visão abrangente do estado atual da pesquisa sobre o uso de chatbots no ensino de línguas estrangeiras.

Observa-se que o *prompt* estruturado apresenta elevado grau de detalhamento, contemplando a definição da persona, diretrizes operacionais explícitas e a restrição a artigos revisados por pares em periódicos indexados, além de solicitar uma análise complexa dos resultados.

A investigação utilizou diversos chatbots de propósito geral (*ChatGPT 5*, *Claude 4 Sonnet*, *Grok 4*, *DeepSeek V3*, *Gemini 2.5 Pro* e *One*), centralizados na plataforma agregadora *AdaptaOne*, que provê serviços e consultoria em Inteligência Artificial

Generativa (IAG). Adicionalmente, o mesmo comando foi utilizado de forma externa nas ferramentas *LuzIA* e *Meta* (via *WhatsApp*), bem como no *Microsoft Copilot*.

Em um segundo momento, empregaram-se duas plataformas de IA especializadas na curadoria e análise de dados acadêmicos (*Perplexity* e *Consensus*). O terceiro movimento desta etapa consistiu na busca convencional no *Google Acadêmico*, mediante o uso de operadores booleanos (*AND* e *OR*) e seguindo as recomendações de Espinoza-Freire (2025) para a busca de informação acadêmica de forma eficiente e efetiva.

Os critérios de inclusão e exclusão aplicados às buscas de produções científicas sobre o uso da IA no ensino de línguas estrangeiras, abrangendo as diversas ferramentas de pesquisa mencionadas, encontram-se sistematizados no Quadro I.

Quadro I – Critérios de inclusão e exclusão para a busca e seleção de trabalhos nesta pesquisa

Tipo de critério	Inclusão	Exclusão
Período de tempo	2022 a 2025	Publicações anteriores a 2022.
Língua	Espanhol ou português	Outras línguas
Tipo de documento	Artigos acadêmicos em periódicos com acesso aberto e revisado por pares (<i>peer review</i>)	Capítulos de livros e literatura cinzenta: monografias, teses, dissertações, palestras e outros trabalhos não publicados, editoriais, blogs, <i>preprints</i> em repositórios como ArXiv ou SSRN.
Tema	Relacionado com o uso da IA no ensino de línguas estrangeiras	Sem relação com o uso da IA no ensino de línguas estrangeiras
Métodos	Trabalhos empíricos	Artigos que não seja trabalhos empíricos, por exemplo, ensaios narrativos sem rigor metodológico

Fonte: Elaborado pelos autores.

Com o intuito de assegurar o rigor metodológico, este estudo adota as

recomendações de Roe (2025) quanto à transparência no uso de IA em pesquisas educacionais. Nesse sentido, os procedimentos de busca e análise observam quatro diretrizes fundamentais: (1) organização de documentação detalhada sobre o emprego da IA Generativa; (2) registro sistemático de *prompts*, modelos, versões e datas de acesso; (3) manutenção de histórico de alterações em rascunhos e análises assistidas; e (4) descrição pormenorizada do fluxo de trabalho, visando a reprodutibilidade e a compreensão do processo por pares (Roe, 2025, p. 47).

A segunda fase da pesquisa dedica-se à análise do corpus bibliográfico reunido, contando com o suporte do *NotebookLM*, uma ferramenta desenvolvida pelo *Google*, fundamentada no modelo *Gemini*, que pode ajudar professores e alunos nos estudos e na pesquisa (Alisoy, 2025). Entre suas aplicações, destacam-se a geração automática de resumos em áudio (*audio overview*) que tem recebido uma grande atenção por parte de pesquisadores e educadores (Abio, 2025, Kokala, 2024, Taritsa *et al.*, 2025), assim como a elaboração de suportes visuais e fichas de estudo, além da capacidade de processar interações analíticas baseadas em até 50 fontes distintas fornecidas pelo usuário ou recuperadas em bases de dados integradas, de acordo com os temas e análises que sejam solicitados e que outros usuários já tenham produzido e divulgado.

O diferencial analítico do *NotebookLM* reside em sua arquitetura de Geração Aumentada por Recuperação (*Retrieval-Augmented Generation - RAG*), que ancora as respostas estritamente nos documentos submetidos pelo usuário. Segundo Reyna (2025), essa configuração mitiga a ocorrência de "alucinações" e amplia a fidedignidade e a transparência dos resultados. Nesta investigação, a ferramenta será operada por meio de conta institucional da UFAL (*Google Workspace for Education*), garantindo dessa forma que os dados e documentos carregados não sejam utilizados para o treinamento de modelos externos ou divulgados, conforme as políticas de privacidade da plataforma.⁶

Por fim, a análise conduzida nesta etapa possibilitará o mapeamento de tendências, desafios e oportunidades emergentes no campo da Inteligência Artificial aplicada ao processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras.

3. RESULTADOS

⁶Ajuda do Google: Saiba mais sobre o *NotebookLM* > Saiba como o *NotebookLM* protege os seus dados. Disponível em:

https://support.google.com/notebooklm/answer/16164461?hl=pt&ref_topic=16164070&sjid=11242602074243752697-SA.

Para investigar as possíveis distinções entre a recuperação de referências em plataformas mediadas por *chatbots* e as fontes convencionais, as análises iniciaram-se pelos resultados obtidos com os *chatbots* generalistas, conforme delineado no primeiro movimento de busca descrito na metodologia.

No que tange ao *chatbot One* (via *AdaptaOne*), a submissão do *prompt* estruturado resultou, inicialmente, em apenas três referências. Após solicitação de expansão para 15 itens, a ferramenta apresentou 16 títulos; contudo, apenas três atenderam integralmente aos critérios de inclusão estabelecidos, como pode ser visto no *link* da interação.⁷

Quanto ao *Grok 4*, embora tenha listado oito referências, constatou-se que a maioria consistia em dados fictícios. Apenas uma entrada revelou-se autêntica, remetendo ao número monográfico da revista *Linguagem em Foco* (v. 16, n. 2, 2024) intitulado “Multimodalidade e Tecnologia digital: desafios e impactos em tempos de IA para a pesquisa e ensino”⁸. As outras sete referências foram classificadas como inexistentes, visto que não foram localizadas nos arquivos das editoras nem via mecanismos de busca global, a despeito da afirmação explícita proporcionada pelo sistema de que os dados baseavam-se em publicações reais.⁹

O modelo *DeepSeek V3* recuperou sete referências, todas verificadas como reais.¹⁰ Notou-se, entretanto, uma inconsistência nos nomes das autoras da última entrada, possivelmente derivada de falhas na extração de metadados da plataforma de origem. Já a interação com o *Claude 4 Sonnet* revelou-se limitada¹¹, fornecendo apenas duas referências, sendo uma delas da área de saúde e sem relação com línguas estrangeiras enquanto a outra leva para o sumário do mesmo número monográfico da revista *Linguagem em Foco* (v. 16 n. 2, 2024) identificado anteriormente.¹²

⁷Interação com o *chatbot One* realizada em 03 nov. 2025. Disponível em: <https://app.adapta.one/chats/shared/7abf7145-bf6c-48f1-a569-c1a7003a979c>.

⁸Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/issue/view/618> Acessado em 03 nov. 2025.

⁹Interação com o *chatbot Grok 4* realizada em 03 nov. 2025. Disponível em: <https://app.adapta.one/chats/shared/c77ff96e-be91-4945-852b-5cac88e2744e>.

¹⁰Interação com o *chatbot Deepseek V3* realizada em 03 nov. 2025. Disponível em: <https://app.adapta.one/chats/shared/61dfd0a3-85d1-4594-aa06-67ca84c50092>.

¹¹Interação com o *chatbot Claude 4 Sonnet* realizada em 03 nov. 2025. Disponível em: <https://app.adapta.one/chats/shared/f7241405-23f3-44ae-8f29-b2f8d7d8fba9>.

¹²Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/issue/view/618> Acessado em 03 nov. 2025.

Por sua vez, o *Gemini 2.5 Pro* recuperou duas fontes pertinentes ao ensino de línguas em língua portuguesa.¹³ O *ChatGPT 5* listou cinco referências adequadas, além de sugerir um trabalho de conclusão de curso (monografia de graduação), que foi excluído por não atender aos critérios prévios de inclusão.¹⁴ Por fim, a utilização do *Microsoft Copilot* (versão aberta com função *Search* ativada) resultou em três indicações, das quais apenas a primeira foi validada. Os itens subsequentes foram identificados como alucinações do sistema, pois não puderam ser localizados e os volumes e números das publicações citadas são inconsistentes com a realidade.¹⁵

A síntese das referências validadas para cada *chatbot* generalista, observando-se os parâmetros fixados na amostragem, encontra-se consolidada no Quadro 2.

Quadro 2 – Referências encontradas nas buscas com chatbots generalistas

Referências citadas pelos chatbots	One	Grok 4	Deepseek V3	Claude 4 Sonnet	Gemini 2.5 Pro	ChatGPT 5	CoPilot
Arias, Ramos e Cangalaya (2024)							X
Dias, Alecrim e Dias (2025)	X	-					
Fernandes e Carvalho (2025)	X	-	X		X		
Galán, Bobadilla e Barros (2025)	X*	-	X			X	
Gallas, Vetromille-Castro e Oliveira (2025)	X*	-	X			X	
Junguito e Chenoll (2024)	X	-	X		X	X	
Martins e Pitz (2024)		-	X				
Santos e Oliveira (2024)	X*	-	X			X	
Sanz Manzanedo (2025)		-	X			X	

*na segunda rodada

Conforme evidenciado no quadro anterior, a recuperação de fontes foi baixa desde o ponto de vista numérico, apresentando, adicionalmente, uma elevada taxa de redundância entre os diferentes modelos. Sob a perspectiva quantitativa, o desempenho do *DeepSeek V3* mostrou-se superior, seguido pelo *ChatGPT 5* e pelos resultados da segunda iteração do modelo *One*. Em contrapartida, o *Gemini 2.5 Pro* apresentou um

¹³ Interação com o *chatbot Gemini 2.5 Pro* realizada em 03 nov. 2025. Disponível em: <https://app.adapta.one/chats/shared/9bel d9b4-7131-407c-bfca-70286b3e6397>.

¹⁴ Interação com o *chatbot ChatGPT 5* realizada em 04 nov. 2025. Disponível em: <https://app.adapta.one/chats/shared/77828d57-eef1-43c9-a23e-2f790b96d72c>.

¹⁵ Interação com o *chatbot Copilot* realizada em 04 nov. 2025. Disponível em: <https://copilot.microsoft.com/shares/xmNi8RVRCNlL6z9MfukB4>.

desempenho limitado, com apenas duas fontes pertinentes, enquanto o *Microsoft Copilot* registrou apenas uma referência válida e duas ocorrências de alucinação. Destaca-se, sob um prisma negativo, o desempenho do *Grok 4*, cujas oito referências listadas revelaram-se fictícias de forma integral.

Em uma etapa subsequente, os testes foram replicados nas interfaces de *LuzIA* e *Meta AI* (ambas via *WhatsApp*). A ferramenta *LuzIA* forneceu uma listagem de seis artigos sem *hiperlinks* funcionais, dos quais três foram identificados como inexistentes. As demais entradas apresentaram títulos que remetiam a produções reais de outros autores e periódicos, configurando uma veracidade apenas parcial. Os artigos autênticos indiretamente aludidos foram os de Barbosa e Leite (2025), Brognoli e Rodrigues (2025) e Lima e Meira (2025).

Por sua vez, o modelo *Meta AI* (baseado no *Llama 4*) recuperou três referências reais com *hiperlinks* ativos. Entretanto, o sistema não observou a norma NBR 6023 da ABNT solicitada, optando pelo formato APA, e as obras listadas não apresentavam correlação temática com o escopo desta pesquisa.

Para concluir o mapeamento da busca por referências, aplicou-se o *prompt* ao *ScholarGPT* (baseado no *ChatGPT 5*).¹⁶ O resultado, embora aparentasse solidez estrutural, revelou-se ineficaz: as nove referências geradas foram identificadas como alucinações completas, não sendo localizadas por título ou pelo nome das revistas citadas.¹⁷

No segundo movimento desta investigação, testou-se o desempenho de duas plataformas especializadas em curadoria acadêmica: *Perplexity* e *Consensus*. Na interação com o *Perplexity* (via navegador *Comet*), aplicou-se o *prompt* padronizado que, após um processamento de aproximadamente dois minutos, gerou uma análise fundamentada em sete artigos principais e trinta e três fontes secundárias.¹⁸

¹⁶ GPTs personalizados (Custom GPTs) são versões personalizadas do ChatGPT que qualquer usuário pagante pode criar para tarefas específicas, sem a necessidade de codificação aprofundada. Esses GPTs personalizados podem ser criados para uso pessoal, compartilhados por link ou publicados na GPT Store (uma loja de aplicativos para GPTs). Neste caso foi utilizado o Scholar GPT, criado por awesomegpts.ai que, segundo aparece no anúncio, procura em mais de 200 milhões de referências de Google Scholar, PubMed, bioRxiv, arXiv e outras bases de dados. Disponível em: <https://chatgpt.com/g/g-kZ0eYXlJe-scholar-gpt>.

¹⁷ Interação com Scholar GPT, do GPT 5, realizada em 06 nov. 2025. Disponível em: <https://chatgpt.com/share/690e0c6a-ee84-8002-a30d-ba26e2ea0924>.

¹⁸ Interação com *Perplexity* em 05 nov. 2025. Disponível em: <https://www.perplexity.ai/search/atue-como-um-pesquisador-da-ar-.OKpw2mCQUCEIfUTF8wgg#0>.

O relatório gerado apresentou uma listagem de quinze referências estruturadas segundo as normas da ABNT. Todavia, a análise técnica revelou que as entradas 1 e 7 não eram da área de ensino de línguas, enquanto a referência 9 consistia em uma dissertação de mestrado (não atendendo ao critério de periódicos). Adicionalmente, os itens 2, 3, 5, 8, 10, 12 e 15 foram redigidos em língua inglesa. A referência 14 foi identificada como uma alucinação: embora o *hiperlink* fosse funcional, remetia a um artigo distinto, também em inglês. Notaram-se ainda imprecisões autorais na referência 12 e erros de titulação na de número 6. Por conseguinte, apenas três fontes alinharam-se aos critérios de seleção: Pinto Júnior (2024), Fernandes e Carvalho (2025) e Guillermo Morales e Carcausto-Callas (2025). Ressalte-se, contudo, que a síntese sistemática oferecida pela plataforma *Perplexity* demonstrou utilidade analítica para o escopo do estudo.

Uma iteração subsequente no *Perplexity*, realizada via acesso direto e com um *prompt* simplificado, gerou oito referências adicionais.¹⁹ Esta amostragem, entretanto, apresentou inconsistências nominais (totais ou parciais) em três registros (2, 6 e 7), assim como a troca parcial de um título e um ano na sétima referência.

A segunda plataforma especializada, *Consensus*, foi consultada mediante a seguinte indagação: “O uso de chatbots pode ser favorável para estudar e aprender línguas estrangeiras?”²⁰ O sistema processou treze referências, resultando em um indicador de consenso de 67% de resultados positivos, 8% de probabilidade favorável e 25% de resultados mistos.²¹ Diferentemente dos modelos generalistas, o *Consensus* recuperou artigos com elevado índice de citações.

Dada a predominância de fontes em inglês, realizou-se uma segunda interação com ajuste de *prompt*, solicitando-se especificamente artigos em espanhol ou português. Nesta ocasião, os indicadores de consenso alteraram-se para 88% positivo e 13% provável²², acompanhados de uma nota do sistema sobre a hegemonia da literatura em

¹⁹ Segunda interação com *Perplexity*, desta vez pelo acesso direto ao *chatbot*, realizado em 06 nov. 2025. Disponível em: <https://www.perplexity.ai/search/faca-uma-lista-ordenada-alfabe-fTIhhUGCStmDZpdY6HJhJw?preview=1#0>.

²⁰ *Consensus*, segundo a página de ajuda da própria plataforma não é um *chatbot*, senão uma plataforma de busca de pesquisas acadêmicas e científicas. Serve para perguntas que precisam de uma resposta rápida apoiada em referências acadêmicas (Consensus, 2022).

²¹ Interação com *Consensus* realizada em 10 nov. 2025. Disponível em: https://consensus.app/search/o-uso-de-chatbots-pode-ser-favoravel-para-estudar-/nPvKVhEnTpOeAlI-zT3ewg/?utm_source=share&utm_medium=clipboard.

²² Segunda interação com *Consensus* realizada em 10 nov. 2025. Disponível em https://consensus.app/search/o-uso-de-chatbots-pode-ajudar-no-estudo-e-aprendiz/j7SEld3kSs2gf8UjkceFg/?utm_source=share&utm_medium=clipboard.

língua inglesa Observou-se, entretanto, que a totalidade das referências fornecidas permanecia na língua inglesa, descumprindo a restrição linguística solicitada, embora apresentassem alta relevância e *links* funcionais. Em uma verificação comparativa, constatou-se que o volume de citações indicado pelo *Consensus* é significativamente inferior aos dados registrados pelo *Google Acadêmico*.

Por fim, o terceiro movimento metodológico consistiu na busca convencional via *Google Acadêmico*.²³ Foram aplicadas diversas cadeias de busca (*strings*) em espanhol e português, cujos resultados quantitativos encontram-se sistematizados no Quadro 3.

Quadro 3 – Número de referências com o *Google Acadêmico* com diversos *strings* de busca

String de busca	2022-2025	2025
ChatGPT AND “línguas estrangeiras”	279	120
chatbots AND “línguas estrangeiras”	238	73
“inteligência artificial” AND “línguas estrangeiras”	1250	342
ChatGPT AND “lenguas extranjeras”	929	444
chatbots AND “lenguas extranjeras”	635	289
“inteligência artificial” AND “lenguas extranjeras”	2590	908

Fonte: Elaborado pelos autores com dados do *Google Acadêmico* do dia 11 de novembro de 2025.

Os dados obtidos via *Google Acadêmico* revelam que a produção científica em língua espanhola supera quantitativamente a registrada em português no recorte analisado.

Concluídas as etapas iniciais de prospecção, a segunda fase da pesquisa consistiu na análise integrativa dos resultados por meio do *NotebookLM* (baseado no *LLM Gemini*). Para compor o *corpus* de análise, selecionaram-se dezessete produções, priorizando artigos de revisão e estudos recentes (predominantemente de 2025 e 2024), dada a

²³ O *Google Scholar* (*Google Acadêmico* em português) mede a relevância de um artigo acadêmico usando um algoritmo que simula como os próprios pesquisadores avaliam o trabalho científico. Os principais fatores que são levados em consideração incluem: o número de citações (fator de maior peso), o texto completo e as palavras-chave, a reputação do(s) autor(es), o local de publicação, e a recência. O sistema busca classificar os resultados de uma forma que reflita o consenso e a importância percebida pela comunidade acadêmica, combinando a relevância do conteúdo com a sua influência na pesquisa subsequente (*Google Scholar*, s.d.).

celeridade dos avanços em Inteligência Artificial Generativa (IAG) na educação linguística. A amostra foi segmentada conforme o idioma de foco:

Língua Portuguesa: Pinto Junior (2024) e Rodrigues (2025);

Língua Inglesa: Cely Betancourt *et al.* (2025), Córdoba Ibarguen e Larreal Bracho (2025), Fernandes e Carvalho (2025), Gallas, Vetromille-Castro e Oliveira (2025), Paniagua Urbáez *et al.* (2025), Parra Núñez e Castrillo de Larreta-Azelain (2025), Ramírez Morán *et al.* (2026), Rebolledo e Gisbert (2025) e Rodríguez Fuentes *et al.* (2024);

Língua Espanhola: Córdoba Ibarguen e Larreal Bracho (2025), Lozano Arredondo, Bejarano Alvarez e Sagastegui Toribio (2025) e Vera Torres *et al.* (2025);

Idiomas em Geral: Guillermo Morales e Carcausto Calla (2025), Sans Manzanedo (2025), Torres Vivar *et al.* (2025) e Vassis (2025).

O *prompt* aplicado assemelhou-se ao das buscas anteriores, porém direcionado especificamente à análise das fontes previamente carregadas na plataforma. O *NotebookLM* executou satisfatoriamente as tarefas programadas: inicialmente, organizou as referências em ordem alfabética segundo a norma ABNT (NBR 6023) e, sequencialmente, processou o conteúdo de cada artigo. A análise foi estruturada em eixos temáticos: metodologia, *chatbots* empregados, habilidades linguísticas, vantagens, desafios e conclusões principais. A fidedignidade dos dados gerados pela ferramenta foi validada mediante conferência manual exaustiva de cada fonte original.

Adicionalmente, a ferramenta procedeu à análise integradora solicitada, categorizando o desenvolvimento dos estudos em dois períodos distintos: (1) fase pré-*ChatGPT* (2015-2022) e (2) fase pós-*ChatGPT* (2023-2025). Por fim, o sistema sistematizou as tendências emergentes e as lacunas teóricas, apontando diretrizes para investigações futuras fundamentadas no corpus bibliográfico.

Com o intuito de aprofundar a interação analítica, submeteu-se a seguinte instrução ao *NotebookLM*:

Atue como um especialista formador de professores de línguas estrangeiras. A partir das análises realizadas com as fontes subidas pode fazer uma lista de seis recomendações ou cuidados que os professores devem ter no trabalho com *chatbots* na educação e na pesquisa?

As recomendações geradas pelo *NotebookLM* subsidiaram a produção de um infográfico²⁴ e, subsequentemente, a criação de um *podcast* acadêmico. Na iteração inicial, a síntese vocal apresentou-se em português europeu com duração de 14min20s, uma extensão considerada excessiva para a manutenção do engajamento auditivo. Após o ajuste das configurações para o português brasileiro, obteve-se um novo arquivo de 12 minutos (23 MB em formato .m4a). Para otimizar a portabilidade e o acesso pelos ouvintes interessados, o material foi convertido para o formato .mp3.²⁵

4. COMENTÁRIOS FINAIS

A presente investigação objetivou mapear as atividades pedagógicas exequíveis via Inteligência Artificial Generativa (IAG) e identificar as precauções éticas essenciais ao docente de línguas. Para tanto, empreendeu-se uma revisão sistemática de literatura estruturada em dois eixos complementares: um movimento “de cima para baixo” (*top-down* ou dedutivo), focado na prospecção de trabalhos por meio de diversas ferramentas, e outro “de baixo para cima” (*bottom-up* ou indutivo), dedicado à análise qualitativa do *corpus* selecionado via *NotebookLM*.

Quanto à eficácia das ferramentas, as interações com os sete *chatbots* generalistas e o agente especializado (*ScholarGPT*) apresentaram resultados aquém das expectativas. Embora tenham permitido uma aproximação inicial ao tema, as respostas foram marcadas por inconsistências. Em contrapartida, as plataformas especializadas (*Perplexity* e *Consensus*) demonstraram maior robustez na recuperação e análise de dados, apesar de ainda apresentarem limitações quanto ao cumprimento de restrições linguísticas.

Um achado crítico deste estudo reside na alta incidência de “alucinações” em ambos os tipos de sistemas (generalistas e especializados). A ocorrência de informações fictícias ou parcialmente verídicas impõe a necessidade de verificação exaustiva de cada dado fornecido. Diante do estado atual da tecnologia, conclui-se que o uso isolado de *chatbots* baseados em *LLMs* de código fechado deve ser evitado para fins de prospecção bibliográfica rigorosa. É importante considerar, contudo, que a ausência de um histórico de interação prévia com esses sistemas pode ter influenciado no desempenho inicial das

²⁴ Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1TNjdF6324j-GTYW-PH_2Xuli276wPCmL/view?usp=sharing

²⁵ Áudio e transcrição do podcast disponíveis em https://drive.google.com/file/d/1uqSqIP3Tivehv5A6OLQ4IwQvaVa8WYO_/view?usp=drive_link.

ferramentas. Talvez com um uso mais continuado as respostas possam melhorar nesse sentido.

A opacidade dos algoritmos e a alta variabilidade das respostas — sensíveis a sutis ajustes nos *prompts* — reforçam que os resultados da IAG devem ser tratados com cautela analítica.²⁶ A inteligência artificial não fornece soluções irrefutáveis, mas sim subsídios que exigem validação humana constante. Em contraposição, a busca convencional via *Google Acadêmico*, fundamentada em operadores booleanos e cadeias de busca específicas, revelou-se superior em eficácia, atualidade e volume de citações verificáveis. Opções adicionais do *Google Acadêmico* para ordenar as referências por datas, visualizar citações, citar segundo as normas da ABNT e procurar apenas em artigos de revisão, facilitaram a busca e ordenamento dos resultados

O *NotebookLM* cumpriu satisfatoriamente a função de síntese e integração dos resultados, sistematizando tendências e lacunas conforme os parâmetros solicitados, cujos dados foram validados integralmente pela leitura analítica das fontes originais. Em última análise, a pesquisa evidencia que a busca acadêmica contemporânea exige um letramento em *prompt* aliado ao domínio técnico de bases de dados e normas de citação (NBR 6023), sempre sob o prisma da transparência e da ética.

Como limitação, este estudo restringiu-se a produções em português e espanhol. Embora o *corpus* tenha sido suficiente para os objetivos propostos, investigações futuras devem integrar a literatura em língua inglesa para ampliar a fidedignidade e a abrangência dos resultados.

REFERÊNCIAS

ABIO, G. Um podcast feito com IA para explicar a Gramática de Design Visual (GDV) de Kress e van Leeuwen. **Blog de Gonzalo Abio** - Educação, 16 de set. de 2025. Disponível em: <https://gonzaloabio-educa.blogspot.com/2025/09/um-podcast-para-explicar-com-exemplos.html>. Acesso em: 24 out. 2025.

ALISOY, H. Can NotebookLM Support English Language Learners? A Theoretical Perspective on AI Tools in Education. **Porta Universorum**, v. 1, n. 6, p. 25-55, 2025. DOI: 10.69760/portuni.0106003. Disponível em: <https://egarp.lt/index.php/JPURM/article/view/347>. Acesso em: 12 nov. 2025.

²⁶ Autores como Ricieri et al. (2024) e Sampaio et al. (2024) chamam a atenção sobre esses fatos.

ANTHUVAN, T. et al. SLR^{AI}: A Systematic Review and Methodological Framework for AI-Augmented Evidence Synthesis with Human-in-the-Loop Integration. **SSRN** 5394910, July 17, 2025. DOI: 10.2139/ssrn.5394910. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=5394910>. Acesso em: 20 out. 2025.

ARIAS-CHÁVEZ, D.; RAMOS-QUISPE, T.; CANGALAYA SEVILLANO, L. M. Análisis y tendencias en el uso de chatbots y agentes conversacionales en el campo de la educación: una revisión bibliométrica. **Innovaciones Educativas**, v. 26, n. 41, p. 242-261, jul./dez. 2024. DOI: 10.22458/ie.v26i41.5135. Disponível em: https://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2215-41322024000200242. Acesso em: 04 nov. 2025.

BARBOSA, T. R.; LEITE, J. E. R. Chat-GPT usage in English Language Teaching: digital literacy development and challenges in education. **Revista de Estudos de Cultura**, São Cristóvão, v. 11, n. 27, p. 229-242, 2025. DOI:10.32748/revec.v11i27.22297. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revec/article/view/22297>. Acesso em: 06 nov. 2025.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Referencial para Desenvolvimento e Uso Responsáveis de Inteligência Artificial na Educação**. 1 ed., Brasília, DF: Ministério da Educação, 2026, 241 p. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/media/segape/referencial-oficial-pt.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2026.

BROGNOLI, P. C.; RODRIGUES, M. B. ChatGPT na Universidade de Perugia: Potencializando a interação entre docentes e discentes. **Encontros Bibli**, v. 30, p. e102135, 2025. DOI: 10.5007/1518-2924.2025.e102135. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eb/a/g6sRWHSSvSWZJJ47Lm5RrsR/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 03 nov. 2025.

CABERO-ALMENARA, J.; BARROSO-OSUNA, J. La ética de la Inteligencia Artificial en la educación: hacia un uso responsable e inclusivo. **Educación e Pesquisa**, v. 51, p. e293347, 2025. DOI: 10.1590/S1678-4634202551293347es. Disponível em: https://revistas.usp.br/ep/pt_BR/article/view/242542. Acesso em: 11 nov. 2025.

CASSANY, D. (Enseñar a) leer y escribir con inteligencias artificiales generativas: reflexiones, oportunidades y retos. **Enunciación**, v. 29, n. 2, p. 320-336, 2024. DOI: 10.14483/22486798.22891. Disponível em:

<https://revistas.udistrital.edu.co/index.php/enunc/article/view/22891>. Acesso em: 13 nov. 2025.

CELY BETANCOURT, B. L. et al. The Contribution of Artificial Intelligence to the Teaching of Communicative Skills in the EFL Class: A Theoretical Review. **Revista Científica de Salud y Desarrollo Humano**, v. 6, n. 3, p. 114–145, 2025. DOI: 10.61368/r.s.d.h.v6i3.764. Disponível em: <https://revistavitalia.org/index.php/vitalia/article/view/764>. Acesso em: 11 nov. 2025.

CETIC.BR. **TIC Kids online Brasil 2025. Principais Resultados**. São Paulo: Centro Regional de Estudos de Desenvolvimento da Sociedade da Informação, 22 de outubro de 2025a. Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_kids_online_brasil_2025_principais_resultados.pdf. Acesso em: 26 out. 2025.

CETIC.BR. **TIC EDUCAÇÃO 2024. Coletiva de imprensa**. São Paulo: Centro Regional de Estudos de Desenvolvimento da Sociedade da Informação, 16 de setembro de 2025b. https://cetic.br/media/analises/tic_educacao_2024_principais_resultados.pdf. Acesso em: 26 out. 2025.

CHALLCO, G. C. et al. **Inteligência Artificial Generativa na Educação**. IA.EDU/NEES, 2024. Disponível em: <https://iaedu.nees.ufal.br/wp-content/uploads/2025/04/NT-I-Inteligencia-Artificial-Generativa-na-Educacao.pdf>. Acesso em: 24 out. 2025.

CHENOLL, A. La influencia de la IAGen en el proceso de evaluación: perspectivas actuales y futuras. **Doblele. Revista de lengua y literatura**, v. 10, p. 36–53, 2024. DOI: 10.5565/rev/doblele.155. Disponível em: <https://revistes.uab.cat/doblele/article/view/v10-chenoll>. Acesso em: 03 nov. 2025.

CONSENSUS. **How to Search & Best Practices**. Consensus Help Center, July 13th, 2022. <https://consensus.app/home/blog/maximize-your-consensus-experience-with-these-best-practices/>. Acesso em: 09 nov. 2025

CÓRDOBA IBARGÜEN, W. A.; LARREAL BRACHO, A. J. Del silencio al discurso: La Inteligencia Artificial como Aliada en el Desarrollo de la Expresión Oral en inglés. **Scientific Journal T&E**, v. 2, n. 1, p. 9-35, 2025. DOI: 10.48204/3072-9653.7646.

Disponível em: https://revistas.up.ac.pa/index.php/scientific_journal/article/view/7646.
Acesso em: 10 nov. 2025.

DIAS, P. V. R.; ALECRIM, B. B.; DIAS, J. S. A Inteligência Artificial em Aplicativos para Aprendizagem de uma nova Língua Estrangeira. **Revista Educação e Humanidades**, v. 6, n. 2, p. 343-351, 2025. Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/reh/article/view/18294>. Acesso em: 03 nov. 2025.

ESPINOZA-FREIRE, E. E. Estrategias de búsqueda de información en bases de datos científicas: Una guía práctica. **Sociedad & Tecnología**, v. 8, n. S2, p. 647–658, 2025. DOI: 10.51247/st.v8iS2.226. Disponível em: <https://institutojubones.edu.ec/ojs/index.php/societec/article/view/226>. Acesso em: 01 nov. 2025.

FERNANDES, A. A.; CARVALHO, T. L. Implicações da Inteligência Artificial para o desenvolvimento da proficiência escrita em Inglês como Língua Adicional: o papel do ChatGPT. **Verbum**, v. 14, n. 1, p. 31-45, 2025. DOI: 10.23925/2316-3267.2025v14i2p31-45. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/verbum/article/view/68973>. Acesso em: 03 nov. 2025.

GALÁN-RODRÍGUEZ, N. M^a; BOBADILLA-PÉREZ, M.; BARROS-GRELA, E. Attitudes and perceptions: the role of artificial intelligence in the training of future secondary school foreign language teachers. **Texto Livre**, v. 18, p. e51692, 2025. DOI: 10.1590/1983-3652.2025.51692. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/51692>. Acesso em 04 nov. 2025.

GALLAS, L. da C. S.; VETROMILLE-CASTRO, R.; DA SILVA OLIVEIRA, B. O ChatGPT vai substituir os professores de línguas?: uma análise do ChatGPT na elaboração de planos de aula para ensino de línguas. **Revista de Estudos de Cultura**, v. 11, n. 27, p. 213-228, 2025. DOI: 10.32748/revec.v11i27.22738. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revec/article/view/22738>. Acesso em: 04 nov. 2025.

GALLENT-TORRES, C.; COMAS-FORGAS, R.; VALLESPÍR-ADILLÓN, M. Inteligência artificial generativa no campo educacional: oportunidades, desafios e seu impacto na integridade acadêmica. In: MAINARDES, J.; SIQUELLI, S. A. (coords.). **Ética e pesquisa em educação**. Subsídios, v. 4. Rio de Janeiro: ANPED, 2025, p. 199-209. Disponível em:

https://anped.org.br/wp-content/uploads/2025/08/Etica-e-Pesquisa-em-Educacao_v.4_final.pdf. Acesso em: 20 out. 2025.

GALLEN-TORRES, C. et al. Inteligencia Artificial en educación: entre riesgos y potencialidades. **Praxis educativa**, v. 19, 2024. DOI: 10.5212/praxeduc.v.19.23760.083. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/23760>. Acesso em 20 out. 2025.

GOOGLE SCHOLAR. **Wikipedia**. The Free Encyclopedia, s.d. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Google_Scholar. Acesso em: 11 nov. 2025.

GUILLERMO MORALES, L. E.; CARCAUSTO CALLA, W. H. El uso de Chatbots en el aprendizaje de idiomas: una revisión sistemática. **Revista InveCom**, v. 5, n. 3, e050372, set. 2025. DOI: 10.5281/zenodo.14532857. Disponível em: https://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2739-00632025000300215. Acesso em: 05 nov. 2025.

JUNGUITO, M.; CHENOLL, A. El uso de las herramientas de inteligencia artificial generativa en el aula de lenguas extranjeras desde la perspectiva del docente. **RE@D-Revista de Educação a Distância e Elearning**, v. 7, n. 1, p. e202410-e202410, 2024. DOI: 10.34627/redvol7iss1e202410. Disponível em: https://revistas.rcaap.pt/lead_read/article/view/35153. Acesso em: 03 nov. 2025.

KOKALA, A. Revolutionizing Content Creation: Leveraging AI-Driven Podcast Generation with NotebookLM and Personalized Insights. **International Research Journal of Modernization in Engineering Technology and Science**, v. 6, n. 12, p. 1798-1803, December 2024. DOI: 10.56726/IRJMETS65280. Disponível em: https://www.irjmets.com/uploadedfiles/paper//issue_12_december_2024/65280/final/fin_irjmets1734338789.pdf. Acesso em: 12 nov. 2025.

LIMA, S. O.; MEIRA, J. de L. Inteligência artificial e educação: estratégias para avaliar a eficácia do chatbot educacional EducaChat. **REVISTA DELOS**, v. 18, n. 70, p. e6206-e6206, 2025. DOI: 10.55905/rdelosv18.n70-068. Disponível em: <https://ojs.revistadelos.com/ojs/index.php/delos/article/view/6206>. Acesso em: 05 nov. 2025.

LOZANO ARREDONDO, D. M.; BEJARANO ALVAREZ, P. M.; SAGASTEGUI TORIBIO, E. E. Percepción estudiantil sobre inteligencia artificial aplicada a la traducción en educación superior: Revisión sistemática. **Revista Tribunal**, v. 5, n. 12, p. 767-782,

2025. DOI: 10.59659/revistatribunal.v5i12.236. Disponível em:
http://www.scielo.org/bo/scielo.php?pid=S2959-65132025000300767&script=sci_arttext.
Acesso em: 10 nov. 2025.

MARTINS, C. B. M. J.; PITZ, M. L. Escrevendo o futuro: perspectivas docentes sobre o uso de Inteligência Artificial na produção escrita em Língua Estrangeira. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 23, n. 2, p. DT11, 2024. DOI: 10.26512/rhla.v23i2.53707. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/53707>. Acesso em: 03 nov. 2025.

OXFORD UNIVERSITY PRESS. **Teaching the AI-Native Generation. Empowering Schools in the Age of AI**, Oxford University Press, 2025. Disponível em: https://fdslive.oup.com/www.oup.com/oxed/secondary/Teaching_the_AI_Native_Generation.pdf. Acesso em: 20 out. 2025.

PANIAGUA URBÁEZ, Y. L. et al. La inteligencia artificial en la enseñanza/aprendizaje del idioma inglés. Una revisión sistemática. **AULA Revista de Humanidades y Ciencias Sociales**, v. 71, n. 2, 2025. DOI: 10.33413/aulahcs.2025.71i2.427. Disponível em: <https://revistas.unphu.edu.do/index.php/aula/article/view/427>. Acesso em: 11 nov. 2025.

PARRA NÚÑEZ, R.; CASTRILLO DE LARRETA-AZELAIN, M. D. The impact of using ChatGPT for feedback in EFL writing: a systematic review. **International Journal of Foreign Languages/Revista Internacional de Lenguas Extranjeras**, n. 23, p. 95-119, 2025. DOI: 10.17345/rile23.4221. Disponível em: <https://revistes.urv.cat/index.php/rile/article/view/4221>. Acesso em: 10 nov. 2025.

PINTO JUNIOR, M. A. R. A aprendizagem da língua portuguesa como língua estrangeira através do uso da Inteligência artificial: análise da usabilidade do ChatGPT. **Revista Contemporânea**, v. 4, n. 6, p. e4446, 2024. DOI: 10.56083/RCV4N6-053. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/4446>. Acesso em: 05 nov. 2025.

RAMÍREZ MORÁN, L. P. et al. IA y aprendizaje automático en la enseñanza del inglés: revisión sistemática sobre la competencia lingüística adquirida. **Revista InveCom**, v. 6, n. 2, 2026. DOI: 10.5281/zenodo.15875368. Disponível em: https://ve.scielo.org/scielo.php?pid=S2739-00632026000202034&script=sci_arttext. Acesso em: 11 nov. 2025.

REBOLLEDO, R.; GISBERT, M. Aprendizaje adaptativo del inglés como lengua extranjera con herramientas de inteligencia artificial: una revisión sistemática de la literatura. **Profesorado. Revista de currículum y formación de profesorado**, v. 29, n. 1, p. 241-264, 2025. DOI: 10.30827/profesorado.v29i1.30828. Disponível em: <https://revistaseug.ugr.es/index.php/profesorado/article/view/30828>. Acesso em: 04 nov. 2025.

REYNA, J. The Potential of Google NotebookLM for Teaching and Learning. In: **eLearn 2025** - Bangkok, Thailand, October 13-16, 2025. Disponível em: https://www.academia.edu/143048105/2025_The_Potential_of_Google_NotebookLM_for_Teaching_and_Learning. Acesso em: 12 nov. 2025.

RICIERI, D. Da V. et al. PROMPT-EDU: Roteiro de comandos de ajuste fino para ChatGPT. **SCIAS-Educação, Comunicação e Tecnologia**, v. 6, n. 1, p. 107-138, 2024. DOI: 10.36704/sciaseducotec.v6i1.8374. Disponível em: <https://revista.uemg.br/sciaseducotec/article/view/8374>. Acesso em: 05 nov. 2025.

RODRÍGUEZ FUENTES, A. et al. Revisión sistemática sobre la Inteligencia Artificial para el aprendizaje del inglés L2. **Porta Linguarum: revista internacional de didáctica de las lenguas extranjeras**, n. 11, p. 7, 2024. DOI: 10.30827/portalin.viXI.30221. Disponível em: <https://revistaseug.ugr.es/index.php/portalin/article/view/30221>. Acesso em: 28 out. 2025.

ROE, J. **How to use Generative AI in educational research**. Cambridge Elements. Elements in Research Methods in Education. Cambridge University Press, 2025. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/elements/how-to-use-generative-ai-in-educational-research/916142E735B678F86A59240BFE651F5C>. Acesso em: 20 out. 2025.

SAMPAIO, R. C. et al. ChatGPT e outras IAs transformarão a pesquisa científica: reflexões sobre seus usos. **Revista de Sociologia e Política**, v. 32, p. e008, 2024. DOI: 10.1590/1678-98732432e008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/rfSfWXpWqJWgrbRktcpXq9v>. Acesso em 22 out. 2025.

SANTOS, M. C. R. dos; OLIVEIRA, F. K. de. O uso de inteligência artificial (ia) no ensino de espanhol: superando barreiras no ambiente escolar. **RENOTE**, v. 22, n. 3, p. 164-173, 2024. DOI: 10.22456/1679-1916.144981. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/144981>. Acesso em: 03 nov. 2025.

SANZ MANZANEDO, M. La IA en la enseñanza de idiomas: chatbots y formación del profesorado. **European Public & Social Innovation Review**, España, v. 10, p. 1–13, 2025. DOI: 10.31637/epsir-2025-513. Disponível em: <https://epsir.net/index.php/epsir/article/view/513>. Acesso em: 03 nov. 2025.

SILVA, H. G. da. Reflexões sobre a memória como fenômeno cognitivo relacionado à aprendizagem, a inteligência e a consciência. In: PORTO, C.; ANDRADE, C.; OLIVEIRA, K. E. (orgs.). **Memórias Digitais: o impacto das plataformas digitais na educação e divulgação científica**. Col. Educiber. Aracaju, SE: EDUNIT, 2025, p. 99-112. Disponível em: http://editoratiradentes.com.br/wp-content/uploads/2025/10/Educiber_7.pdf. Acesso em: 05 nov. 2025.

SOUZA, M. T. de; SILVA, M. D. da; CARVALHO, R. de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, p. 102-106, 2010. DOI: 10.1590/S1679-45082010RW1134. Disponível em: <https://journal.einstein.br/pt-br/article/revisao-integrativa-o-que-e-e-como-fazer>. Acesso em: 10 out. 2025.

STREMEL, S. O uso da Inteligência Artificial na revisão de literatura: questões éticas. In: MAINARDES, J.; SIQUELLI, S. A. (coords.). **Ética e pesquisa em educação**. Subsídios, v. 4. Rio de Janeiro: ANPEd, 2025, p. 220-232. Disponível em: https://anped.org.br/wp-content/uploads/2025/08/Etica-e-Pesquisa-em-Educacao_v.4_final.pdf. Acesso em: 01 nov. 2025.

TARITSA, I. et al. Source-grounded Artificial Intelligence–Driven Transfer of Plastic Surgery Textbooks to Podcasts: Creation of Content and Trainee Satisfaction. **Plastic and Reconstructive Surgery, Global Open**, v. 13, n. 12, p. e7299, 2025. DOI: 10.1097/gox.0000000000007299. Disponível em: https://journals.lww.com/prsgo/fulltext/2025/12000/source_groundled_artificial_intelligence_driven.21.aspx. Acesso em: 11 nov. 2025

TORRES VIVAR, L. R. et al. Integración de herramientas digitales en la enseñanza de idiomas: una revisión sistemática. **RECIMUNDO**, v. 9, n. 2, p. 50-65, 2025. DOI: 10.26820/recimundo/9.(2).abril.2025.50-65. Disponível em: <https://www.recimundo.com/~recimund/index.php/es/article/view/2580>. Acesso em 11. nov. 2025.

UNESCO. **Marco referencial de competências em IA para professores.** UNESCO, Paris: 2025. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000394280>. Acesso em: 20 out. 2025.

UNESCO. **Guia para a IA generativa na educação e na pesquisa.** UNESCO. Paris: Unesco, 2024. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000390241>. Acesso em: 21 out. 2025.

UNESCO. **Recomendação sobre a Ética da Inteligência Artificial.** Paris: Unesco, 2021. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000381137_por. Acesso em: 20 out. 2025.

VASSIS, S. Tecnología educativa y autonomía en el aprendizaje de lenguas extranjeras: una revisión bibliográfica y prospectivas. **Decires**, v. 25, n. 34, p. 173-186, 2025. DOI: 10.22201/cepe.14059134e.2025.25.34.464. Disponível em: <https://decires.cepe.unam.mx/index.php/decires/article/view/464>. Acesso em: 12 nov. 2025.

VERA TORRES, J. Y. et al. Inteligencia artificial en lengua y literatura en la educación. Una revisión sistemática. **RECIAMUC**, v. 9, n. 2, p. 231-247, 2025. DOI: 10.26820/reciamuc/9.(2).abril.2025.231-247. Disponível em: <https://www.reciamuc.com/index.php/RECIAMUC/article/view/1546>. Acesso em: 11 nov. 2025.

DO NATURAL AO PERVERSO: UMA ANÁLISE DO ADULTÉRIO NO CONTO “DILIGÊNCIA”, DE BRENO ACCIOLY

Hellen Cavalcante Gomes¹

RESUMO: As tramas e os romances do século XIX trouxeram como característica central um tema quase inédito no campo literário até então: o adultério. Uma característica ainda mais particular das escritas de adultério desse período é o fato de se tratar da traição da esposa, com sua consequente punição. Dessa maneira, o presente trabalho analisou as diferentes formas como o adultério foi abordado no conto “Diligência”, da coletânea Isabela, do escritor alagoano Breno Accioly, a fim de refletir sobre como o ato passa de natural a perverso, a depender do gênero do personagem que o comete. Para a obtenção dos resultados, o estudo foi desenvolvido a partir de uma fundamentação teórica de cunho bibliográfico, com base em autores que produzem acerca do gênero e da relação entre literatura e história, como Eric Hobsbawm e Júlio Pimentel Pinto, com o intuito de relacionar a pesquisa às obras analisadas. Após a análise, constatou-se que a literatura utilizada se revela uma fonte documental e histórica de grande relevância, pois evidencia valores políticos e sociais e expõe uma dupla conduta de comportamento de gênero, tanto nos espaços públicos quanto no privado, que ocorria, inegavelmente, fora da ficção. Nesse contexto, o fenômeno da infidelidade só adquire força suficiente para ameaçar a estabilidade do casamento quando cometido de forma perversa pela mulher. Esse padrão de comportamento desigual, imposto pela sociedade patriarcal, desemboca em estigmas de gênero que perpassam as produções literárias e se manifestam na vida social como um problema para as mulheres, tendo entre suas diversas consequências a violência de gênero e o feminicídio, que, embora enfrentados por meio de intensas lutas femininas, continuam presentes na contemporaneidade.

Palavras-chave: Adultério. Breno Accioly. Gênero. Literatura.

¹Graduanda do 6º período do curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).
ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-8721-8075>

FROM THE NATURAL TO THE PERVERSE: AN ANALYSIS OF ADULTERY IN THE SHORT STORY “DILIGÊNCIA”, BY BRENO ACCIOLY

ABSTRACT: The plots and novels of the 19th century brought as a central feature a theme that was almost unprecedented in the literary field until then: adultery. An even more particular characteristic of adultery writings from this period is the fact that they deal with the wife's infidelity, along with its consequent punishment. Thus, the present study analyzed the different ways in which adultery was addressed in the short story “Diligência”, from the collection *Isabela*, by the Alagoan writer Breno Accioly, in order to reflect on how the act shifts from natural to perverse, depending on the gender of the character who commits it. To obtain the results, the study was developed based on a bibliographical theoretical framework, drawing on authors who write about gender and the relationship between literature and history, such as Eric Hobsbawm and Júlio Pimentel Pinto, with the aim of relating the research to the analyzed works. After the analysis, it was found that the literature examined proves to be a documentary and historical source of great relevance, as it highlights political and social values and exposes a double standard of gender behavior, both in the public and private spheres, which undeniably occurred “outside fiction.” Furthermore, it was possible to reflect on how the phenomenon of infidelity only acquires sufficient force to threaten the stability of marriage when it is committed in a perverse manner by the woman. This unequal pattern of behavior, imposed by patriarchal society, results in gender stigmas that permeate literary productions and manifest in social life as a problem for women, with various consequences, including gender-based violence and femicide, which, although confronted through intense feminist struggles, remain present in contemporary society.

Keywords: Adultery. Breno Accioly. Gender. Literature.

1. INTRODUÇÃO

As tramas e os romances do século XIX trouxeram como característica central um tema quase inédito no campo literário até então: o adultério. A temática ganhou força, atingindo seu apogeu, e autores dos mais diversos lugares do mundo escreviam acerca de como uma instituição crucial da sociedade, o casamento patriarcal e monogâmico, é ameaçada pelo comportamento individualista e transgressor de uma ou mais pessoas (Tavares, 2011).

Uma característica ainda mais particular dos romances de adultério do século XIX é o fato de se tratar da traição da esposa, com sua consequente punição (Tavares, 2011 *apud* Monteiro, 2011, p. 1708). Seguindo esse modelo, podem ser mencionados clássicos como *Anna Karenina*, de Tolstói; *Madame Bovary*, de Flaubert; *O Amante de Lady Chatterley*, de D. H. Lawrence; *Dom Casmurro*, de Machado de Assis; *O Amor Conjugal*, de Alberto Moravia; e diversos outros (Tavares, 2011).

Estreitando as referências de pesquisa para o campo da literatura nacional, como mencionado por Tavares (2011), *Dom Casmurro*², obra clássica da literatura brasileira, vai tratar do adultério, sem fugir da característica de enfoque nas consequências da traição feminina. Entretanto, Machado de Assis não foi o único a trabalhar com a temática, o escritor alagoano Breno Accioly também construiu inúmeras narrativas que traziam como tema central o adultério.

Breno Accioly nasceu em Santana do Ipanema, no interior de Alagoas, em 1921, logo em sua adolescência foi diagnosticado com esquizofrenia. Em 1966, a uma semana de celebrar 45 anos de idade, Breno Accioly morreu no Rio de Janeiro, para onde havia se mudado poucos anos antes, vindo do Recife, onde se formou em medicina. (Diegues, 2021, p. 2)

O espólio literário do autor reúne sete obras³, as quais apresentam, como característica predominante, a literatura gótica frequentemente atravessada pelos dilemas cotidianos de seus espaços de convivência e narrados de forma incômoda e violenta.

Em seu livro *Isabela*⁴, Accioly traz 13 contos que tratam acerca da “fuga” do casamento, tanto por parte do marido quanto por parte da esposa. Todavia, o que

² ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

³ João Urso (1944); Cogumelos (1949); Maria Pudim (1955); Dunas (1955); Os Cata-ventos (1962); Isabela (2021); Pedras (2021).

⁴ ACCIOLY, Breno. **Isabela**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2023.

determina como o adultério será tratado na história é unicamente o gênero do personagem que o pratica. O conto “Diligência” evidencia ainda mais essa dualidade, pois trabalha a perspectiva de naturalidade e perversão da infidelidade em uma única narrativa. Sendo assim, abre-se a possibilidade de analisar como os papéis de gêneros preestabelecidos pelo patriarcado movem-se para “dentro de casa” e alcançam as relações matrimoniais, instituindo uma conduta determinada para o homem no papel de marido e para a mulher no papel de esposa.

Dessa maneira, o presente trabalho analisou as diferentes formas de como o adultério foi abordado no conto mencionado, a fim de refletir sobre como a transição moral da prática está intimamente ligada ao gênero. Para obtenção dos resultados, o estudo analítico foi desenvolvido a partir de uma fundamentação teórica de cunho bibliográfico de autores que produzem acerca do gênero e da relação entre literatura e história, como Eric Hobsbawm e Júlio Pimentel Pinto, com o intuito de relacionar a pesquisa às obras analisada.

O artigo divide-se em três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. A introdução apresenta uma breve contextualização acerca do adultério na literatura, além de expor o objetivo, a metodologia e a estrutura do trabalho. O desenvolvimento tem início com o referencial teórico e propõe uma reflexão, a partir de clássicos nacionais e internacionais, sobre a infidelidade feminina na literatura, a fim de apontar diferenças e semelhanças em relação ao conto; em seguida, apresenta-se a análise do adultério em “Diligência”; posteriormente, traça-se um panorama de como, na vida real, o adultério se relaciona com o feminicídio, a partir do caso midiático de Ângela Diniz; por fim, aborda-se a luta feminista que busca amenizar o legado de impunidade associado à violência de gênero até a contemporaneidade. A conclusão, por sua vez, procura sintetizar as discussões desenvolvidas ao longo do artigo.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 As mulheres que traem na literatura

Protagonizando diversas narrativas, o tema da traição e seus desdobramentos sempre foram objeto de representação literária, justamente por estarem presentes na vida humana, gerando conflitos interpessoais e desafiando regras morais e sociais (Landri; Gomes, 2022).

Nota-se também que há um recorrente comprometimento, sustentado por uma ideologia moralista e patriarcal, ao abordar o adultério feminino na literatura, em pôr a

mulher que trai na posição de vilã, perversa e sem remorso. Não sendo particular da literatura acciolyana, o enviesamento da narração que põe Januária como uma adúltera pode ser identificado também na obra clássica nacional *Dom Casmurro*, quando somos apresentados à figura de Capitu, mulher do protagonista, descrita como uma menina de aparência encantadora e pura. Após Bentinho suspeitar que está sendo traído, há uma mudança de perspectiva acerca de quem é Capitu, os adjetivos de beleza que antes serviam para transmitir pureza voltam-se contra ela e se ressignificam em perversidade. Souza (2015), ao escrever sobre os emblemas que cercam a narração de *Dom Casmurro*, destaca que ao escrever um texto de acusação a Capitu, se constrói a personagem dela de menina à mulher, de modo a provar que a segunda sempre esteve dentro da primeira, para justificar sua malícia, sua alma dissimulada e traidora.

Na literatura internacional, o problema persiste. Em uma análise acerca do adultério na obra *Madame Bovary*⁵, Landri e Gomes (2022) discutem como, semelhante ao que acontece em “Diligência” e *Dom Casmurro*, ainda que o marido não acabe com a vida da esposa nem se vingue de seus amantes, a responsabilidade pela desgraça da família recai sobre a mulher que trai, reforçando, por outras vias, o caráter perverso da mulher adúltera.

Trazendo as referências de pesquisa para o contexto de literatura portuguesa, que teve forte influência no cenário brasileiro de escrita, Oliveira e Lopes (2016), ao investigar o adultério cometido por Luísa na obra *O Primo Basílio*⁶, do escritor Eça de Queiroz, afirmam que

A personagem, no contexto de traição, apenas poderia assumir dois papéis: a de pecadora ou a de criminosa - ou ambos, simultaneamente. O julgamento advindo de um viés religioso e jurídico é o retrato de como pensava a sociedade acerca de como “se deve ser”, e mesmo Luísa, apesar de evadir-se dos padrões que se esperava para uma mulher de sua época, sente-se profundamente culpada. (Oliveira; Lopes, 2016, p. 16)

Dentro de uma sociedade estruturada pelos valores moralistas patriarcais, a culpa sentida pela personagem é previamente articulada, pois é comum que o sistema utilize de aparatos ideológicos para manter sua hegemonia. Em sua obra *A dominação masculina*, Bourdieu (1999) discute como o patriarcado se caracteriza e se conserva, principalmente, pela violência simbólica, por um mecanismo invisível que naturaliza a dominação masculina em função da opressão feminina, levando à internalização das desigualdades de gênero pelos próprios indivíduos, garantindo sua reprodução e perpetuação no meio social. Dessa

⁵ FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

⁶ QUEIRÓS, Eça de. **O primo Basílio**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

maneira, a culpa que mobiliza Luísa se apresenta como um mecanismo dogmático do sistema, responsável por moldar o pensamento do indivíduo, que, mesmo não seguindo o padrão desejado, não poderá optar por outro sem um autojulgamento exacerbado e destrutivo.

Entretanto, o autojulgamento está longe de ser a única consequência reservada para a mulher infiel. Expandindo o pensamento do autor, quando a violência simbólica não é suficiente para colocar a mulher “em seu devido lugar”, seu uso passa para o campo material de forma naturalizada e “legítima”, afinal, entende-se que alguns limites só podem ser ultrapassados pelos homens. A respeito do final destinado a Luísa, Oliveira e Lopes (2016) comentam:

A ficção literária não cria outra saída para esta situação a não ser a morte de Luísa. O adultério feminino é tratado como devaneio, uma doença; algo tão repugnante que engendraria na morte. Ainda que Luísa vivesse e Jorge a perdoasse, como sugere o romance, Jorge não poderia agir assim diante do julgamento que enfrentaria da sociedade. (Oliveira; Lopes, 2016, p. 17)

O mesmo pode ser observado na obra *Anna Karenina*⁷, do escritor russo Liev Tolstói, em que a personagem Anna, que manteve um envolvimento extraconjugal no decorrer da trama, tem um fim dramático e angustiante, após se jogar na linha de trem. A decisão é movida por um grande desequilíbrio e pressão emocional, visto não suportar o julgamento social, o isolamento e a rejeição consequentes da decisão de manter um relacionamento com Vronsk, seu amante.

De acordo com Pinto (2024), ainda que a ficção tenha dever apenas com a imaginação, não se comprometendo necessariamente com a verdade, ela ainda funciona por mediações históricas e contextuais, possibilitando identificar padrões comportamentais da época de sua escrita. Dessa maneira, a literatura, como espelho de uma determinada conjuntura, deduz como o único final justo a morte de quem trai - quando se trata de mulheres. Independentemente de por quais mãos forem, “se é pelo bem de todos e pela felicidade geral da nação”⁸, a mulher precisa morrer

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 O adultério na obra

⁷TOLSTÓI, Liev. **Anna Kariênina**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

⁸ A frase foi proferida por Dom Pedro I, em 1822, e faz referência ao “dia do fico”.

Quando o pai descobre o estupro da mulher, que é justificado pelos filhos como sexo consensual, o senhor pede a anulação do casamento. O conto “Diligência” é exposto em primeira pessoa pelo mais novo de três irmãos e oscila entre o passado, quando revela episódios de violência física e sexual perpetrados pelo trio contra o pai e a madrasta durante o período em que residiam juntos no Nordeste, e o presente, trazendo detalhes da dinâmica matrimonial dos irmãos com suas respectivas esposas na cidade do Rio de Janeiro. Em resumo, a narrativa expõe como os três irmãos estupraram a madrasta, Januária, e como isso ocasionou o término do casamento de seu pai e, posteriormente, o suicídio do personagem. Entretanto, o trio segue a vida com suas respectivas esposas sem nenhum remorso, visto que justifica o ato como consensual. No conto, Accioly aborda o adultério de duas maneiras distintas: a natural, quando cometido pelo narrador e seus irmãos, e a perversa, quando se refere aos supostos amantes de Januária, esposa do pai.

O adultério, quando posto como natural, revela ao leitor um instinto quase que animalesco do homem que não consegue controlar os desejos sexuais. Essa ideia pode ser percebida tanto pelas falas explícitas do narrador quanto de forma implícita, pelos termos empregados por ele quando se fala nos episódios de relação extraconjugal:

Amaldiçoaram as ruas do amor. Prostitutas que nos davam a gostosa carne, aquelas mulheres a quem nós pagávamos depois de saciados, agora, estão vestidas de maneira padronizada da prisão cruel. A burrice de quem engendrou esse caos provoca em nós, homens conscientes de seus deveres sexuais, uma reação que desrespeita, avacalha autoridades mesquinhas. (Accioly, 2023, p. 167)

Ao ser demitido, o atual chefe de polícia mais uma vez as “mariposas” de lábios luxuriantes serão domadas por nós que amamos de tarde enganado as nossas mulheres que acreditavam estivessemos bebericando, mastigando amendoim entre as doses de uísque forte. (...) mas o que bebemos são elas, elas que a nós tudo dão, mais do que as nossas mulheres que querem apenas ter filhos, esperam inchadas, muito tímidas as dores costumeiras. (Accioly, 2023, p. 167)

(...) noite de hoje, noite de Rio de Janeiro, noite que deixou recordar a insuficiência do atual chefe de polícia, filho de um usineiro amigo de meu pai, transformado em general que não vai com nenhuma mulher livre, prostituta de rua conhecida por mim. E por meus dois irmãos, três homens que adoram mulher livre e vadia. (Accioly, 2023, p. 176)

O uso do termo “saciado” e da expressão “deveres sexuais” revela, de forma implícita, todo um pressuposto de uma natureza masculina selvagem e incontrolável. Ainda implicitamente, o uso de “gostosas carnes”, para se referir ao corpo da mulher, e a fala

sobre a necessidade de ser “domada” servem para reforçar o caráter animalesco da relação.

Ademais, o emprego de “mulher livre” associada à promiscuidade, quando somada à generalização feita pelo narrador no fragmento da página 167, nos encaminha para um papel que está preestabelecido para uma boa esposa no padrão normativo da época: o de gerar. Ao direcionar o foco para sua mulher, Kátia, o personagem explana mais um valor esperado da mulher como esposa: a fidelidade.

Depois disse pra minha mulher quase baixinha, pouco acima de um metro e cinquenta: Se você caísse na asneira de querer me enganar, aceitar o que eu levemente lhe propusera, o advogado escancarando a porta do nosso quarto investiria contra você com um flagrante impiedoso. Mas como Kátia não me enganou na noite desse dia também quantíssimo, fomos nos juntar aos que dançavam e uma felicidade jorrou nuns instantes pelos olhos de Kátia, pois Kátia chorando e dançando quando podia nos dar não odiava os seus beijos. E beijando-me a boca também me beijava a testa, recurvada planície que começava a suar. meus dois irmãos também disseram às suas mulheres que elas mereciam os seus carinhos após armarem ciladas diferentes da minha . E elas chorarem tanto quanto Katia. (Accioly, 2023, p. 171)

No fragmento, o narrador relata acerca dos testes feitos por ele e seus irmãos para assegurar a fidelidade de suas respectivas esposas, e o desespero de Kátia é o fator responsável por confirmar a lealdade da mulher. Entretanto, a angústia dela pela acusação de traição não é suficiente para provar o seu amor pelo marido; compete a ela também, em seu papel de companheira fiel, compreender, assim como ele, o estupro de Januária, madrastra dos irmãos, não só como culpa dela, mas também como uma ação inevitável dos irmãos, movida pelo desejo animal e incontrolável, entendido como natural de um homem: ”- Então, velho imbecil, você queria que seus próprios filhos lhe chifrassem a testa? o meu marido é equilibrado e eu sou muito mulher pra ele gostar de mim.” (Accioly, 2023, p. 173); “A verdade é que Januária quer dar pra gente. E começamos a dizer-lhe o que nos lembrávamos, como Januária a nós se oferecia.” (Accioly, 2023, p. 173);

Atualmente eu me embeijo por mulheres livres, chego a amá-las ainda mais que Kátia, ruiva nascida no Brasil que só quer parir, ficar do berço, trocando fraldas, botando os peitos pra fora pra o meu filho, que há dias nasceu. (Accioly, 2023, p. 168)

O pai que nós tivemos nunca prestou. Já éramos adultos, nos víamos, não queríamos atraí-lo, meter-lhe chifres à testa como se ele fosse um deficiente. Prevenimo-lo: Januária nos excitava, olhar meloso, suspiros infintos e muito infiel com ele. (Accioly, 2023, p. 172)

A fala de Kátia acerca de “ser muito mulher” para o marido gostar dela, significa ser tão fiel a ponto de ser conivente, de andar conforme as expectativas não apenas do marido, mas de uma sociedade patriarcal que a empurra incessantemente para o lugar que ela fielmente ocupa, e ocupa sem questionar, visto que ir de encontro a isso, implicava em não servir pra ele. A consequência pela liberdade da mulher é nunca servir para ocupar o papel de esposa, como revela o exposto na página 168.

Ao falar sobre o estupro de sua madrasta por ele e seus irmãos, o autor fala também sobre o adultério de forma perversa, colocando a culpa do ato na mulher e alegando a vida promíscua levada pela “Januária de diversos amantes”. Januária que se oferecia, que se sexualizava, que pediu e que mereceu.

e comete suicídio, tomando veneno para gatos. Após o filho e sua esposa tomarem ciência da notícia, uma série de zombarias é feita para com o homem e sua ex-mulher. O narrador afirma, por meio de uma metáfora, que a “gata” que o pai deveria ter matado era a Januária, por possuir diversos amantes, mas reitera que o pai nunca foi homem para isso. Sua mulher ri e concorda com o marido: “O caçador que ele queria ser era de Januária, da gata Januária de incontestáveis amantes, mas ele, meu pai, não teve coragem pra isso.” (Accioly, 2023, p. 174).

Ao enquadrar a madrasta como adúltera, o enteado garante que ela nunca ocupe um papel de vítima ou seja digna de compreensão. Januária sempre é posta como a culpada: do estupro, do suicídio do pai e, caso o pai fosse “homem o suficiente”, da sua morte. Não sendo particular do conto “Diligência”, ainda na coletânea *Isabela*, Accioly nos apresenta contos como “Puqueria morreu” e “Porfírio guardador de automóveis”, nos quais há, de fato, o assassinato e a morte de mulheres que possuem amantes, entretanto, isso é naturalizado por elas serem infiéis aos maridos - que também as atraíam.

Dessa maneira, é possível atestar também como a conduta esperada pela esposa traída se difere da que se espera do marido traído. Enquanto se impõe à mulher, compreensão e convivência porque trair “é coisa de homem”. O esposo enganado tem o direito - e quase o dever -, de acabar, literalmente, com a vida da mulher - e ela ainda carregará a culpa, afinal, matar também “é coisa de homem”.

3.2 O adultério e o feminicídio

Longe de estar apenas nos romances literários, a morte das mulheres acusadas de adultério é uma realidade no Brasil há muito tempo. Os casos que estampam as páginas dos jornais denunciam um cenário de forte violência que atravessa a contemporaneidade e se apresenta como uma frenética ameaça na vida cotidiana.

Em 1976, a mineira Ângela Diniz, sempre envolta do prestígio social da classe alta da sociedade, foi morta pelo seu namorado com quatro tiros no rosto. A forma na qual o crime foi cometido denuncia uma misoginia violenta e letal; entretanto, a maneira como a notícia foi divulgada pela grande mídia, juntamente com a sentença recebida pelo assassino em seu julgamento, revela que a misoginia não é particular do ex-companheiro de Ângela, mas envolve todas as estruturas de formação do Brasil da época de 1976, transpassando a esfera social, midiática e institucional.

De acordo com Lemos, Castro e Duarte (2017) desde que emergiu a vida pública, Ângela sempre foi alvo de críticas e julgamentos morais, eram frequentes as especulações acerca de sua vida pessoal a fim de pôr ela no lugar de reclusão que é reservado para as mulheres. Os autores, ao falarem sobre a vida da vítima na cidade de Belo Horizonte, afirmam: “O primeiro tiro que começou a matá-la não veio da violência insana do play-boy paulista. Veio da tradicional família mineira quando teve seu primeiro filho” (Lemos; Castro; Duarte, 2017, p. 5).

O ódio não é direcionado individualmente ou de forma pessoal para Ângela, mas destinado a representação do feminino livre atribuída a ela, essa aversão geralmente resulta em morte, mas não termina nela. De acordo com Coelho (2011) o advogado do criminoso utilizou-se de uma estratégia que, posteriormente, viria a influenciar a sentença dada pelo juiz, de modo estratégico, antes de levar a versão de quem defendia para o júri, o advogado decidiu entregar a imprensa, e deixar o poder da divulgação em massa responsável por uma possível mudança de perspectiva, expondo Ângela ao julgamento popular imparcial que costuma naturalizar o machismo e a violência de gênero⁹.

Acerca do papel da mídia, De Melo (2025) destaca:

A mídia, ainda, é um instrumento responsável pela construção da opinião pública, passando por uma visão pessoal do jornalista, ou seja, deixando direta ou indiretamente, influir suas vivências e com objetivos próprios da mídia, demonstrando uma falsa realidade. (De Melo, 2025, p. 143)

⁹ “Pode-se dizer que a violência de gênero contra a mulher é fundada numa suposta superioridade do homem sobre a mulher, fruto de um processo histórico, embasado em um sólido modelo de relações de subjugação.” (Falcon Caro, 2008, p. 28-29, *apud* Gonçalves, 2016, p. 14)

Tal qual ocorre na literatura, Pinto (2024) vai afirmar que a ficção não é um espelho neutro, e quando identificado narrador e personagem, é possível interpretar o escrito como um espaço em que o autor deixa um pouco de si, passando para a narrativa suas opiniões, visões de mundo, juízo de valor, e, algumas vezes, sua história.

Voltando ao assunto anteriormente tratado, Lemos, Castro e Duarte (2017) vão chamar atenção para o uso do termo “amante” em referência a Ângela nas notícias do crime, ainda que a vítima fosse desquitada e o namorado possuísse apenas o vínculo legal com a ex-esposa. A mineira passou a ser acusada de "manchar os bons costumes", "ter vida desregrada", ser "mulher de vida fácil" etc. Na verdade, era como se o assassino tivesse livrado a sociedade de um indivíduo que punha em risco a moral da "família brasileira" (Grossi, 1993).

A tese que deu uma sentença de impunidade para o assassino era conhecida como “legítima defesa da hora” sobre ela, Coelho (2011) explica:

A tese da legítima defesa da honra consistia em uma ideia herdada por uma lei portuguesa, em que o homem poderia matar a mulher em caso de uma descoberta de adultério, indicando que as emoções geradas por aquela descoberta seriam tão fortes que o marido poderia passar por um estado de psicose e insanidade momentânea. (Coelho, 2011, p. 17)

É oportuno, nesse momento, trazer como a legislação brasileira trazia sobre adultério a partir de 1950. O Código Penal vigente no período do assassinato de Ângela Diniz tinha entrado em vigor no ano de 1940 e decorreu até 2005. Sobre adultério, o texto informa:

Art. 240 – Cometer adultério.

Pena: detenção, de quinze dias a seis meses. **§ 1º** – Incorre na mesma pena o co-réu. **§ 2º** – Não se procede senão mediante queixa do cônjuge ofendido, e, em caso algum, se este houver consentido ou perdoado. (Brasil, 1940, p. 45)

Embora a lei apresente bases neutras e punitivas independente do gênero, a discussão apresentada anteriormente acerca dos valores culturais de comportamento esperado pelo marido e pela esposa, nos direciona a pensá-la como mecanismo de controle e repressão da sexualidade feminina, como mais uma medida unilateral de julgamento moral que perpassa o social e alcança o legal por meio de uma estrutura que é organizada para manter sua identidade hegemônica sendo ela patriarcal e misógina.

3.3 A luta feminista

Durante muito tempo, pautas como violência e feminicídio dentro do casamento foram isentas da revolta coletiva e impunes da justiça legal, visto que, ao serem julgadas como “assunto de marido e mulher”¹⁰, ganham licença para acontecer livremente, sem que haja intervenção ou reflexão crítica acerca dos abusos que podem ser cometidos dentro de uma relação afetiva. A ideologia de uma relevância cultural dada à masculinidade do homem pregava que “o homem de verdade” precisa defender sua honra a todo custo, até mesmo quando ela custa a vida da esposa. Em caso de infidelidade, socialmente, ele não passa a ocupar o papel de assassino, mas de marido vingado. Tal qual a impunidade dada a Doca Street serviu como catalisador de crimes de mesma motivação, o destino de Ângela Diniz, Madame Bovary, Anna Karenina e Luísa serve de exemplo para as mulheres: você quer trair? é assim que acaba.

Priore (2024) ao escrever sobre a estratégia de utilização da honra masculina de forma legal para justificar seus crimes destaca:

Percebe-se justamente que a estratégia da defesa é apelar para o moralismo e para uma suposta conduta inadequada da vítima como esposa e mãe, tirando o foco da conduta do réu que deveria ser objeto de julgamento. Na reportagem da revista Veja da época, após transcrever o depoimento do réu e as estratégias da defesa, o jornalista concluiu que as mulheres, quando quiseram separar-se e escolher outros caminhos, foram fulminadas pelas balas que Minas ainda reserva às mulheres que violam seu código de honra conjugal. (Priore, 2019, p. 394)

Diferente da literatura escrita por homens, a realidade protagonizada por mulheres possibilitou, impulsionado pelos recorrentes casos de feminicídio que atingiam o país na década de 1980, a ascensão de um movimento feminista sob o *slogan* de “quem ama não mata” com o objetivo crítico de sensibilizar a população e tornar público o debate acerca da violência contra a mulher e contra a legítima defesa da honra. O grito de socorro entoado pelas mulheres gerou uma mobilização popular e conseguiu converter o crime para homicídio doloso, aumentando a pena do assassino e a esperança de uma mudança na realidade de opressão das mulheres.

De acordo com Medeiros (2011) a atuação do movimento nesse tempo culminou na formulação e proposição de políticas públicas com recorte de gênero que se traduziu na Constituição Federal de 1988 nos arts. 5.º e 226, §§ 5.º e 8.º, que estabeleceu a igualdade

¹⁰ A expressão faz referência ao ditado popular “Em briga de marido e mulher não se mete a colher”.

entre homens e mulheres, em direitos e obrigações e atribuiu ao Estado o dever de criar mecanismos para coibir a violência na esfera familiar e proteger cada um de seus membros. Neste sentido, a CF/88 tornou-se num marco jurídico-político da institucionalização dos direitos humanos e rompeu com a institucionalização do poder patriarcal no Brasil.

4. CONCLUSÃO

A segunda metade do século XIX foi marcada por diversas transformações políticas. A Segunda Revolução Industrial serviu para fortalecer um tipo de política hegemônica burguesa que se apoia, dentre muitos valores, no puritanismo. O puritanismo burguês tinha como característica fundamental o estabelecimento de um duplo padrão de comportamento esperado do homem e da mulher.

Em *A era do capital: 1848-1875*, Eric Hobsbawm, ao falar sobre o puritanismo burguês do século XIX, vai dizer que o historiador tende a ser anacrônico ao associar essas diferentes condutas à hipocrisia, visto que esse duplo comportamento não era apenas preestabelecido com a ciência de ambas as partes, como também perfeitamente aceito por elas, principalmente nos países católicos.

As regras eram simples: castidade para mulheres solteiras e fidelidade para as casadas; a caça livre de todas as mulheres (exceto, talvez, filhas casadoiras das classes médias e altas) por todos os jovens burgueses solteiros; e uma infidelidade tolerada para os casados. (Hobsbawm, 2014, p. 347)

Dito isso, ao analisar as diferentes condutas impostas à esposa e ao marido na dinâmica familiar do casamento, não foi intenção do artigo enquadrá-las em um julgamento sem contextualização e baseado na ótica da contemporaneidade. Entretanto, é necessário refletir sobre como esse duplo padrão de comportamento, imposto pela sociedade patriarcal e exposto através da literatura da segunda metade do século XIX, desemboca em estigmas de gênero que perpassam as produções literárias e se apresenta como um problema real para as mulheres, tendo entre as diversas consequências a violência e o feminicídio.

É importante destacar ainda que, mais do que uma mera consequência de uma sociedade patriarcal historicamente estabelecida, essa característica particular do puritanismo se explica a partir da intencionalidade de uma política burguesa em estabelecer controle e poder, nesse caso, sobre o feminino, como propriedade e a serviço do homem.

Marx (1848) discute como a ideologia que rege uma sociedade será sempre a ideologia dominante; logo, é fácil explicar por que percepções surgidas no século XIX se perpetuam no tempo presente. A burguesia que surgiu a partir da segunda metade do século XIX se reformula para a contemporaneidade e permanece defendendo seus interesses a partir de influência política, cultural e ideológica. Os traços dessa ideologia burguesa podem ser percebidos em diversos âmbitos: na educação, na arte e nas produções literárias.

A literatura utilizada se prova como uma fonte documental de grande relevância, que revela os valores políticos e sociais ao expor a dupla conduta de comportamento nos espaços público e privado, visto que inegáveis semelhanças aconteciam fora da ficção. Atravessados pelos fenômenos sociais, é muito comum que diversos autores produzam autoficção¹¹, colocando-se na história a partir de um personagem com características semelhantes ou de uma narrativa comum do seu cotidiano. Breno Accioly não escapou da autoficção e produziu diversos contos, distribuídos pelas sete obras, que trazem a figura do autor no narrador ou no personagem. Essa manobra é percebida pelo leitor ao constatar personagens com sua mesma formação acadêmica, com a mesma ocupação que seu pai ou avô e pelos espaços comuns aos três lugares de residência de Accioly. Esse gênero de escrita vai nos auxiliar, como dito anteriormente, na análise não apenas dos valores morais de quem narra, mas do padrão de pensamento dominante da sociedade que o circunda.

Através da realização da pesquisa, foi possível refletir acerca de como a instituição do casamento, que segue o padrão normativo dominante, é sustentada desde o século XIX a partir da relação de poder do masculino sobre o feminino. Dessa maneira, o fenômeno do adultério só tem força suficiente para ameaçar a estabilidade do casamento quando cometido de forma perversa pela mulher. Esse pensamento gera estigmas sociais e justifica violências que, embora com muita luta dos movimentos feministas, tanto da contemporaneidade quanto anteriores a ela, estão longe de chegar ao fim, visto que se trata de uma ideologia fincada de forma tão forte no imaginário popular que molda a estrutura social de modo duradouro e permanente.

REFERÊNCIAS

ACCIOLY, Breno. **Isabela**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2023.

¹¹ “A autoficção é um pacto ambíguo entre autobiografia e invenção literária, no qual o narrador, o autor e o protagonista compartilham o mesmo nome ou identidade, mas o relato é contaminado por elementos ficcionais” (Gasparini, 2024, p.49)

BRASIL. Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. **Código Penal**. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1940.

BOTOSO, Altamir. O romance do adultério: uma leitura de O primo Basílio, de Eça de Queirós. Fólio – **Revista de Letras**, [S. l.], v. 6, n. 2, 2018. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/folio/article/view/3019>. Acesso em: 23 jul. 2025.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

DA LEGÍTIMA, DEFESA DA HONRA. QUEM “AMA” MATA, MAS O JÚRI ABSOLVE—A LUTA POR RECONHECIMENTO DO MOVIMENTO DE MULHERES “QUEM AMA NÃO MATA” EM FACE DA TESE. RESISTÊNCIAS E REIVINDICAÇÕES FEMININAS NA CULTURA JURÍDICA DO SÉCULO XX, p. 218, 2024.

DE MELO, Juan Rodrigues Alves. CASO ÂNGELA DINIZ: UMA VISÃO MIDIÁTICA DO CRIME. *Direito e Desigualdades*, 2025.

DIEGUES, Bruno. Breno Accioly: o gótico e o regionalismo no interior de Alagoas. Maceió Antiga, 2021. Disponível em: <https://maceioantiga.com>. Acesso em: 22 jul. 2025.

OLIVEIRA, Mara Conceição Vieira; LOPES, Monique Rodrigues. Adultério – de Luísa à Fabíola: um mal histórico. [S. l.: s. n.], [s. d.].

GASPARINI, Philippe. Autoficção é o nome de quê? In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). *Ensaio sobre a autoficção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 48-69.

GONÇALVES, Vanessa Chiari. Violência contra a mulher: contribuições da vitimologia. *Sistema Penal & Violência*, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 1-17, jan./jun. 2016. Disponível em: pucrs.br. Acesso em: 18 abr. 2026.

GROSSI, Miriam Pillar. De Ângela Diniz a Daniela Perez: a trajetória da impunidade. *Revista Estudos Feministas*, v. 1, n. 1, p. 166-168, 1993.

HOBSBAWM, Eric J. *A era do capital: 1848-1875*. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

LEMO, Cândida Emília Borges; CASTRO, Sandra; DUARTE, Raphael. A tragédia da Pantera de Minas na narrativa do alternativo De Fato e da luta feminista. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 11., 2017, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: ALCAR, 2017.

LANDRI, E. L.; GOMES, A. E. do C. Da infelicidade à infidelidade: o adultério feminino em Madame Bovary, de Gustave Flaubert. Porto das Letras, v. 8, ed. esp., p. 80-98, 2022.

Disponível em:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/11418>. Acesso em: 12 ago. 2025.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: Boitempo, 2010.

MEDEIROS, Luciene Alcinda de. “Quem ama não mata”: a atuação do movimento feminista fluminense no enfrentamento da violência doméstica contra a mulher perpetrada pelo parceiro íntimo. In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ANPUH – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: USP, 2011.

PINTO, Júlio Pimentel. Sobre literatura e história: como a ficção constrói a experiência. São Paulo: Editora Exemplo, 2024.

PRIORE, Mary del. História da gente brasileira: República – memórias (1889-1950). São Paulo: LeYa, 2019.

SOUZA, Anny Ribeiro. Bentinho é Capitu: a autotraição do narrador de Dom Casmurro. 2015. 91 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Inglesa; Literatura Brasileira; Literatura Portuguesa; Língua Portuguesa; Ling) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

TAVARES, Marcus. Relacionamentos amorosos nas telenovelas: consumo e retrato da sociedade do século XXI. Comunicação & Educação, v. 16, n. 2, p. 53-66, 2011.

ENTRE O RIO E PARIS: A INTERLOCUÇÃO DE LÚCIO CARDOSO COM ESCRITORES FRANCESES E A CULTURA DA FRANÇA

Antônio Batalha¹

Rosária Cristina Costa Ribeiro²

Valter Cesar Pinheiro³

RESUMO: Neste artigo, analisa-se a interlocução que Lúcio Cardoso (1912-1968) estabelece em seus diários com a cultura francesa e com os

escritores da França. Neles, o autor cita e parafraseia ideias, fragmentos e conceitos de diversos períodos históricos e correntes estético-filosóficas desse país, reelaborando e atualizando a tessitura alheia – que se torna um instrumental teórico capaz de fazê-lo refletir sobre seu próprio projeto estético e sobre a literatura, bem como material para a elaboração de suas cadernetas. Dessa forma, Cardoso constrói um diálogo com o pensamento francês, reforçando sua filiação consciente. A hipótese de leitura deste trabalho surge a partir da observação de estratégias intertextuais presentes nos diários, mas também da verificação de que a interlocução com a França e seus escritores é maior do que reconhece a fortuna crítica consultada sobre os diários do autor. Devido à discrepância entre as edições da obra estudada, opta-se pela versão mais recente, revista e acrescida, publicada em 2023 sob o título Todos os diários. A abordagem teórica deste artigo se baseia, sobretudo, na percepção dos sistemas literários dentro de uma perspectiva de interação global proposta por Pascale Casanova e nas reflexões de Antonio Candido e Silviano Santiago sobre a trajetória de contato dos intelectuais brasileiros com os franceses. Com isso, almeja-se contribuir para a descrição das redes de trocas intelectuais estabelecidas por Lúcio Cardoso com a cultura e com os literatos da França.

Palavras-chave: Escritores franceses. França. Diários. Lúcio Cardoso.

¹Graduando em Letras – Francês pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e doutorando em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS), com período sanduíche na Sorbonne-Nouvelle (Paris 3). É professor de língua portuguesa da rede pública estadual de Alagoas – SEDUC - AL.

²Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), docente do curso de Licenciatura em Letras-Francês da Universidade Federal de Alagoas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL). Faz parte dos grupos de pesquisa TOPUS (UFTM) e Poética Interartes (UFAL).

³ Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo – USP, docente do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão – SE

ENTRE RIO ET PARIS: L'INTER LOCUTION DE LÚCIO CARDOSO AVEC DES ÉCRIVAINS FRANÇAIS ET LA CULTURE FRANÇAISE

RÉSUMÉ: Cet article examine l'interlocution que Lúcio Cardoso (1912-1968) établit, dans ses journaux intimes, avec la culture française et avec les écrivains de France. On y observe que l'auteur cite et paraphrase des idées, fragments et concepts issus de différentes périodes historiques ainsi que de divers courants esthétiques et philosophiques français, qu'il réélabore et actualise pour en faire un instrument théorique lui permettant de réfléchir à son propre projet esthétique, à la littérature, et d'alimenter l'écriture de ses carnets. Ce processus participe de la construction d'un dialogue soutenu avec la pensée française et renforce une filiation assumée. L'hypothèse de lecture repose sur l'identification de stratégies intertextuelles récurrentes dans les journaux intimes et sur le constat que l'interlocution avec la France et ses écrivains excède ce que reconnaît la fortune critique consultée. Face aux divergences entre les différentes éditions de l'œuvre, l'étude privilégie la version la plus récente, revue et augmentée, publiée en 2023 sous le titre *Todos os diários*. Le cadre théorique s'appuie principalement sur une conception des systèmes littéraires envisagés dans une perspective d'interaction globale, ainsi que sur des réflexions portant sur les modalités de contact des intellectuels brésiliens avec la France. L'objectif est ainsi de contribuer à la description des réseaux d'échanges intellectuels tissés par Lúcio Cardoso avec la culture et les milieux littéraires français.

Mots-clés: Écrivains français. France. Journaux intimes. Lúcio Cardoso.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Sempre teremos Paris”
Rick Blaine, *Casablanca* (1942)

Os literatos brasileiros têm, desde o século XVIII até hoje, uma interlocução com a cultura e os escritores franceses (Pereira, 2009). Constantes e intensas, essas relações são registradas pela historiografia em diversos períodos, como a atração dos árcades mineiros pelos filósofos iluministas, na Colônia; dos românticos por Chateaubriand e Hugo, no Império; e da primeira geração de modernistas paulistas pelas vanguardas do século passado, na Primeira República (Moraes, 2005; Santiago, 2009).

Antonio Candido (2005, p. 13) descreve esse processo:

Os jovens de hoje, penetrados pela influência dos Estados Unidos e da língua inglesa, talvez não avaliem o que essa presença [francesa] representou até o meio do século XX, quando a minha geração se formou e o francês era quase segunda língua para quem tivesse certa instrução. Mas, além da língua, era por assim dizer toda a civilização francesa que atuava em nossa inteligência, em nossa sensibilidade, na literatura, nas artes, nas ciências e no pensamento. Não é exagero achar que desde o começo do século XIX a língua e a cultura da França exerceram no Brasil o papel formador que as culturas clássicas da Grécia e de Roma exerceram na Europa.

A língua e a cultura francesas atuaram intensamente na (trans)formação da *intelligentsia* brasileira, sobretudo até meados do século passado, perpetuando ou alterando valores estético-filosóficos de leitores e escritores, assim como a sensibilidade deles. Essa interlocução contribuiu ativamente para estruturação da crítica e do cânone nacional, proporcionando aos autores brasileiros o acesso aos modelos europeus consagrados a serem reelaborados à nossa realidade, por meio do processo de interpretação, de apropriação e de assimilação de formas e conceitos estrangeiros.

Tal dinâmica de apropriação e reelaboração de variadas correntes artísticas e críticas francesas pode ser observada nos diários do escritor mineiro Lúcio Cardoso (1912-1968). Planejados para compor uma série com cinco volumes (Meira, 1960), eles registram acontecimentos da vida do autor de 1942 até 1962, quando um AVC o acomete, tornando-o hemiplégico. Nessa obra, Cardoso escreveu sobre seus encontros com amigos, (meta)linguagem, artes plásticas, medos, amores, desejos, religiosidade,

leituras, entre outros temas. Nela, entrelaça seus argumentos aos de outros intelectuais, através de citações diretas e indiretas, de paráfrases e de alusões. Dessa maneira, o diarista estabelece um diálogo com diferentes tradições francesas.

Ele as utiliza na elaboração conceitual de seus diários, já que elas lhe proporcionam um acesso a estilos consagrados e à modernidade francesa, então considerada como “a modernidade na origem da criação literária”, nas palavras de Pascale Casanova (2002, p. 116). Recorrendo a esse instrumental artístico-conceitual, Cardoso realiza simultaneamente duas atividades que conferem aos seus cadernos rigor estético e conceitual: reflete sobre seu mundo interior e exterior e estetiza seu pensamento (Batalha; Pinheiro, 2026).

Além disso, destaca-se, inicialmente, a existência de pesquisas sobre a interlocução do diarista com escritores da França, no entanto, elas concentram-se, sobretudo, no diálogo dele com pensadores católicos, especialmente Julien Green (O’nan, 1950; Adonias Filho, 1978; Almeida, 2009; Brandão, 2012; Ávila, 2011, 2016), e na comparação de Cardoso com outros autores homossexuais, como André Gide e Roland Barthes (Moreira, 2016, 2017, 2018; Lopes, 2025). A partir da observação dessa lacuna, conjectura-se que a relevância dos pensadores da França e desta para o brasileiro é maior do que reconhece sua fortuna crítica.

Por fim, esta pesquisa utiliza uma abordagem teórica eclética e multidisciplinar que envolve, basicamente, os conceitos comparatistas de Pascale Casanova (2002, 2015) sobre as trocas entre diferentes sistemas literários e linguísticos, e as reflexões de Antonio Candido (2005) e Silviano Santiago (2009) acerca da trajetória das relações Brasil-França. Por meio desse instrumental teórico, almeja-se traçar um esboço da interlocução e “parentesco” intelectual de Cardoso com a França.

2. UMA BASE: EU, ELES, EU-ELES

Lúcio Cardoso nutria admiração e interesse profundos pelas artes e pelos literatos franceses, apesar de nunca ter viajado à França⁴ nem a outras partes da Europa. Em seus diários, registrou e comentou suas leituras de filósofos e artistas, contrapondo-lhes seu ponto de vista, seja discordando deles ou concordando com eles. Nesse processo, estabeleceu uma interlocução constante com correntes estético-filosóficas heterogêneas, do humanismo renascentista de Montaigne até o modernismo de Julien

⁴ Os autores deste trabalho agradecem a Ézio Macedo Ribeiro a gentileza do compartilhamento desta informação.

Green.

Essa constelação francófona, eclética e canônica proporcionou-lhe ideias e conceitos que o ajudaram na elaboração de suas anotações, ao mesmo tempo em que lhe viabilizou acesso a modelos de diários já consagrados, como os de Henri-Frédéric Amiel, Eugène Delacroix, Paul Léautaud e André Gide, para trabalhá-los esteticamente nos seus, planejados com “a intenção firme de uma publicação posterior integral” (Cardoso, 2023a, p. 65). Para escrevê-los, Cardoso estruturou uma obra em que entrelaça suas preocupações pessoais, como, por exemplo, a questão do pecado e a linguagem, à reflexão de escritores e filósofos, por meio de citações, alusões e paráfrases.

Tais estratégias intertextuais estão relacionadas ao próprio projeto estético de criação dos diários. Através delas, Cardoso usa a tessitura alheia como uma instância discursiva capaz de validar sua argumentação ou de contrapor-se a ela, abordando assim problemáticas filosóficas e existenciais importantes, como as anteriormente mencionadas. Concomitantemente, ele atualiza citações ou paráfrases num novo contexto enunciativo, o que lhes dá a possibilidade de produção de mais sentidos a serem explorados. Logo, o mineiro pode realizar seu ideal de criação e inovação, que consiste na premissa de que “o novo reside na arte de reunir” (Cardoso, 2023a, p. 292). Mas como Cardoso reúne o elemento francês? Na maioria das vezes, ele preserva o caráter de estranheza do intertexto, pois o mantém na língua original, isto é, sem agentes mediadores linguísticos e culturais, como tradutores ou intérpretes. Exemplos⁵: “*Le bonheur était ma fatalité, mon remords, mon ver*” (Cardoso, 2023a, p. 150, grifos do autor) e “*Il y a qu’une tristesse. [sic] C’est de n’être pas Rimbaud*” (Cardoso, 2023a, p. 122, grifos do autor).

Cardoso usa o itálico para destacar e separar o português brasileiro do idioma estrangeiro, consolidando uma relação de alteridade (eu-outro) no plano linguístico e dando à obra um caráter polifônico. Concomitantemente, ele também se apropria da língua francesa para escrever suas próprias reflexões sobre sua condição existencial de artista ou sobre sua própria felicidade, assim como dos fragmentos alheios, uma vez que mantém a forma deles, mas altera seu sentido. Esse procedimento técnico encontra eco

⁵ A primeira citação é de Rimbaud: “A felicidade era minha fatalidade, meu remorso, meu verme”. A segunda: “Há apenas uma tristeza. É não ser Rimbaud”, é uma reelaboração da passagem do escritor católico Léon Bloy: “il n’y a qu’une tristesse, c’est de n’être pas des saints” – cuja tradução é: “há apenas uma tristeza que é a de não ser santo”. As duas primeiras traduções estão em nota de rodapé da edição com que trabalhamos e foram realizadas por Ézio Macedo Ribeiro, organizador. A citação de Bloy foi traduzida por nós.

na reflexão de Susan Sontag (2020, posição 152) sobre as táticas de interpretação, na qual ela afirma: “a interpretação é uma estratégia radical para conservar um texto antigo, considerado precioso demais para ser rejeitado, submetendo-o a uma reforma”.

Assim, ao interpretar e assimilar textos estrangeiros aos diários, Cardoso retoma e preserva conceitos e estilos que julga preciosos, garantindo-lhes uma sobrevivência para além de seu horizonte de enunciação. Nesse processo, pode-se ver a importância da língua francesa e desses textos para o escritor mineiro.

2.1 O espaço da língua francesa

A presença da língua francesa nos diários sinaliza que Cardoso a domina, já que era tradutor desse idioma, e que ele está próximo culturalmente da França. As línguas têm significados sociais *a priori*, pois algumas, sobretudo o inglês e o francês, possuem maior capital simbólico do que outras, como o português (Casanova, 2015, p. 11). Esses dois idiomas são considerados superiores porque se acredita que a utilização deles está relacionada à maior chance de obtenção de oportunidades de trabalho e de divulgação de livros e ideias; são as línguas dos sistemas literários consolidados, como o estadunidense, o inglês e o francês (Casanova, 2015, p. 11). Em outras palavras: entre vernáculos iguais, alguns são mais iguais do que outros.

Dessa maneira, ao escrever e citar algumas passagens em francês, Cardoso aproxima-se de uma língua considerada historicamente como mais enriquecida e dotada de importantes correntes estético-filosóficas. Por meio dela, ele almeja, de certa forma, uma espécie de transferência desse capital simbólico aos diários. Um exemplo⁶: “Nietzsche *m’effraye comme ‘le silence des espaces infinis’*. Por que está tão longe a vida? Por que não é ao menos Dostoiévski? Não deve ter havido criatura tão sofredora” (Cardoso, 2023a, p. 82, grifos do autor). Outro exemplo⁷:

– *Devant Dieu ? Dieu ? Oh ! mais pas “Dieu”...*
– *Dieu...*
– *Dieu ?*
– *Ils jouent une comédie. Ils sont des “innocents” [...]* (Cardoso, 2023a, p. 117-118, grifos do autor).

⁶ Em português: “Nietzsche me assusta como ‘o silêncio dos espaços infinitos’”, a citação entre aspas simples é do livro *Pensées* (1670), de Blaise Pascal.

⁷ Em português: “Diante de Deus? Deus? Oh! Mas não ‘Deus’.../ – Deus.../ – Deus?! – Eles estão apresentando uma comédia. Eles são ‘inocentes’”. Este é um pensamento do próprio Lúcio Cardoso.

E por fim, mais um⁸: “*Quand même...*” (Cardoso, 2023b, p. 51, grifos do autor). A utilização do francês assinala um desejo de Cardoso de “parentesco” consciente às linhagens de pensamento francesas e a uma certa modernidade, já que, se hoje a principal língua moderna é o inglês, antes, até meados dos anos 1960, a moderna era o francês.

Mas de que modernidade estamos falando? A das antigas metrópoles coloniais. Elas ditavam (e por que não ainda ditam?) o que era canônico, logo digno de ser copiado, e o que devia ser marginalizado, descartado. Numa reflexão sobre a relação entre língua e sociedade, Frantz Fanon (2015, posição 393, tradução nossa⁹) afirma que “falar [ou escrever] é ser capaz de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de uma língua ou de outra, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização”. Nessa perspectiva, Cardoso também procura, em seus diários, carregar o peso do prestígio de tradições estético-filosóficas francesas, acumulado do longo dos séculos, buscando isso através da preservação e reelaboração delas ou escrevendo no idioma delas. Assim, ele aproxima-se do cânone ocidental.

2.2 Paris, je t’aime

A identificação de Cardoso com a França não se restringe à língua e aos referenciais culturais, mas avança para a geografia e a autodescrição. Nas cadernetas, Paris tem presença. Até meados dos anos 1960, ela era considerada o “Meridiano de Greenwich” literário do Ocidente ou a “capital mundial da literatura” (Casanova, 2002, p. 40). A ela atribuía-se o que se criava de mais moderno nas artes, julgava-se que a cidade tinha as condições históricas, materiais e simbólicas para fomentar movimentos de vanguarda estética e política, com os quais os escritores de outras regiões do globo procuravam travar contato.

Cardoso compara a capital francesa ao Rio de Janeiro, onde reside:

Paris amanhece um pouco na cidade, para quem não conhece Paris. Foi lá para os lados dos arcos [da Lapa], onde há umas árvores de galhos secos. Chega-me uma súbita vontade de cumprimentar pessoas que são habituais como a tolice – como vão. Mas sinto que elas não

⁸ Em português: “Apesar de tudo”.

⁹ No original: parler, c’est être à même d’employer une certaine syntaxe, posséder la morphologie de telle ou telle langue, mais c’est surtout assumer une culture, supporter le poids d’une civilisation.

me reconhecem (Cardoso, 2023b, p. 255).

A transferência simbólica de atributos da metrópole europeia para o Rio de Janeiro transforma a cidade brasileira em um espaço reconfigurado de sensibilidade. Nele, traços da modernidade artística e intelectual tradicionalmente associados a Paris, como os já mencionados, são projetados sobre o território carioca, dando-lhe maior vigor estético. O diarista sobrepõe, assim, camadas de significados de uma cidade à outra: o Rio de Janeiro deixa de ser capital de um país periférico ou explorado para torna-se um centro de experiências do cosmopolitismo europeu.

Essa operação realça o deslocamento da percepção de Cardoso do seu espaço cotidiano, pois o cenário por onde transita é reimaginado por meio de sua filiação ao pensamento da França. No entanto, notam-se contradições dialéticas: tanto geográficas, pois o Rio de Janeiro permanece sendo capital de uma nação à margem dos centros financeiros e culturais globais, quanto econômicas, já que o mineiro sofre de dificuldades financeiras – como veremos mais à frente.

Em outra entrada dos diários, há novamente uma menção a Paris: “s/d – De novo em Itaipu [cidade fluminense], depois de alguns dias no Rio. Estou sozinho em minha casa – Rive Gauche – e escuto os grilos e os sapos, com uma noite imensa pesando em torno” (Cardoso, 2023a, p. 252). O escritor descreve sua situação: está em sua casa em Itaipu, no interior do Rio de Janeiro, onde residia temporariamente para a gravação do filme *A mulher de longe* (2012)¹⁰. Ao seu redor, a noite pesa, ouvem-se os sons de grilos e coaxar dos sapos.

O espaço doméstico contrasta com a paz exterior. Por metonímia, ele torna-se uma projeção da Rive Gauche, o lado esquerdo do Sena, tradicionalmente associado ao cosmopolitismo, à intelectualidade e à boemia. Dessa forma, Cardoso reforça sua autoidentificação com o cosmopolitismo francês e insinua um grau elevado de movimentação intelectual em sua residência. Ao escrever simbolicamente seus diários de Paris, onde viviam ou viveram escritores que admirava, como Rimbaud, Gide, Julien Green, entre outros, ele aproxima-se deles.

A casa tem mais significações, pois, se o lar for entendido como a materialização da subjetividade, como propõe Bachelard (1978), a metonímia sinaliza um desejo aproximação com a cultura da França. Não obstante, tal desejo se manifesta, sobretudo,

¹⁰ Apesar de seu esforço, Cardoso nunca concluiu este filme por causa de problemas financeiros. Anos depois, o longa foi finalizado por Luiz Carlos Lacerda e exibido em 2012, ano do cenário de nascimento do autor.

pelo rechaço ao estado natal e a aspectos de sua cultura, como no seguinte trecho:

Meu movimento de luta, aquilo que busco destruir e incendiar pela visão de uma paisagem apocalíptica e sem remissão, é Minas Gerais. Meu inimigo é Minas Gerais. O punhal que levanto, com a aprovação ou não de quem quer que seja, é contra Minas Gerais. Que me entendam bem: contra a família mineira. Contra a literatura mineira. Contra a concepção de vida mineira. Contra a fábula mineira. Contra o espírito bancário que assola Minas Gerais. Enfim, contra Minas, na sua gente e no seu espírito (Cardoso, 2023b, p. 192).

A vontade de Cardoso de romper com valores familiares, literários e econômicos está atrelada à sua subjetividade identificada com o cosmopolitismo francês. Afastando-se de suas raízes para tornar-se estrangeiro entre os seus, ele toma o distanciamento necessário para uma abordagem mais objetiva de seus anseios e desejos. Distante, pode escrever sem receios sobre problemáticas brasileiras, como o patriarcalismo e o reacionarismo, presentes em seus diários e ficção, assim como pensar-se.

Nesse processo, em oposição a um ideário mais conservador ou reacionário, baseado na idealização e valorização da imagem de família burguesa ou “tradicional”, cujos padrões de comportamento são orientados pela rigidez moral, Cardoso aproxima-se de uma mentalidade mais cosmopolita, identificada com a França. Não por acaso, os vínculos com a França estão presentes em outros momentos de suas cadernetas, sendo principalmente às correntes literárias desse país que o diarista recorria para compreender o cânone e a sua própria obra: “Não tenho estética em clareza cartesiana, nem mesmo clareza pascaliana. Gosto porém de não possuir um estilo ‘mais bem-acabado’” (Cardoso, 2023a, p. 172).

Ao aproximar-se de Descartes e Pascal, o mineiro retoma o dualismo entre a racionalidade (Descartes) e a espiritualidade (Pascal), embora não se detenha sobre eles. O que lhe interessa, nesse caso, não são as doutrinas filosóficas em si mesmas, mas a forma como os dois estruturam as ideias. Pela comparação entre eles, Cardoso afirma que não prefere um estilo “mais bem-acabado”, mas certa incompletude e instabilidade para seus livros, procurando afastar-se de certa rigidez formal.

A alusão à literatura francesa também é um recurso utilizado para pensar seu *milieu*. A sua amiga Cacilda Becker, atriz brasileira, ele escreve para esclarecer sobre o que entende por grande escritor: “Desculpa, Cacilda, se a resposta vai tarde. É que me refaço aos poucos dos gestos mal compreendidos. Quando falei de grande autor, de um

autor nacional, não pensei em mim, e nem em Nelson Rodrigues. Falava em Racine” (Cardoso, 2023b, p. 253). Excluindo a si mesmo e Nelson Rodrigues da categoria de “grande autor nacional”, Cardoso sugere, com certa ironia, a grandiosidade de Racine como “escritor brasileiro” e que o cânone está reservado aos artistas cuja relevância estética e intelectual ultrapassa fronteiras espaciais e temporais, como se a projeção além dos limites do nacional pudesse legitimar a produção de um autor.

O comentário rompe com noções convencionais de origem geográfica, ao focalizar a tradição e o prestígio. Embora francês, a Racine é dada a nacionalidade brasileira, pois sua obra continua repercutindo entre os escritores daqui e influenciando-os. Nessa perspectiva, o estrangeiro é assimilado ao nacional não por imposição ou submissão, mas como uma estratégia de percepção da literatura brasileira para além de critérios espaciais ou essencialistas, dotando-a de universalidade.

Afirmando a brasilidade e a grandiosidade de Racine, em detrimento de si próprio e de Nelson Rodrigues, Cardoso desestabiliza as expectativas da amiga quanto à identidade literária, ao cânone brasileiro e à dramaturgia contemporânea. Seu gesto pode ser interpretado como uma crítica a visões simplificadas e regionalistas e um comentário ácido em relação a um colega de profissão de sua geração, ao mesmo tempo em que expõe a importância do cânone gaulês, já que este é seu padrão, seu ideal artístico.

2.3 Ah, Europa...

Essa exaltação do elemento estrangeiro insere-se numa compreensão mais larga da Europa. Sua importância para Cardoso é significativa, como revela outra entrada dos diários: “A Europa... O nome vem como toda uma música que crescesse do mais íntimo do meu sangue. Quem sabe, talvez fosse um remédio” (Cardoso, 2023a, p. 279). O Velho Continente aparece como uma espécie de remédio – contra o quê? Qual mal o atinge? Embora não haja respostas para essas questões, o diarista sugere caminhos.

Entre os possíveis, destaca-se o da Europa não ser apenas um lugar físico, mas também simbólico, e Paris (o coração desse ideário) é capaz de concentrá-lo. Assim, o continente seria uma espécie de antídoto contra o provincianismo em que o literato acredita viver e contra o caráter conservador ou reacionário que associa à sua origem mineira, como já dito. Nessa perspectiva, a Europa torna-se um medicamento para o mal-estar da identidade literária de Cardoso, já que, ao sentir-se como se fosse um

intelectual francês cosmopolita no Brasil, como veremos, ele vai além do seu lugar às margens dos sistemas capitalista e literário.

Esse anseio pelo cosmopolitismo europeu não é exclusivo de Cardoso, era comum a muitos escritores latino-americanos. Casanova (2002) afirma que, sobretudo até meados do século passado, muitos autores da América Latina alimentaram o desejo de viver na França e de obter prestígio e reconhecimento nela, onde viam mais condições materiais para isso, como editoras internacionais, tradutores e leitores especializados. Partindo da constatação da teórica, infere-se que a “música” que cresce no íntimo de Cardoso, ao pronunciar o nome “Europa”, não exprime somente o desejo de pertencer e ser assimilado a uma “ancestralidade estética” de prestígio, como no caso de Racine, mas também funciona como metáfora para um lugar no qual seu talento pudesse ser efetivamente reconhecido.

Essa idealização do Velho Mundo expõe que as antigas metrópoles coloniais continuam a exercer fascínio sobre aqueles que habitam às margens do sistema cultural e capitalista global. As potências imperialistas continuam “contaminando” a percepção dos intelectuais periféricos, como aponta Santomauro (2007). Isso se deve porque houve, além de uma colonização física das Américas, da Ásia e da África, também uma mental, uma vez que, como lembra Kilomba (2019), o ideal de família heteropatriarcal, os valores estéticos, as artes e o cânone literário não-europeu atualmente se baseiam no europeu.

Nessa perspectiva, embora os laços de colonialidade estejam formalmente rompidos há mais de um século, continua a tensão, entre admiração e colonização intelectual, que ressoa nas escolhas de leituras e nos comentários destas por Cardoso. Contudo, no caso dele, isso não pode ser visto como uma submissão ou um estreitamento de horizontes mentais, pois, segundo Santiago (2019, p. 18), “é preciso que [o escritor latino-americano] aprenda primeiro a falar a língua da metrópole para melhor combatê-la em seguida”. Recorrendo ao referencial francês, Cardoso distancia-se da rigidez moral e intelectual que atribui aos seus conterrâneos para pensar sobre si mesmo e sobre certos problemas nacionais – como o reacionarismo e o patriarcalismo, anteriormente mencionados –, tendo assim condições para escrever seus registros estetizados de seu cotidiano, características pouco frequentes na literatura brasileira, na qual o diarismo ainda é pouco explorado (Ribeiro, 2023, p. 9).

2.4 Nós: os ocidentais

Além da relevância cultural dada à Europa, destaca-se, nos diários de Cardoso, o processo de descrição e idealização de sua subjetividade:

Semelhança entre um povo e um indivíduo, entre o povo francês e eu. “Base” de semelhança: o estado crítico exagerado, a superconsciência, a maquinação cerebral incessante, a ação cáustica, a confusão, o sentimento intelectual em todo. O povo russo, mais longe de mim, me atrai mais porém, encarnando as noções de liberdade e religiosidade. Estou muito mais perto da confusão francesa do que da confusão russa, mais perto do vagabundo francês intelectualizado do que do vagabundo russo sentimental. Mas é o sentimento que me atrai mais e, assim, antes me converteria à religiosidade russa que à francesa (Cardoso, 2023a, p. 136).

Cardoso estabelece um paralelo entre o coletivo e o individual ao refletir sobre o que acredita ser a imagem da “natureza” ou da “essência” do povo francês. Ao descrevê-lo, projeta características que reconhece em si mesmo: o espírito crítico exagerado, a superconsciência, a mente inquieta e permanentemente entregue à dúvida, ao exagero e à intensidade das ações, e a confusão intelectual crônica – como se excesso de lucidez o levasse inevitavelmente ao descompasso. Esse inventário não é exaustivo, limita-se àquilo chamado por ele de “base”, o que indica que seu processo de identificação com os gauleses é maior. O diarista deixa, assim, em aberto a existência de outros caracteres identitários comuns, mas não nomeados.

Essas características sugerem que ele se reconhece como brasileiro de espírito francês, isto é, sente-se como um estrangeiro em sua terra natal. Kristeva (1988, p. 23, tradução nossa¹¹) afirma que, “livre de amarras dos seus [conterrâneos], o estrangeiro sente-se ‘completamente livre’”. Mas qual o grau de liberdade de Cardoso? Distante moral e intelectualmente de Minas Gerais, ele pode fazer confissões, inclusive, sobre alguns casos amorosos com outros homens, embora não mencione o nome deles.

Sua liberdade está circunscrita à esfera mental, pois (sobre)vive com dificuldades econômicas, como descreve numa entrada na qual anota sobre alguns problemas para dirigir o filme *A mulher de longe*: “[estou] de um lado para o outro à procura de dinheiro, em conversas de escritório, encarando soluções inúteis para problemas que me são alheios” (Cardoso, 2023a, p. 228-229). Nesse caso, vê-se que Cardoso continua a sofrer alguns dos problemas de boa parte dos artistas latino-americanos, como as dificuldades para financiar uma película, de modo que sua assimilação à França não pode

¹¹ No original: “*Libre d’attaches avec les siens, l’étranger se sent ‘complètement libre’*”.

ser completa.

Nesse caso, a identificação do diarista vai além da própria literatura, seu espelho é a coletividade. Nela, ele projeta e descreve sua própria imagem, puramente intelectual, vendo-se no outro e valendo-se dele. Contudo, a imagem da França não condiz com a realidade, já que, ao homogeneizar a população dessa nação, o mineiro apaga a diversidade cultural, étnica, linguística e literária. O que o atrai é um certo imaginário já consolidado no senso comum, o de que os franceses são “naturalmente” racionalistas (Schor, 2023, p. 54). Embora se identifique com eles, sente-se mais atraído pelos russos, deseja aproximar-se deles, porém afirma ser deles mais distante. Justifica-se dizendo que sua atração se deve a uma suposta maior expressividade religiosa e libertária dos russos em relação aos franceses.

A comparação ressalta um outro conjunto de preconceitos (ou imaginário): a imagem dos russos como distantes da razão. Ela cria um contraste entre as representações dos dois povos: enquanto os franceses são percebidos como mais controlados e racionais, os russos são, em contrapartida, descritos como mais sentimentais, espirituais e livres. Ambos os ideários estabelecem uma dicotomia valorativa entre racionalidade e espiritualidade e entre Ocidente e Oriente, em que a cada lado se atribuem características e valores prefigurados.

A divisão encontra eco no imaginário europeu em torno da distinção entre os hemisférios, pois “é a Europa que articula o Oriente” (Said, 2007, p. 94) e que organiza as diferenças entre Oriente e o Ocidente. Nessa perspectiva, a diferenciação não é apenas geográfica e cultural, mas também ontológica, já que “a racionalidade [ocidental] é solapada pelos excessos orientais, aqueles opostos misteriosamente atraentes do que parecem ser os valores normais” (Said, 2007, p. 95). Os europeus (e Cardoso também faz isso) naturalizam, portanto, a visão de que o Ocidente está atrelado à consciência constante, à ciência, ao método, ao controle dos instintos pela mente, e de que o Oriente está relacionado à sentimentalidade, aos excessos e à espiritualidade.

Nessa configuração preestabelecida, o mineiro vê-se mais próximo do Ocidente, sente-se como um intelectual ocidental, percebendo-se como próximo do “coração” da cultura literária ocidental na modernidade na sua época: a França (Casanova, 2002, p. 53). Nesse lugar, a própria identidade intelectual de Cardoso, escritor mineiro vivendo no Rio de Janeiro, constrói-se num entrelugar que o distancia dos valores associados por ele a Minas Gerais e que o aproxima da França.

2.5 Marcel Proust

Por fim, no cânone literário francês parece haver uma referência cultural que atrai, acima das demais, Cardoso. Em outra passagem, ele dedica-se à leitura da correspondência entre André Gide e Francis Jammes, autor católico. Nessa ocasião, registra uma reflexão importante:

Leio atualmente a correspondência entre André Gide e Francis Jammes. Nomes, títulos de livros e sumários de revistas que os correspondentes citam já foram tão vistos através de outros ângulos, tão percorridos e examinados pela nossa atenção, que tenho a impressão de estar revendo o inventário de um mundo perdido. É assombroso como tudo envelhece depressa em nossa época. Não há um processo lento, um amadurecer gradual e de evolução sistemática – tornamo-nos caducos aos saltos, sem previsão e sem nenhuma possibilidade de salvamento. Na verdade, estão longe, bem longe, as fronteiras que limitavam as discussões sobre os pontos de vista de Menalque. Essa época teve o seu grande representante, sua estrela máxima, que dia a dia cintila mais com todos os fogos de uma desesperadora celebridade: Marcel Proust (Cardoso, 2023a, p. 228).

Cardoso descreve a correspondência de André Gide e Francis Jammes, cujas cartas datam de 1893 até a morte deste último em 1938, como um “inventário de um mundo perdido”. A obra guarda registros de uma época já distante e esvaziada de novidades: as revistas e os livros lidos pelos dois franceses já não lhe causam nenhuma sensação de frescor, estão absorvidos pelo cânone, perdendo, assim, a capacidade de produzir o choque ou o alvoroço que um dia causaram.

Ao empregar o pronome “nossa”, o mineiro permite uma ampliação de significações, uma vez que parte de sua percepção particular para seu contexto histórico. Ele tece uma crítica à sociedade pós-Segunda Guerra Mundial, em que as referências culturais não parecem duradouras, envelhecendo prematuramente. Ao observar esse processo, Cardoso sente-se assombrado: se até mesmo a cultura de prestígio francesa, matriz de sua formação, envelheceu rapidamente, por que ele não poderia pensar que também seus próprios livros estariam sujeitos a esse processo?

Dentro dessa ótica, algumas obras do cânone também estão sujeitas ao “relógio” da modernidade tardia. Berman (2007) define algumas das características desse período, como a busca de novidades culturais avidamente, sem o necessário afastamento temporal para apreciá-las ou “digeri-las”, numa escala de produção e consumo de bem simbólicos incessantes. Nesse movimento, Cardoso está assombrado, já que o ritmo das

transformações acontece velozmente.

Ainda assim, ele identifica uma singularidade que resiste ao desgaste temporal: Marcel Proust. Descrito como a estrela maior na constelação de escritores franceses do *fin de siècle*, Proust é caracterizado por uma metáfora celeste que, ao ser analisada, se desdobra em alguns veios interpretativos. Entre eles, como o corpo astronômico, ele está distante temporalmente e extinto, não é possível tocá-lo, mas parece continuar brilhando porque sua luz é captada na contemporaneidade. Essa estrela só brilha porque existe escuridão ao redor, o presente.

Nesse sentido, talvez esteja aí mais uma razão pela qual alguns artistas do passado, como já mencionado no caso de Racine, tenham tamanha importância para Cardoso: ele sentiria um certo vazio artístico no presente, que faz “cintilar” o cânone literário europeu. No entanto, há um limite, porque a metáfora aponta para um esmaecimento, uma vez que, quanto maior o afastamento temporal mais diminui o brilho do corpo celeste. Em outras palavras, quanto mais o escritor se distancia do contexto histórico e cultural de Proust menor se torna a possibilidade de reprodutibilidade do estilo dele.

Por fim, essa entrada do diário também sugere que, para Cardoso, certa concepção estético-filosófica oriunda das correntes francesas permanece central na modernidade, e que aquela tem atributos perenes frente aos problemas de seu contexto histórico.

3. MAIS ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os diários de Lúcio Cardoso contêm registros de leituras e comentários sobre seus contemporâneos e diversas correntes estético-filosóficas. Neles, ele anota suas preferências literárias, tornando essa obra um espaço privilegiado para a compreensão de seu processo criativo. Ao lê-la, vê-se não apenas a importância da França para a trajetória de Cardoso, mas também que ele se via ligado ao povo francês e que sua cultura, percebida como universalista, constituía a base de sua formação do cânone literário.

Os valores estéticos do autor estão lastreados pelo repertório cultural francês. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que ele reconhecia, conscientemente, seu “parentesco” ao pensamento francês, assim como o reforçava, vendo-o como fundamental para a compreensão de seu contexto histórico. Além disso, nos diários, a imagem da Europa, e a França é o coração desse imaginário, está atrelada ao lugar de paz para Cardoso, é o remédio que ele busca contra seus males. No entanto, ele não

diz quais o afligem, mas se levantam hipóteses: a falta de oportunidades de trabalho? As dificuldades econômicas? A pouca valorização? Embora em aberto, essas perguntas evidenciam um processo de idealização do exterior, onde haveria mais condições materiais para a criação artística, assim como põem à tona as dificuldades econômicas vivenciadas por muitos artistas latino-americanos.

Esse alinhamento do diarista às diversas linhagens filosófico-literárias gaulesas permite situá-lo criticamente para além dos já citados estudos sobre a comparação de sua obra com a de Julien Green ou com autores homossexuais. Dessa forma, abrem-se veredas comparatistas com outros escritores da França, como Racine, Rimbaud, Gide, Proust, Léautaud, Jammes e Bloy, para se ficar apenas em alguns dos literatos citados neste artigo. Essas possibilidades, quando pensadas à luz das noções comparativas de Casanova (2002), possibilitam vislumbrar os diários de Cardoso dentro de um movimento de interlocução mais amplo.

Cada obra, como “motivo”, só poderia ser decifrada a partir do conjunto da composição, só brotaria em sua coerência reencontrada em ligação com todo o universo literário. As obras literárias só se manifestariam em sua singularidade a partir da totalidade da estrutura que permitiu seu surgimento. Cada livro escrito no mundo e declarado literário seria uma parte ínfima da imensa “combinação” de toda a literatura mundial (Casanova, 2002, p. 17).

Eis, ao fim e ao cabo, o exercício de descrição da interlocução de Cardoso com a França e seus escritores, dando-nos condições para perceber que cada livro funciona como uma peça dentro de uma engrenagem maior chamada literatura mundial. Sendo assim, este estudo de uma parte dessa rede que conecta escritores de diferentes partes do mundo indica que a França ocupava um espaço central para escritores brasileiros contemporâneos de Cardoso – podendo-nos fazer questionar até certo imaginário contemporâneo da decadência da França, já presente entre os anos 1940-1960 (Rivas, 2013, p. 90). Portanto, não se acredita (nem aqui se pretende) que se tenha abarcado a totalidade da interlocução de Cardoso com a França, como já dito, pois o “coro” francês dos diários é muito maior. Agora é preciso ouvi-lo, separar as vozes e saber qual lugar tem cada uma delas nessa sinfonia chamada *Todos os diários*.

REFERÊNCIAS

ADONIAS FILHO. Lúcio Cardoso. **Suplemento Literário de Minas Gerais, Belo Horizonte**, ano XIII, n. 628, p. 9-10, 14 out. 1978.

ALMEIDA, Teresa de. Lúcio Cardoso e Julien Green: **transgressão e culpa**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

ÁVILA, Myriam. **O diário e a diáspora**. Ipotesi. Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 235-240, 2011.

ÁVILA, Myriam. **Diários de escritores**. Belo Horizonte: ABRE, 2016.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle dos Santos Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BATALHA, Antônio; PINHEIRO, Valter Cesar. **Diário? Ensaio? O hibridismo textual dos diários de Lúcio Cardoso**. Leitura. v. 1, n. 87, p. 529-548, 2026.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRANDÃO, Ruth Silviano. Lúcio Cardoso leitor. **Revista Araticum**, Montes Claros, Unimontes, v. 6, n. 2, p. 75-82, 2012.

CANDIDO, Antonio. Prólogo. In: MARTINS, Carlos Benedito. **Diálogos entre o Brasil e a França: formação e cooperação acadêmica**. Recife: Massangana, 2005, p. 13-17.

CARDOSO, Lúcio; RIBEIRO, Ésio Macedo (Org.). **Todos os diários: volume I**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023a.

CARDOSO, Lúcio; RIBEIRO, Ésio Macedo (Org.). **Todos os diários: volume II**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023b.

CASANOVA, Pascale. **A república mundial das letras**. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CASANOVA, Pascale. **La langue mondiale: traduction et domination**. Paris: Seuil, 2015

FANON, Frantz. **Peau noire, masques blancs**. Paris: Points, 2015.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRISTEVA, Julia. **Étrangers à nous-mêmes**. Paris: Fayard, 1988.

LOPES, Denilson. Para desejar o impossível: diários queer de Lúcio Cardoso e Roland Barthes. **Rev. Inst. Estud. Bras.** (São Paulo), n. 91, 2025, e10729.

MEIRA, Mauritônio. Vida literária. **Jornal do Brasil**, 31 mai. 1960.

MORAES, Eliane Robert. Arthur Luiz Piza: um limbo no meio de Paris. In: MARTINS, Carlos Benedito. **Diálogos entre o Brasil e a França: formação e cooperação acadêmica**. Recife: Massangana, 2005, p. 507-509.

MOREIRA, Daniel da Silva. Do diário íntimo à obra literária: os diários de Lúcio Cardoso, Walmir Ayala e Harry Laus. In: **CONGRESSO DA ABRALIC – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA**, XV, 2016, Rio de Janeiro, Anais. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2016, p. 6059-6067.

MOREIRA, Daniel da Silva. **Escritas de si e homossexualidade no Brasil: os diários de Lúcio Cardoso, Walmir Ayala e Henry Laus**. Tese (doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

MOREIRA, Daniel da Silva. A fundação de escrita autobiográfica dissidente: os diários de Lúcio Cardoso, Walmir Ayala e Harry Laus e a tematização da homossexualidade. **Litterata: Revista do Centro de Estudos Hélio Simões**, v. 8, n. 1, p. 42-62, 2018.

O’NAN, Martha. André Gide and the Brazil. *Hispania*, Lubbock, Texas Tech University, v. 41, n. 4, p. 436-444, 1958.

PEREIRA, Márcio Rodrigues. Presença cultural francesa no Brasil. **Travessia: revista do migrante**, v. 22, n. 85, p. 89-100, 2009.

RIBEIRO, Ésio Macedo. Apresentação. In: CARDOSO, Lúcio; RIBEIRO, Ésio Macedo (org.). **Todos os diários**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023, p. 7-24, v. 1.

RIVAS, Pierre. A crise da literatura francesa e da irradiação intelectual da França no mundo. Trad. Regina Salgado Campos. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla (Org.). **Cinco séculos de presença francesa no Brasil: invasões, missões, irrupções**. São Paulo: EDUSP, 2013, p. 277-290.

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Trad. Rosaura Einchenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTIAGO, Silviano. **Presença da língua e da literatura francesa no Brasil** (para uma história dos afetos culturais franco-brasileiros). Letras, n. 39, p. 11–25, 2009.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. Recife: Cepe, 2019.

SANTOMAURO, Fernando. **As políticas culturais de França e Estados Unidos no Brasil**. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

SONTAG, Sontag. **Contra a interpretação e outros ensaios**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MULHERIDADES E FEMINILIDADES NEGRAS NA SÉRIE *THEM*: UMA ANÁLISE CRÍTICA FEMINISTA DECOLONIAL DOS DISCURSOS DE GÊNERO E RAÇA EM NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS¹

Laura Letícia Cavalcante Leobino²

Lorena Araújo de Oliveira Borges³

RESUMO: Este trabalho investiga as representações das mulheridades e feminilidades

¹ O presente artigo é um dos resultados de pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal de Alagoas (PIBIC/FAL) e contou com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa de Alagoas (FAPEAL).

² Graduanda em Letras-Português na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7484-1189>.

³ Professora Adjunta da Faculdade de Letras (FALE) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Membro do Grupo de Estudos Discurso, Ensino e Aprendizagem de Línguas e Literaturas (GEDEALL). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4402-1359>.

negras na série *Them* (2021), produzida por Little Marvin em colaboração com outros/as diretores/as. A partir de uma perspectiva interseccional que articula feminismos negros e decoloniais, analisamos como a narrativa, marcada por cenas de extrema violência física e psicológica contra mulheres negras, constrói discursos sobre gênero e raça, articulando-os ao racismo estrutural e às formas de resistência negra. Metodologicamente, concentramo-nos na análise de dois recortes da série: os minutos iniciais do primeiro episódio, que introduz a família Emory e estabelece os eixos de violência racial e sobrenatural que estruturam a narrativa; e uma cena do quinto episódio, que representa o ápice das violências físicas sofridas pela protagonista, incluindo agressão sexual e violência contra criança articuladas ao terror psicológico. A análise articula os quadros teórico-metodológicos e epistemológicos da Análise de Discurso Crítica (Chouliaraki; Fairclough, 1999; Fairclough, 2003, 2010, 2016; Vieira; Resende, 2016) e dos Feminismos Negros e Decoloniais (Kilomba, 2019; hooks, 2019; Gonzalez, 2020). Os resultados demonstram que, embora a série incorpore elementos das teorias feministas negras ao retratar as consequências da violência racial como estrutura sistêmica, ela falha parcialmente em contextualizar criticamente as respostas legítimas que essas mulheres dão ao trauma. Ao espetacularizar graficamente o sofrimento, aspecto analisado através do conceito de pornô de tortura, *Them* acaba por transformar a dor negra em commodity midiática, reiterando estereótipos coloniais sobre as mulheres negras em vez de contribuir para outros modos de ser, de (con)viver e de saber sobre as mulheridades e feminilidades negras.

Palavras-chave: Mulheridades negras. Feminilidades negras. Feminismos negros e decoloniais. Análise de Discurso Crítica. *Them*.

BLACK WOMANHOOD AND BLACK FEMININITIES IN THE SERIES THEM: A DECOLONIAL FEMINIST CRITICAL ANALYSIS OF GENDER AND RACE DISCOURSES IN CONTEMPORARY NARRATIVES

ABSTRACT: This article investigates the representations of Black womanhood and femininities in the series *Them* (2021), produced by Little Marvin in collaboration with other directors. From an intersectional perspective articulating Black and Decolonial Feminisms, we analyze how the narrative, marked by scenes of extreme physical and psychological violence against Black women, constructs discourses on gender and race, linking them to structural racism and forms of Black resistance. Methodologically, we focus on the analysis of two excerpts from the series: the opening minutes of the first episode, which introduces the Emory family and establishes the axes of racial and supernatural violence that structure the narrative; and a scene from the fifth episode, representing the apex of physical violence suffered by the protagonist, including sexual assault and violence against children articulated with psychological terror. The analysis articulates the theoretical-methodological and epistemological frameworks of Critical Discourse Analysis (Chouliaraki; Fairclough, 1999; Fairclough, 2003, 2010, 2016; Vieira; Resende, 2016) and Black and Decolonial Feminisms (Kilomba, 2019; hooks, 2019; Gonzalez, 2020). The results demonstrate that, although the series incorporates elements of Black feminist theories by portraying the consequences of racial violence as a systemic structure, it partially fails in critically contextualizing the legitimate responses these women give to trauma. By graphically spectacularizing suffering, aspect analyzed through the concept of torture porn, *Them* ultimately transforms Black pain into media commodity, reiterating colonial stereotypes about Black women rather than contributing to other ways of being, coexisting, and knowing about Black womanhood and femininities.

Keywords: Black womanhood. Black femininities. Black and Decolonial feminisms. Critical Discourse Analysis. *Them*.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho investiga as representações das mulheridades e feminilidades negras na série *Them* (2021), produzida por Little Marvin em colaboração com outras/os diretoras/es. A partir de uma perspectiva interseccional que articula feminismos negros e decoloniais, analisamos como a narrativa, marcada por cenas de extrema violência física e psicológica contra mulheres negras, constrói discursos sobre gênero e raça, articulando-os ao racismo estrutural e às formas de resistência negra. A escolha por este objeto de estudo fundamenta-se em uma dupla motivação: a posicionalidade da autora deste artigo enquanto jovem mulher parda e as relações afetivas dela com pessoas pretas, cujas vivências contribuíram para a leitura crítica que realizei da obra ao entrar em contato com ela pela primeira vez.

Para alcançarmos o objetivo traçado, delineamos os seguintes objetivos específicos: i) mapear as mulheridades e feminilidades negras representadas e analisar como elas aparecem na construção narrativa; ii) investigar como os discursos feministas reverberam nessas representações; iii) explicar como tais representações contribuem (ou não) para impulsionar outros modos de ser, de (con)viver e de saber sobre as mulheridades e feminilidades negras. Metodologicamente, concentramo-nos na análise de dois recortes da série. O primeiro remete aos minutos iniciais do primeiro episódio, que introduz a família Emory e estabelece os eixos de violência racial e sobrenatural que estruturam a narrativa; e o segundo foi retirado do quinto episódio e representa o ápice das violências físicas sofrida pela personagem principal da série, incluindo agressão sexual e violência contra criança articuladas ao terror psicológico.

A análise apresentada articula os quadros teórico-metodológicos e epistemológicos da Análise de Discurso Crítica (Chouliaraki; Fairclough, 1999; Fairclough, 2003, 2010; 2016; Vieira; Resende, 2016) e dos Feminismos Negros e Decoloniais (Kilomba, 2019; hooks, 2019; Gonzalez, 2020). Essa dupla perspectiva nos permite não apenas identificar o que é representado, mas também elucidar os mecanismos discursivos através dos quais essas representações ecoam ou contestam estruturas de violência do mundo real. Ao articular esses referenciais, o presente trabalho busca contribuir para discussões mais amplas sobre representação midiática de mulheres negras, violência racial e produção de subjetividades negras no contexto das narrativas audiovisuais contemporâneas.

Este artigo encontra-se dividido em outras três seções além desta Introdução. Na Fundamentação Teórica, apresentamos os pressupostos da Análise de Discurso Crítica articulados aos Feminismos Negros e Decoloniais, estabelecendo as bases conceituais para compreender como o discurso constrói e perpetua hierarquias raciais e de gênero através de mecanismos de significação que naturalizam as assimetrias de poder. Na Metodologia, detalhamos a abordagem qualitativa, de caráter sócio-crítico, que orienta esta pesquisa, explicitando os critérios de seleção da materialidade linguística analisada. Por fim, na Análise dos Dados, buscamos desvelar como as representações de Lucky e suas filhas reiteram ou subvertem estereótipos coloniais, com especial atenção à espetacularização da violência contra mulheres negros e de seus efeitos na construção das mulheridades negras.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Conforme proposto pela Análise de Discurso Crítica (ADC), o discurso é linguagem em uso, operando como “uma prática não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, construindo o mundo em significado” (Fairclough, 2001, p. 91). Essa concepção assume o discurso como uma prática social que pode tanto reiterar e/ou assegurar a manutenção de determinadas relações de poder quanto funcionar como um agente de mudança e de transformação social. Tal entendimento dialoga com as contribuições de Gonzalez (2020) e Kilomba (2019), para quem o discurso opera como força produtora de realidades sociais, configurando e perpetuando hierarquias raciais e de gênero através de mecanismos de significação que naturalizam assimetrias de poder.

No cerne dessa percepção encontra-se a noção gramsciana de poder como hegemonia (Gramsci, 1971), modo particular de conceituar o poder e a luta pelo poder nas sociedades capitalistas, enfatizando que este depende antes do consentimento ou da submissão do que do uso da força. A noção de hegemonia traz embutida em si uma estabilidade instável que pode ser alterada por meio dos embates sociais, de modo que o poder está o tempo todo sendo disputado; uma das maneiras como essa disputa é travada é por meio dos discursos. Nesse cenário, as mídias ocupam um lugar de relevância, pois atuam na configuração e disseminação de representações de mundo, podendo garantir tanto a naturalização quanto a subversão de estereótipos hegemônicos socialmente.

Os estereótipos, conforme Hall (1997) explica, operam como simplificações exageradas que essencializam, reduzem e naturalizam as diferenças, estabelecendo oposições binárias que simplificam artificialmente a complexidade dos grupos sociais e demarcam posições hierárquicas fundamentadas em relações de poder. Um exemplo desse processo é a prática conhecida como blackface, forma racista de representação na qual artistas brancos pintavam seus rostos e realizavam performances caricaturais que reduziam pessoas negras a estereótipos desumanizantes. Criada no século XIX, em um contexto de exclusão sistemática no qual pessoas negras eram impedidas de atuar em espetáculos, essa prática perdeu legitimidade social graças às lutas antirracistas contemporâneas. No entanto, sua lógica representacional persiste sob novas roupagens no cenário midiático atual, de modo que, ainda que a presença de profissionais negros em espaços audiovisuais seja significativa, ela ainda é mobilizada para reiterar estereótipos coloniais acerca das pessoas negras.

No caso específico das mulheres negras, essa lógica representacional frequentemente as aprisiona em papéis limitados, como empregadas domésticas, escravizadas, mães-sofridas, dentre outros, conforme explica Santos (2017, p. 151).

Minha experiência no mundo perpassa o tempo todo, as questões de raça e gênero. As imagens que me perseguem desde criança, nas novelas, nos filmes, nos programas de TV são as de mulheres negras empregadas domésticas, prostitutas, amantes, usuárias de drogas, “mulatas” fogosas, imagens que minaram minha autoestima e a de outras muitas meninas negras e colocaram para nós essas como as únicas alternativas de vivências possíveis.

Condenando meninas negras a limitadas possibilidades de existência, esses estereótipos impactam profundamente nos processos de subjetivação, destruindo a autoestima dessas meninas-mulheres e tornando os caminhos delas em busca de si cada vez mais tortuosos.

Para além dos danos à autoestima, a reprodução midiática desses estereótipos reforça o racismo que condena mulheres negras a uma existência definida pela cor de sua pele e pelo gênero que possuem. Testemunhar as feridas dessa opressão sendo reproduzidas em contextos que deveriam ser de entretenimento as coloca novamente em um lugar de subserviência e aprisionamento. “A nós não foi – e não é – dada a possibilidade de exercemos esse corpo negro, esse corpo que nos pertence, na sociedade. A representação da mulher negra nas novelas e cinema contribui para o aprisionamento desse corpo” (Santos, 2021, p.151). Desse modo, o olhar acerca das

mulheres negras, dentro e fora das telas, permanece refém do olhar do outro, que, por vezes, é marcado pelo racismo estrutural.

Sistematicamente reduzidas a estereótipos por meio dos discursos coloniais que ainda são reiterados na contemporaneidade (Kilomba, 2019), as mulheres negras são, com muita facilidade, representadas a partir de uma exploração espetacularizada do sofrimento físico e psicológico, de modo que a dor delas é transformada em objeto de consumo midiático. Tal espetacularização vem sendo chamada de pornô de tortura (Jones, 2013). Esse conceito, originalmente cunhado para descrever a proliferação de horror gráfico extremo no cinema, adquire contextos específicos quando aplicado a violência contra corpos femininos negros. Isso porque, como alerta hooks (2019) e Kilomba (2019), há uma longa tradição histórica de erotização do sofrimento negro, desde os espetáculos de linchamento no século XIX até a exploração contemporânea de violências sexuais no audiovisual, perpetuando uma dinâmica colonial de poder através da espetacularização da dor.

Situadas nessas perspectivas, propomo-nos a investigar como as narrativas contemporâneas têm configurado as mulheridades e feminilidades negras, adotando uma abordagem metodológica que buscará desvelar as representações colocadas em circulação na série *Them* e como elas reiteram ou subvertem as lógicas coloniais que persistem no imaginário midiático atual.

3. METODOLOGIA

Uma vez que o principal intuito aqui é compreender de forma aprofundada o modo como a representação das mulheridades e das feminilidades negras nas narrativas contemporâneas, tomando a série *Them* como materialidade discursiva a ser analisada, influenciam a construção de ser e existir dessas mulheres, trabalharemos no âmbito da pesquisa qualitativa. Essa perspectiva busca compreender, explicar e interpretar uma realidade que é constituída *“no solo por hechos observables y externos, sino también por significados, símbolos e interpretaciones elaboradas por el próprio sujeto a través de uma interacción com los demás”* (Serrano, 1998, p. 27)⁴. No seio da abordagem qualitativa, esta pesquisa encontra-se vinculada ao paradigma sócio-crítico, que compreende a realidade como uma construção histórica e intersubjetiva, marcada por

⁴ “não apenas por fatos observáveis e externos, mas também por significados, símbolos e interpretações elaborados pelo próprio sujeito através da interação com os outros” (Traduzido pelas autoras).

valores sociais, políticos, culturais, econômicos, étnicos, de gênero, dentre outros, que se cristalizam em estruturas de poder (Lincoln; Gubam, 2006).

Quanto à natureza do estudo, trata-se de uma pesquisa documental. Entretanto, os documentos analisados não serão encarados como artefatos estáveis e estáticos, mas em termos de campos, de estruturas e de redes de ação. “De fato, o status das coisas enquanto ‘documentos’ depende precisamente das formas como esses objetos estão integrados nos campos de ações, e os documentos só podem ser definidos em relação a esses campos” (Prior, 2003, p. 2).

O corpus de análise desta investigação foi composto por recortes estratégicos de dois episódios da série Them, selecionados por sua centralidade na representação da violência sofrida de corpos femininos negros:

Abertura do episódio 1: flashback introdutório que apresenta a protagonista da série, Lucky, com roteiro de Little Marvin (homem negro) e direção de Nelson Cragg (homem branco);

Episódio 5: retomada e expansão do flashback inicial, com roteiro de Little Marvin (homem negro) e Dominic Orlando (homem branco) e direção de Janicza Bravo (mulher negra).

A materialidade linguística selecionada foi analisada à luz do arcabouço disponibilizado pela Análise de Discurso Crítica (Chouliaraki; Fairclough, 1999; Fairclough, 2003; 2010; 2016). Ao assumir o discurso como uma dimensão importante das práticas que compõem a vida social, a ADC disponibiliza um amplo cabedal metodológico que permite o estudo da conexão entre as escolhas linguístico-discursivas e as relações de poder que permeiam a sociedade. Nesse sentido, procuramos mapear, nos recortes analisados, quais discursos sobre as mulheres negras são indexicalizados e discorrer sobre como esses discursos reiteram ou subvertem as representações estereotipadas acerca desse grupo social.

4. ANÁLISE DE DADOS

Para organizar a análise discursiva que desenvolveremos neste artigo, propomos uma divisão da descrição da matriz discursiva em dois atos narrativos, correspondentes aos episódios selecionados. O Ato I, centrado no primeiro episódio, introduz Lucky como personagem principal da série, uma mãe negra cuja expressão e perturbação já nos primeiros minutos da narrativa revela os efeitos psicológicos da convivência com vizinhos brancos hostis. O episódio possui uma estrutura narrativa não linear, que alterna entre

passado e presente, apresentando, inicialmente, a família Emory isolada em uma casa afastada, mas, mesmo assim sendo submetida a violência racial. O Ato 2 remete ao quinto episódio e apresenta os desdobramentos das cenas apresentadas no Ato 1, revelando o destino trágico de Chester e a violência sofrida por Lucky.

Essa divisão analítica se justifica por três motivos: i) o caráter introdutório do primeiro episódio, que estabelece as bases do trauma central da narrativa; ii) a exploração do conceito de *pornô de tortura* no quinto episódio, quando a violência racial e de gênero atingem o seu ápice gráfico; iii) a maneira como essas cenas constroem representações das mulheres negras, utilizando a violência explícita tanto como denúncia social quanto como espetáculo midiático. Acreditamos que esse recorte nos permitirá, a partir de uma perspectiva crítica feminista decolonial, examinar como a representação das mulheres negras na série veiculam concepções hegemônicas sobre raça e gênero.

4.1 Ato 1: Dia 1

O episódio 1, intitulado *Dia 1*, estabelece imediatamente o clima de tensão racial que permeará toda a série: uma vizinha idosa branca (Figura 1), propositadamente não nomeada, chega à casa de Lucky (Figura 2) fazendo perguntas aparentemente inocentes sobre sua família. A protagonista responde às perguntas com frases curtas e em um tom claramente defensivo, demonstrando desconfiança em relação àquela interação. A falsa cordialidade é rompida quando a idosa passa a entoar uma versão da canção de salão explicitamente racista chamada *Old Black Joe*⁵, transformando o momento em uma clara demonstração de poder racial. A performance da vizinha, marcada pela ironia de sua expressão racial e pela cadência deliberadamente lenta da música, transforma a canção em uma arma psicológica que reforça a dominação branca e legitima simbolicamente a invasão do espaço dos Emory por vizinhos brancos hostis.

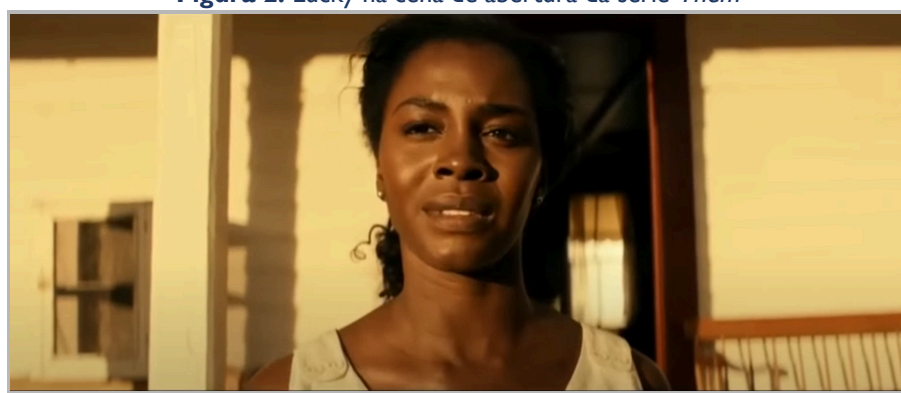
Figura 1. Vizinha branca na cena de abertura da série *Them*

⁵ A música *Old Black Joe* (1860), composta por Stephen Foster, reitera estereótipos racistas do século XIX ao romantizar a escravidão, desumanizar a pessoa negra representada na letra e naturalizar a hierarquia racial. Esses aspectos são reforçados na versão cantada pela vizinha branca na série *Them*: *Gone are the days when my heart was young and gay / Gone are the toils of the cotton fields away / Gone from the earth to a better land I know / I hear the gentle voices calling Old Black Joe* [Já se foram os dias em que meu coração era jovem e alegre / Já se foram os trabalhos dos campos de algodão / Parti desta terra para uma terra melhor que conheço / Ouço as vozes suaves chamando o velho Joe Negro]. É importante destacar que Foster escreveu essa e outras músicas racistas para o entretenimento branco, num contexto em que a figura do *escravo feliz* era mobilizada para reforçar a ordem racial no período pós-abolição nos Estados Unidos.



Fonte: Série *Them*, Prime Vídeo.

Figura 2. Lucky na cena de abertura da série *Them*



Fonte: Série *Them*, Prime Vídeo.

A tensão aumenta quando, após cantar a música, a vizinha pede para ficar com o bebê de Lucky, que chora alto dentro da casa. A protagonista, em pânico, adentra sua residência e segura seu bebê contra o peito, com olhos arregalados em terror, enquanto uma trilha sonora dissonante eleva-se e a imagem congela por um instante antes de escurecer, marcando o final do *flashback*. A atmosfera dessa primeira cena da série é pensada para instaurar medo: a imagem possui uma iluminação amarelada e os cortes de cena estratégicos entre a perspectiva da vizinha e a de Lucky são utilizados para recriar o ponto de vista de ambas no acontecimento.

4.2 Ato 2: *Covenant I.*

O episódio 5, *Covenant I.*, retoma e expande o *flashback* descrito no Ato 1, apresentando em detalhes a violência racial e de gênero sofrida por Lucky. A sequência se inicia com uma cena de aparente calma doméstica: uma luz amarelada confortável atravessa as janelas, criando uma falsa sensação de aconchego. Chester, o bebê de Lucky, observa

atentamente os movimentos da mãe nesse ambiente aparentemente protegido. Essa tranquilidade é interrompida pela chegada da vizinha branca, que introduz progressivamente o horror que será testemunho pelos interactantes da série. Inicialmente, a interação com a protagonista parece inocente: a vizinha elogia a casa e acaricia o cachorro da família, Sargento. Entretanto, a tensão entre as personagens começa a crescer a partir do momento em que a vizinha canta *Old Black Joe*.

Lucky, visivelmente alarmada, chama por Sargento, que se encontra distante da residência, fora de seu campo de visão. Percebendo a demora da mãe, Chester começa a chorar e atrai a atenção indesejada da vizinha, que pergunta pelo bebê com um interesse perturbador: “É seu bebê? Qual o nome dele?”. Esses questionamentos causam desconforto na protagonista, que pede à vizinha que vá embora, afirmando que seu marido logo vai chegar. Contudo, para surpresa de Lucky, a mulher afirma: “Aquele homem que saiu daqui cerca de uma hora atrás com duas garotinhas? Oh, nós o vimos”. Logo em seguida, a vizinha pede explicitamente para ficar com Chester. Em pânico, Lucky entra na casa e fecha as portas enquanto observa, pela janela, a aproximação de três homens brancos. Os enquadramentos das cenas, nesse momento, alternam *close-ups* do rosto aterrorizado de Lucky com planos mais abertos dos invasores, marcando a desproporção de poder entre ela e eles.

Com movimentos frenéticos, Lucky esconde Chester em um armário da casa e se refugia em outro cômodo, numa tentativa desesperada de proteção. A partir daí, a direção constrói uma sequência de terror psicológico através de recursos cinematográficos como barulhos de vidro se quebrando, portas e janelas sendo arrombadas e planos fragmentados que mostram os pés dos agressores subindo as escadas em ritmo acelerado e mãos revirando violentamente as roupas da família. A câmera, agora, alterna entre *close-ups* de Lucky, com os olhos arregalados, demonstrando pânico visceral, e planos gerais que revelam o estupro coletivo ao qual ela é submetida. Tudo nessa cena é demasiadamente gráfico: as pernas dela estão à mostra, o vestido levemente suspenso, o corpo pesado de seu agressor em cima do corpo dela, as mãos atadas e, claro, o rosto transvestido em profundo desespero, pressionado lateralmente contra o chão. As lágrimas se espalham pelas bochechas de Lucky e a cena é dolorosamente longa. A vizinha branca testemunha toda a cena enquanto aumenta o volume da vitrola para abafar ainda mais os gritos sufocados da protagonista.

A duração prolongada da sequência, com os gritos de Lucky conseguindo superar o volume da música por breves instantes, intensifica o desconforto dos interactantes da série, até o momento em que a vizinha encontra Chester. Nesse instante, a cena muda da

tonalidade amarelada para tons vermelhos, simbolizando o perigo iminente e o novo patamar de horror que a narrativa irá retratar. O que se segue é uma sequência de violência extrema e perturbadora. A vizinha branca inicialmente simula uma brincadeira com Chester, criando um momento de falsa ternura que logo que dissipa. Com gestos calculados, ela coloca o bebê dentro de uma fronha e começa a sacudi-lo violentamente de um lado para outro, acompanhando o movimento com uma cantiga que transforma a cena em um ritual macabro. Lucky tenta impedir a barbaridade, levantando-se durante o abuso que ainda perdura, mas é prontamente impedida pelo outro homem que, com as calças e as peças íntimas arriadas até os joelhos, rasga o vestido dela. Enquanto é novamente estuprada, ela chora e grita, observando a mulher e os outros dois homens jogando seu bebê de um lado para o outro. Ainda que os homens demonstrem asco total em relação à Lucky, este não se transfere para o corpo dela: mãos grandes o exploram por toda parte, como se não fosse nada além de uma animalização, o ápice do desejo dos brancos.

Sem estarem atentos a determinados aspectos de suas fantasias sexuais que irrevogavelmente os unem à dominação racista coletiva, acreditam que seu desejo por contato representa uma mudança progressista nas atitudes dos brancos em relação às pessoas não brancas (hooks, 2019, p. 70-71).

A montagem acelera o ritmo da cena através de cortes rápidos que representam uma intensificação da violência: a música ganha velocidade, sincronizando-se com os movimentos brutais do homem sobre Lucky e com os arremessos de Chester entre os agressores. A câmera alterna entre planos de ação e closes no rosto paralisado de Lucky, capturando seu olhar vazio que sintetiza o trauma vivenciado. Essa sequência, deliberadamente espetacularizada, atinge seu ápice quando o bebê deixa de emitir sons ou movimento e o saco contendo o seu pequeno corpo é largado no chão, manchando-se gradualmente de sangue, enquanto Lucky jaz imóvel, estendida no chão.

A cena do enterro de Chester é marcada por mensagens bíblicas que ecoam no rosto impassível de Lucky, até que a frase dita por uma mulher – “O Senhor o deu, o Senhor o levou. Abençoado seja o nome do senhor. Amém” – dispara uma reação violenta na mãe enlutada. Lucky reage, pedindo à mulher que repetisse o que foi dito e, quando ela o faz, dá um tapa no rosto dela. A representação de Lucky, neste momento, embora retrate a dor e a fúria de uma mãe que acabara de perder o seu filho de maneira brutal, é tendenciosa, beirando o estereótipo de mulher negra raivosa, especialmente quando contrastada com a

passividade de Henry, marido de Lucky, que observa a cena enquanto conversa com amigos do lado de fora da casa.

A identidade pode ser construída a partir das representações cinematográficas e os sujeitos que as produzem estão empenhados, de alguma forma, a perpetuar certas hegemonias e relações sociais. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (Santos, 2017, p.152).

Na sequência, acompanhamos a deterioração psicológica de Lucky: ela caminha pelos arredores da casa segurando o saco ensanguentado, enquanto as suas filhas a observam pela janela e expressam medo da própria mãe. O diálogo entre Ruby e Gracie – as filhas de Lucky e Henry –, que entoam o mantra “nunca serei como a mamãe”, mostra como o trauma é transmitido intergeracionalmente, criando rupturas afetivas dentro da própria família. Ao anoitecer, Henry tenta tranquilizar as filhas, afirmando que elas estão protegidas e que a ameaça não irá voltar, enquanto imagens intercaladas revelam Lucky no porão, revivendo o trauma e chorando pelo filho perdido. A incompreensão familiar diante de seu sofrimento, seja pela imaturidade, no caso das filhas, ou pela passividade, no caso do marido, isola ainda mais Lucky em sua dor.

Este capítulo se encerra com a mudança repentina da família. Na cena final, Henry encontra Lucky acariciando uma caixa com as cinzas do filho. Ao entrar no quarto, ele faz uma cobrança implícita – “lá embaixo há duas meninas que precisam da mãe” –, reforçando o peso das expectativas de gênero mesmo em meio ao luto. Por fim, o episódio é finalizado com Henry afirmando que, não importa para onde forem, Chester sempre estará com eles.

4.3 Entre a vulnerabilidade extrema e a (re)existência feroz

Ainda que os dois trechos selecionados para a presente análise foquem, significativamente, na violência sofrida pela protagonista da série, temos três mulheres negras sendo representadas nesses excertos: i) Lucky, a mãe traumatizada, estigmatizada como louca enquanto vivencia o estresse pós-traumático decorrente da violência extrema a qual foi submetida; ii) Ruby, filha adolescente de Lucky, que sofre *bullying* na escola pelo fato de ser negra e assume a responsabilidade de tentar remediar os conflitos familiares; e iii) Gracie, filha criança de Lucky, alheia a muitas das questões enfrentadas pela família e cujas

explosões de raiva manifestam somaticamente o trauma intergeracional. Essas três figuras femininas, centrais para a construção da narrativa, revelam um espectro complexo de representações das mulheridades negras, articulando diferentes dimensões do trauma racial e de gênero.

Lucky é a encarnação do trauma, com uma representação que oscila entre a vulnerabilidade extrema e a resistência feroz, encapsulando a dupla injeção da mulher negra, simultaneamente vítima e guerreira. Na cena final do primeiro capítulo, quando ela literalmente se arma para combater a ameaça representada pelas novas vizinhas brancas, Lucky personifica o que o ativismo negro nomeia como “raiva negra”, uma resposta política contra as violências e opressões imputadas à população negra (hooks, 2022). No entanto, sem qualquer discussão crítica ou política acerca dessa raiva, o comportamento de Lucky pode facilmente ser interpretado pelas/os espectadoras como loucura, agressividade descontrolada ou selvageria de uma mulher negra raivosa, o que reforça estereótipos coloniais sobre as mulheres negras.

Ruby, por sua vez, representa o trauma silencioso do amadurecimento precoce imposto às adolescentes negras. Sua caracterização ilustra um duplo processo de marginalização dos corpos negros femininos: o racismo institucional e a sobrecarga emocional doméstica. Assim, Ruby não é apenas vítima de violências externas, manifestas por meio do *bullying* que ela sofre na escola, ela também é forçada a internalizar um papel de cuidadora familiar, responsável por apaziguar os conflitos domésticos. Esse processo, como destacam pensadoras feministas negras (hooks, 2019; Collins, 2020), é um mecanismo social perverso que rouba a infância de meninas negras, sobrecarregando-as com responsabilidades afetivas e laborais da vida adulta.

Por fim, temos Gracie, que encarna o trauma somatizado, a incorporação física do sofrimento intergeracional causado pelo racismo. Suas explosões de raiva não verbalizadas vão além de um problema individual: elas corporificam as dores e os traumas que as os corpos negros vivenciam historicamente e são próprias de corpos sob constante ameaça. Através de Gracie, a série demonstra que o trauma do racismo não requer compreensão cognitiva para causar danos profundos; ele se inscreve diretamente no corpo e no inconsciente (hooks, 2023), manifestando-se através de sintomas que a psicanálise tradicional, profundamente colonizada, falha em reconhecer como decorrentes de uma patologia social, uma neurose cultural como bem apontou Gonzalez (2020).

Juntas, essas três representações constroem um mosaico complexo do que significa habitar um corpo negro feminino em uma sociedade racista. Contudo, também é importante destacar que a série não trata as experiências dessas mulheres com o mesmo peso:

enquanto a dor de Lucky é hipervisibilizada através de cenas gráficas de tortura, os sofrimentos de Ruby e Gracie permanecem secundários, quase como pano de fundo para o drama principal. Esta hierarquização narrativa reitera a ideia de que algumas formas de sofrimento negro são mais dignas de espetáculo que outras, obscurecendo como o racismo opera através de violências cotidianas e estruturais que estão para além da violência física explícita.

A distribuição assimétrica da violência entre os gêneros na narrativa também merece algumas considerações. Enquanto os eventos de racismo sofridos pelas mulheres dessa família são extremamente gráficos – desde a violência sexual à qual a matriarca foi submetida até o *bullying* sofrido pela filha mais velha, o patriarca da família, Henry Emory, vivencia o racismo de forma mais velada, através de microagressões e de uma violência psicológica institucional. Sua experiência é marcada pela violência profissional sutil, pelo desprezo velado dos vizinhos brancos e pela pressão constante para provar sua competência em uma sociedade que sempre o questiona. Essa disparidade levanta questões importantes sobre a espetacularização do sofrimento feminino negro: estaria a série utilizando a violência gráfica como ferramenta de denúncia social ou como recurso de entretenimento, promovendo uma erotização do sofrimento negro feminino (hooks, 2019)?

A partir da fundamentação teórica e epistemológica disponibilizada pela ADC é possível concluirmos que ambas as coisas podem acontecer. Entretanto, enquanto modo de (inter)ação, uma série televisiva tem o objetivo primeiro de entreter sua audiência, de modo que, ainda que pretensamente ela denuncie o racismo, faz isso caindo na lógica da sociedade do espetáculo (Debord, 1997), característica da contemporaneidade midiática em que a aparência e a espetacularização da vida são mais valorizadas que as relações interpessoais em si. Nessa lógica, *Them* se transforma em uma distração que nos aliena e distrai de nossas próprias realidades.

Divertir-se significa que não devemos pensar, que devemos esquecer a dor, mesmo onde ela se mostra. É, de fato, diga, mas não, como pretende, fuga da realidade perversa, mas sim do último grau de resistência que a realidade ainda pode ter deixado. A libertação prometida pelo entretenimento é a do pensamento como negação (Adorno; Horkheimer, 2006, p. 119)

Desta maneira, distraíndo-se com a suposta denúncia social presente na série, as/os espectadoras/es se desconectam da realidade e dos supostos problemas que podem existir em sua construção discursiva, nas representações que reitera. As representações femininas

negras na série reforçam o fetiche no entorno do sofrimento feminino, sendo intensificado pelo recorte de raça presente na produção audiovisual.

Essa perspectiva se torna ainda mais perversa quando consideramos, em diálogo com Mulvey (1983), feminista britânica que atua na área do cinema, como a linguagem cinematográfica tradicionalmente se organizou a partir de um olhar masculino branco que objetifica corpos femininos. Em *Them*, a negritude acrescenta outras camadas de complexidade a essa objetificação, criando uma dupla objetificação, de raça e gênero, interconectadas, que alimenta ainda mais o fetiche do/a espectador/a.

Existe uma conexão direta e persistente entre a manutenção do patriarcado supremacista branco nessa sociedade e a naturalização de imagens específicas na mídia de massa, representações de raça e negritude que apoiam e mantêm a opressão, a exploração e a dominação de todas as pessoas negras em diversos aspectos (hooks, 2019, p.33)

Assim, na tentativa de denunciar as diferentes formas de racismo existentes nas sociedades ocidentalizadas, *Them* acaba reiterando os estereótipos que pretende criticar através de uma espetacularização da dor negra que negligencia as dimensões psicológicas e políticas do trauma racial. A ausência de uma discussão substantiva sobre os impactos do trauma nas vivências e nas respostas emocionais das personagens femininas revela as limitações da abordagem da série ao privilegiar o impacto visual sobre a profundidade psicológica.

5. CONCLUSÃO

A presente pesquisa alcançou os objetivos propostos ao demonstrar, através da análise dos recortes selecionados da série *Them*, como as representações de mulheridades negras na série se articulam em um campo tenso entre a denúncia do racismo e a reprodução de estereótipos coloniais. Conforme inicialmente proposto, mapeamos as representações de Lucky, Ruby e Grace como figuras que encarnam, respectivamente, os estereótipos da mãe traumatizada e estigmatizada como louca, da adolescente forçada a amadurecer precocemente e mediar conflitos familiares e da criança que manifesta somaticamente um trauma intergeracional. Esse mapeamento demonstra como a série, ao mesmo tempo em que articula sua narrativa de modo a elucidar as consequências do

racismo sobre os corpos negros femininos, também reitera os estereótipos coloniais acerca dessas mulheridades.

Em relação à reverberação dos discursos feministas nas representações mapeadas – segundo objetivo específico proposto –, a análise demonstrou como a série incorpora elementos das teorias feministas negras estadunidenses, especialmente de pensadoras como hooks (2019; 2023) e Collins (2020). Contudo, constatamos que esse diálogo é parcial, pois mesmo que a série retrate as consequências da violência racial como estrutura sistêmica, conforme ponderado por essas pensadoras, ela falha em contextualizar criticamente as respostas legítimas que essas mulheres dão trauma, preferindo representar os sofrimentos delas de forma espetacularizada, seja pela manifestação da loucura, da selvageria ou da possessão sobrenatural. Essa abordagem não apenas dessensibiliza o espectador ante ao trauma racial, mas reitera os estereótipos raciais que as teóricas feministas negras há décadas combatem.

Quanto ao terceiro objetivo específico, concluímos de *Them* apresenta mais limitações que avanços na contribuição para impulsionar outros modos de ser, de (con)viver e de saber sobre as mulheridades negras. A espetacularização gráfica da violência, analisada através do conceito de *pornô de tortura*, acaba por transformar a dor negra em commodity midiática, distanciando-se das epistemologias feministas negras que privilegiam a agência sobre a vitimização. Nesse sentido, a série de análise demonstra o dilema fundamental enfrentado pelas representações midiáticas contemporâneas: a dificuldade de denunciar a violência racial sem recair em sua fetichização.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

CHOULIARAKI, Lilie.; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997,

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London, Nova York: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. **Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language.** Second Edition. London/New York: Routledge, 2010.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** Trad. de Izabel Magalhães. Brasília: Editora UNB, 2016.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GRAMSCI, Antonio. **Selections from the prison notebooks.** London: Lawrence and Wishart, 1971.

HALL, Stuart. "The Spectacle of the 'Other'". In: Stuart Hall (Ed.) **Representations. Cultural Representations and Signifying Practices.** London: Sage and The Open University, 1997. p. 223-279.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação.** São Paulo: Elefante, 2019.
KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano.** Rio de Janeiro: Ed. Cobogó, 2019.

JONES, Steve. **Torture porn: popular horror after Saw.** Londres: Palgrave Macmillan, 2013.

LINCOLN, Yvonna S.; GUBA, Egon G. Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 169-192.

MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo. In: XAVIER, Ismail (Org.). **A. Experiência do cinema.** Rio de Janeiro: Edições Graal; Embrafilme, 1983. p. 435-454.

PRIOR, Lindsay. **Using documents in social research.** New Delhi: SAGE Publications, 2003.

SERRANO, G. P. **Investigación cualitativa: retos e interrogantes,** Madrid: La Muralla, 1998,

SANTOS, Beatriz Gerolim. A (auto)representação da mulher negra no cinema brasileiro contemporâneo. **O Mosaico**, 9(2), jul./dez. 2017, p. 150-164.

VIEIRA, Viviane; RESENDE, Viviane. **Análise de Discurso (para a) Crítica: o texto como material de pesquisa.** Campinas, SP: Pontes, 2016.

THEM. Little Marvin. **Estados Unidos:** Amazon Studios / Prime Video, 2021.

A PRODUÇÃO DISCURSIVA DA CRISE ECONÔMICA E DAS REFORMAS NEOLIBERAIS NA REVISTA FÓRUM E VEJA

Maria Laura Hermenegildo de Lima¹
Thalia Vitória da Silva²

¹Graduanda em Letras - Português pela Universidade Federal de Alagoas - Campus A.C. Simões. Bolsista do PET - Letras Ufal e voluntária do PIBIC em Análise do Discurso. ORCID:

<https://orcid.org/0009-0009-8693-5643>.

²Graduanda em Letras - Português pela Universidade Federal de Alagoas - Campus A.C. Simões. Bolsista do PET - Letras Ufal; voluntária no PIBIC em Análise do Discurso e no IsF - Português e integrante do Literatura & Utopia. ORCID:

<https://orcid.org/0009-0002-4661-6524>.

RESUMO: Essa pesquisa analisou os sentidos acerca da crise econômica em suas articulações com a ideologia neoliberal, no Brasil, com base em sequências discursivas veiculadas nas revistas eletrônicas Fórum e Veja. O recorte do discurso se deu a partir das temáticas sobre a reforma trabalhista, a reforma do ensino médio e a reforma da previdência, nos anos de 2017 e 2019. O trabalho apresentado tem como principais bases teóricas da Análise do discurso materialista as produções de Eni Orlandi e reflexões sobre crise econômica a partir de István Mészáros buscando analisar a generalidade, singularidade e sua repercussão no discurso. O corpus da pesquisa foi construído a partir de buscas nos sites das revistas relacionadas ao propósito apresentado, em discursos como: reforma trabalhista, reforma do ensino médio e reforma da previdência. Com base nas buscas, foi realizada a coleta de sequências discursivas (SDs), para melhor compreender as veiculações de sentido utilizadas para significar as reformas em meio a crise econômica no Brasil. Como resultados da pesquisa, acentuamos que, apesar do caráter político à esquerda da Revista Fórum e das críticas apresentadas em suas matérias, sua posição não é revolucionária e tende à manutenção do modelo democrático que funciona como um aparato do Estado à reprodução das necessidades do sistema capitalista. Já em relação a Revista Veja, se mostrou favorável às políticas neoliberais, através de discursos que dialogam com o mercado empresarial e privado.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Crise econômica. Reformas no Brasil. Revista Fórum. Revista Veja.

THE DISCURSIVE PRODUCTION OF THE ECONOMIC CRISIS AND NEOLIBERAL REFORMS IN FÓRUM MAGAZINE AND VEJA

Abstract: This study analyzed the meanings surrounding the economic crisis in its connections with neoliberal ideology in Brazil, based on discursive sequences published in the online magazines Fórum and Veja. The selection of discourse was based on themes related to labor reform, secondary education reform, and pension reform, during the years 2017 and 2019. The work is primarily grounded in the theoretical framework of materialist Discourse Analysis, especially the contributions of Eni Orlandi, as well as reflections on the economic crisis by István Mészáros, seeking to analyze generality, singularity, and their repercussions in discourse. The research corpus was constructed from searches conducted on the websites of the magazines, in accordance with the proposed objective, focusing on discourses such as labor reform, secondary education reform, and pension reform. Based on these searches, discursive sequences (DSs) were collected in order to better understand the meanings conveyed in representing these reforms amid the economic crisis in Brazil. The results indicate that, despite the left-wing political orientation of Fórum magazine and the criticisms presented in its articles, its stance is not revolutionary and tends toward maintaining the democratic model, which functions as a state apparatus for reproducing the needs of the capitalist system. In contrast, Veja magazine was shown to be favorable to neoliberal policies, through discourses aligned with the business and private market sectors.

Keywords: Discourse Analysis; Economic Crisis; Reforms in Brazil; Fórum Magazine; Veja Magazine.

1. INTRODUÇÃO

Partindo da perspectiva da Análise do Discurso (AD), a não-neutralidade na textualidade devido a historicidade presente nas posições-sujeito inseridas na sociedade capitalista perpassa “com os diferentes processos de significação que acontecem em um texto” (Orlandi, 2005). Objetivamos analisar como sentidos repercutidos nas revistas Fórum e Veja constroem diferentes posições-sujeito ao abordar as reformas trabalhista (2017), do ensino médio (2017) e da previdência (2019) e, assim, captar “a relação do dito com o não dito, mas que se poderia dizer naquelas condições” (Orlandi, 2023) no recorte temporal de reformas justificadas por momentos de crise econômica, mesmo que essas intervenções fracassem em seus objetivos aparentes (Mészáros, 2009).

Ao pensar nas sequências discursivas selecionadas, não se pode distanciar-se do que pode significar em uma determinada conjuntura histórica. Assim, o recorte temporal é fruto de dois momentos de tensão no cenário político brasileiro: I. Posse presidencial de Michel Temer pós-Impeachment/golpe de Dilma Rousseff; II. Posse presidencial de Bolsonaro após uma campanha repleta de discursos opressores, mas que prometiam “salvar o Brasil”. Diante disso, analisamos sequências discursivas, percorrendo os efeitos de sentido possibilitados pelas políticas neoliberais que cerceiam as reformas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A partir das contribuições de Eni Orlandi, analisamos que o papel da linguagem na constituição de discursos sobre a crise evidencia que, ao percorrer a sua opacidade, ela é atravessada por interesses de classe, ideologias dominantes e disputas de poder, sendo necessário, sobretudo, enfatizar a constante movimentação dos sujeitos e dos sentidos, de acordo com Orlandi (2005) “Todo enunciado está intrinsecamente exposto ao equívoco da língua, sendo portanto suscetível tornar-se outro”. Ainda, observa-se que esses enunciados trazem em seu cerne ditos que já são repercutidos em seus sentidos, pois “Para que nossas palavras tenham sentido, é preciso que já tenham sentido” (Orlandi, 2005, p. 9).

Dialogando com a AD, István Mészáros mostra que o capitalismo neoliberal intensifica a exploração e a precarização do trabalho, impondo regras autoritárias e desigualdades estruturais, mesmo em sociedades avançadas. Dessa forma, o que era para ter como objeto o indivíduo foi direcionado para o capital, desfavorecendo as

relações humanas e evidenciando lacunas sociais.

No decurso do desenvolvimento humano, a função do controle social foi alienada do corpo social e transferida para o capital, que adquiriu assim o poder de aglutinar os indivíduos num padrão hierárquico estrutural e funcional, segundo o critério de maior ou menor participação no controle da produção e da distribuição (Mészáros, 2009, p. 68).

Além disso, o autor esclarece que esses princípios neoliberais acarretam, através de uma perspectiva ideológica supostamente justificada, a exploração e repressão de classes em detrimento do capital (Mészáros, 2009). O que nos traz novamente para a Orlandi (2015), quando aponta que “O efeito ideológico elementar é a constituição do sujeito. Pela interpelação ideológica do indivíduo em sujeito inaugura-se a discursividade” (Orlandi, 2015, p. 48). Ou seja, o ideal do neoliberalismo é envolvido pelo contexto de produção em que está inserido, assim como também, anuncia a posição-sujeito dos enunciadores dos discursos.

Consequentemente, quem deveria ter participação ativa dentro das políticas neoliberais acaba sendo prejudicado e desassociado do papel de protagonismo, e retoma as disputas de sentidos pelas quais as relações de poder estão envolvidas. “No entanto, a verdade é que o poder de tomada de decisões fundamentais nunca deveria estar divorciado das massas populares” (Mészáros, 2009, p. 129).

Marx nos traz postulados referentes às decisões de maneira coletiva, onde esse sujeito na história tem um efeito discursivo que mascara as determinações de classe e as contradições estruturais do capital. “Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas [...]” (Marx, 2011, p. 25). Ou seja, a posição-sujeito de um chefe de Estado permeia aliados e necessidades para a manutenção da República em sua configuração vigente para a perpetuação no modelo capitalista que é inerente à desigualdade social.

Para além dessas questões, a mídia também é responsável pela disseminação discursiva que aponta disputa de sentidos que favorecem as políticas neoliberais capitalistas, que podem induzir ou não seu público ao erro, desvelando intenções que costumam ser mascaradas pela imagem de “neutralidade”. Chauí (2006), vai comentar justamente que “Os fatos cederam lugar a declarações de ‘personalidades autorizadas’, que não transmitem informações, mas preferências, as quais se convertem imediatamente em propaganda” (Chauí, 2006, p. 8).

De modo que, ao utilizar determinadas figuras de autoridade ou mascarar relações de poder, o que poderia ser apenas “opiniões” passam a ser consideradas verdades absolutas e receberem validação do público que não vai questionar. A mídia como veículo de propagação discursiva, também é citada por Sobrinho e Rego (2026), quando afirmam que “Além do Estado, é preciso ressaltar que os veículos midiáticos hegemônicos também desempenham papel central na legitimação das práticas repressivas, ao modelar discursos em consonância com os interesses da classe dominante” (Sobrinho; Rego, 2026, p. 552).

Portanto, pode-se observar que as políticas neoliberais e a crise econômica estão correlacionadas às divisões sociais, às posições-sujeito e às formações ideológicas, revelando disputas de sentido que se constituem em diálogo com as relações sociais hierarquizadas. O capital, nesse sentido, acaba atuando como instância que envolve os processos discursivos, e não surge apenas como representação econômica de uma crise inacabável. Na verdade, ele naturaliza desigualdades e legitima hierarquias sociais presentes em nossa sociedade, muitas vezes, anulando o papel democrático das massas.

3. METODOLOGIA

Neste artigo apresentamos os resultados da pesquisa intitulada “O discurso sobre a crise econômica e as políticas neoliberais no Brasil”, nos planos de trabalho “Os processos discursivos sobre crise econômica e políticas neoliberais na revista Fórum” e “O funcionamento do discurso sobre crise econômica e políticas neoliberais na revista Veja”. Para a construção do corpus da pesquisa, recortamos manchetes jornalísticas publicadas pela Revista Fórum e Veja. A seleção foi realizada entre os anos de 2017 e 2019, por meio da busca nos sites com as palavras-chaves: “reforma trabalhista”, “reforma do ensino médio” e “reforma da previdência”. Recortamos sequências discursivas (SDs), categorizando os principais temas encontrados nos períodos. Para que possamos melhor explorar os aspectos encontrados, vamos analisar somente uma parte dessas.

Os procedimentos operacionais para esta pesquisa foram: I) estudo bibliográfico sobre a Análise do Discurso. II) estudo sobre a crise estrutural do capital, problemas sociais e políticos como formas de controle social do Estado para a manutenção da burguesia, e sobre a mídia jornalística. III) pesquisa e categorização a partir das palavras-chaves selecionadas no site das revistas sobre as reformas. IV) análise das SDs

selecionadas para compreender o funcionamento dos discursos encontrados. V) análise das materialidades, escrita dos relatórios e apresentações dos resultados da pesquisa.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO

4.1 Revista Fórum

A revista, segundo o “O Intervenientes – Coletivo Brasil de Comunicação Social”, foi fundada pensando no espaço do Fórum Social Mundial, realizado pela primeira vez em Porto Alegre, no início dos anos 2000. Em sua base, buscaram criar um espaço de comunicação alternativa, dialogando diretamente com os movimentos sociais em contraponto às narrativas das grandes mídias na época ligadas à uma perspectiva liberal e conservadora. A proposta da revista foi de um caráter político em contraponto às políticas neoliberais, com perspectivas de esquerda e centro-esquerda no Brasil.

Em sua trajetória, a Fórum passou a ocupar uma posição de sujeito político na comunicação social, relatando os acontecimentos, interpretando-os a partir de uma perspectiva crítica ao neoliberalismo e se tornando uma voz dentro do setor progressista desde o seu lançamento, em abril de 2001, espaços políticos de maneira aliada aos movimentos sociais. Sendo assim, os significados da origem e propósitos da Revista partem de uma base à esquerda na construção de uma mídia contra-hegemônica, se legitimando como um veículo que articula e fortalece o pensamento crítico e as lutas sociais no Brasil.

Recortamos as seguintes SDs nos títulos das publicações:

SD1 – “Temer diz que não abre mão da idade mínima de 65 anos na reforma da previdência” - 17/01/2017.

SD2 – “Temer decide sancionar terceirização irrestrita: Projeto aprovado pela Câmara dos Deputados na semana passada será sancionado por Michel Temer, sem salvaguardas para os trabalhadores” - 27/03/2017.

SD 3 – “Candidatura Lula é a maior arma para derrotar o golpe” - 15/07/2017.

A SD1 e a SD2 trazem um sujeito que protagoniza os discursos, “Temer” em detrimento de seguridades para os trabalhadores. Os agentes envolvidos posicionaram o discurso de maneira a centralizar as decisões do então Presidente da República. Como observamos anteriormente, Marx nos traz que esse sujeito na história é um efeito discursivo que mascara as determinações de classe e as contradições estruturais do capital em *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*.

Na SD3 vamos no voltar ao ponto que a matéria significa uma posição da palavra “golpe”. Assim, podemos afirmar que, por mais que a revista possua o papel de projetar articulações contrárias ao neoliberalismo, seus dizeres não são revolucionários, pois visam a manutenção do modelo vigente. Segundo Silva Sobrinho e Araújo (2023), “A tendência do modo de produção capitalista, mesmo em crise estrutural, é a de manter sua reprodução” e, incluindo a perspectiva de Mészáros (2009), entendemos que “a cada vez mais densa selva legislativa do Estado capitalista passa a ser o legitimador “democrático” da fraudulência institucionalizada nas nossas sociedades” .

No ano de 2019, vamos analisar uma SD:

SD4 – “Com a Previdência nos holofotes, outras pautas tramitam “em silêncio” no Congresso” – 11/07/2019.

A expressão “em silêncio” na SD, assim como a previdência como pauta principal, “nos holofotes” podem significar a ausência de visibilidade pública nas medidas pautadas no Congresso em paralelo às tramitações da previdência, com ocultação de outras tramitações e produzindo visibilidade e invisibilidade, conforme discute Orlandi (1996), quando aborda os processos de significação pelas formas de discurso e pelo que é dito e não dito. Esse “silêncio” não é neutro, pois parte da ideologia que organiza o debate público. A escolha da Fórum em destacar esse aspecto mostra o funcionamento de uma memória discursiva que articula as crises anteriores.

Além disso, o foco da revista quanto às questões trabalhistas pode refletir a relação direta de exploração no sistema em que vivemos, o trabalho “sem salvaguardas para os trabalhadores”, assim como afirmam Silva Sobrinho e Araújo (2023): diante da “crise”, a ideologia dominante (das classes dominantes) tenta “resolver a crise” e garantir a manutenção da lógica do capital, aumentando os lucros e explorando ainda mais a classe trabalhadora, como afirma Mészáros, “[...] prática políticas cada vez mais exploradoras e repressivas, ditadas pela grosseira rotação autoritária do capital e por sua cínica justificação ideológica” (Mészáros, 2009, p. 137).

Assim, os discursos da Fórum reforçam uma linha de continuidade com os de 2017, a denúncia das perdas sociais. As notícias criticam as reformas como excludentes e injustas, no entanto, não vão à raiz das questões, pois não identificam debates acerca das crises em si, ou de sua forma cíclica no sistema capitalista. Em consonância, as reflexões que o Mészáros faz são revolucionárias: “Eis porque Marx é mais relevante hoje do que alguma vez já o foi. Pois apenas uma mudança sistêmica radical pode

proporcionar a esperança historicamente sustentável e a solução para o futuro” (Marx, 2011, p. 35).

4.2 Revista Veja

A Revista Veja possui, em seus quase 60 anos, um alinhamento voltado para posições conservadoras e liberais, contribuindo para a construção de sentidos que naturalizam o pensamento neoliberal, à medida que esvazia conflitos sociais, históricos e políticos que marcam as reformas. Segundo Mészáros, (2009, p. 86), “De fato, as classes trabalhadoras de algumas das mais desenvolvidas sociedades ‘pós-industriais’ estão experimentando uma amostra da real perniciosidade do capital ‘liberal’”. Assim, algumas classes se tornam reféns de discursos provenientes do capital.

A análise das SDs referentes à Reforma Trabalhista de 2017 indica que as notícias da revista Veja constroem um alvo formado pelo setor privado-empresarial, embora tentem mascarar esse fato através da “neutralização” da linguagem. Essa construção de sentidos se dá pela escolha lexical que diminui, inferioriza e até neutraliza a outra parcela do público ao qual as notícias aparentam ser destinadas, mas que na verdade não é. Como nos exemplos abaixo:

SD5 – “Tire suas dúvidas sobre 10 pontos da reforma trabalhista” - 12/02/2017.

SD6 – “As centrais sindicais e parlamentares da oposição ainda negociam correções que serão feitas, através de uma nova lei, antes de que a reforma entre em vigor” - 12/02/2017.

Na SD5, a formulação de “Tire suas dúvidas sobre 10 pontos da reforma trabalhista” não é posta por acaso; mostra-se similar a um manual de instruções. A ênfase em “10 pontos” reforça um ideal atrelado às necessidades de empresários e não do trabalhador, devido a um vocabulário comumente utilizado no setor empresarial. Chauí aponta que é um procedimento midiático de desinformação: “Esse procedimento é empregado pelas burocracias (empresariais e estatais) por meio do discurso especializado da técnica e da pseudociência, que “provê” os funcionários com informação e o público com desinformação” (Chauí, 2006, p. 9). Apesar da tentativa de neutralizar o discurso a partir de uma linguagem mais objetiva, a manchete foi intencionada a não especificar seu público-alvo diretamente, de modo que aparentasse abranger outros públicos.

Na SD6, a utilização da forma verbal “negociam”, idealiza a reforma como uma negociação/negócio e não um benefício, que minimiza a perspectiva dos trabalhadores, e

privilegia o empregador. Além disso, o marcador ideológico aparece no uso do “ainda”, que implica numa possível demora ou entrave dos sindicatos e do parlamento para que a reforma aconteça.

No contexto da Reforma do Ensino Médio (2017), apesar de ser um tema educacional, as SDs também se relacionam com o setor empresarial.

SD7 – “Segundo Amâncio, mais da metade dos estados ainda têm a carga horária mínima. Já nas escolas particulares, segundo Amáble, a maioria já está adequada à nova regra” - 12/02/2017.

Na SD7, ao comparar, de forma implícita, escolas públicas e privadas, o enunciado ressalta que o setor privado já está “adequado à nova regra”, construindo a imagem de eficiência e de progresso para a rede privada. Essa comparação valoriza o desempenho do setor privado e reforça a narrativa de atraso do setor público, enfatizada pelo uso do advérbio “ainda”.

No contexto de 2019 da Reforma da Previdência, observa-se que o foco ainda se mantém no público empresarial, como na SD adiante:

SD8 – “Projeto de reforma exige 20 anos de contribuição para aposentadoria” - 20/02/2019

Na SD8, o enunciado apresenta um requisito para o benefício “exige 20 anos de contribuição” e marca as mudanças da reforma sob o olhar do empregador como o beneficiado por essa exigência que recai sobre o trabalhador, que precisará trabalhar por mais tempo. O uso do verbo “exigir”, inclusive, indica que o trabalhador não possui a escolha de trabalhar por esse tempo, mas sim a obrigação de cumprir os anos exigidos. O uso do léxico não é à toa nesses enunciados, pois “A linguagem não é transparente, os sentidos não são conteúdos. É no corpo a corpo com a linguagem que o sujeito (se) diz” (Orlandi, 2015, p. 51).

Durante a pesquisa sobre a revista, como observado na primeira capa publicada em 1968, com a frase “O grande duelo no mundo comunista” que remetia a crise econômica na União Soviética após sua invasão na antiga Checoslováquia, sendo assim, como analisado por Franciscon (2013), é possível argumentar que a Veja possua um perfil anticomunista. A fundação da Veja, inclusive, ocorreu durante o regime da ditadura militar no Brasil. Além disso, foram analisadas a seção das notícias publicadas e imagens que encaminharam a análise para a conclusão de que o sujeito a quem as notícias foram direcionadas é o empregador/empresário e gestores.

4.3 Análise entre as revistas

As revistas Fórum e Veja realizam direcionamentos para públicos distintos e possuíam propósitos divergentes em sua fundação, ambos os veículos midiáticos se encontram em lados opostos. Enquanto a Fórum se propõe a promover uma mídia contra-hegemônica em seus discursos repercutidos, sem chegar a ser revolucionária por não ultrapassar os limites impostos pelo próprio sistema vigente, a Veja consegue repercutir em seus discursos o caráter reacionário da revista, almejando a quebra de mudanças sociais realizadas pelo bem do empresariado, enquanto tenta mascarar seus discursos.

Nesses opostos observamos até onde operam os limites da democracia em espaços de oposição, onde através dos discursos analisados, ambas se situam em ideologias opostas, se utilizando de estratégias discursivas que reforçam ideias políticas divergentes, direcionando seu público-alvo. Elas não apenas informam, como também são produtoras de sentidos que disputam em meio ao sistema vigente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Revista Fórum os dizeres criticam o neoliberalismo, mas reitera sua condição em um discurso que não rompe de maneira revolucionária os limites da democracia. Entendemos que seu papel de denúncia é essencial na preservação dos direitos conquistados pela classe trabalhadora, mas reiteramos que esse modelo corrobora com a reprodução dos ideais e das necessidades capitalistas, inerentes à sua natureza ligada à reprodução de crises cíclicas. Portanto, suas ações, em momentos de “crise”, não levam à uma sociedade que volte o seu olhar para as demandas dos trabalhadores que nela estão inseridos, pois a manutenção do sistema vigente é posta em primeiro plano.

Quanto à revista Veja, os discursos apresentados beneficiam a economia capitalista de uma crise estrutural econômica com raízes históricas e irreparáveis, como apontado por Mészáros (2009), em detrimento da classe trabalhadora. Assim, nota-se que a Veja é favorável às políticas neoliberais, por consequência de publicações destinadas à economia empresarial, que revela como o setor privado pode se beneficiar em cima das reformas. Apesar de tentar manter um caráter de neutralidade, reforça uma perspectiva mercadológica de trabalho, de desigualdade e de exploração.

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder**: uma análise da mídia. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006. p. 5-57.

DAVIS, Angela; KLEIN, Naomi. **Construindo movimentos**: uma conversa em tempos de pandemia. São Paulo: Boitempo, 2020.

FRANCISCON, Moises Wagner. **A revista Veja e o bloco soviético**: do império do mal ao fracasso do comunismo: 1985-1991. Curitiba: Editora CRV, 2013. Disponível em: <https://llibrary.org/document/q0ep8dxy-revista-veja-bloco-sovietico-imperio-mal-fracasso-comunismo.html>

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. [s.l.] Boitempo Editorial, 2008.

MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 5ª Edição. São Paulo: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12ª Edição. São Paulo: Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas: Ed. da Unicamp, 2023.

ORLANDI, Eni. **Discurso em Análise**: Sujeito, Sentido, Ideologia. 3ª Edição. Campinas: Pontes Editores, 2017.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, Michel. (1975). **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi et al. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

REGO, Martin Ramalho de Freitas Leão; SOBRINHO, Helson Flávio da Silva. **O Furto Famélico Sob Um Olhar Materialista: Ideologia em Funcionamento e Sentido em**

Disputa. In: MASSMANN, Débora (org.). **Sujeito, história e ideologia: II Jornada de Estudos do Discurso: textos completos**. Maceió: Batuque Empreendimentos Artísticos, 2026. p. 547–561.

SILVA SOBRINHO, Helson. Crise econômica e capitalismo sob o olhar da Teoria Materialista do Discurso In: GUIMARÃES, Gleny; LEANDRO-FERREIRA, M^a Cristina; DE PAULA, Marlúbia (orgs). **Teorias da Análise do Discurso: contribuições de Michel Pêcheux e Teun van Dijk à pesquisa social**. São Paulo: Alexa Cultural/Manaus: Edua, 2022.

SILVA SOBRINHO, Helson; MAGALHAES, Belmira. **Práticas sociais, discurso e arquivo: a mídia e os gestos de leitura subjacentes**. Conexão Letras, v. 9, p. 123-134, 2014.

SILVA SOBRINHO, Helson. **O Analista de Discurso e a práxis sócio-histórica: um gesto de interpretação materialista e dialético**. Conexão Letras, v. 9, p. 37-50, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55120>. Acesso em: 19 jun. 2025.

OS ECOS DE MEMÓRIA NO POEMA LEGADO DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar o poema “Legado”, de Carlos Drummond de Andrade, o qual encontra-se no livro *Claro Enigma* (1951), obra que dá início a uma nova fase da poética drummondiana, sobretudo por repensar seus rumos literários. Tal texto é analisado, nesta produção, a partir de um percurso crítico-literário que visa um olhar sob a memória, trilhando caminhos junto aos contributos de Walter Benjamin (1987). Além disso, há, também, a reflexão acerca do uso dos recursos da linguagem, caminhando pelos elementos melopaicos e formais constituintes de sentidos que deságuam na temática em questão. Nesse sentido, “Legado” configura-se como um texto literário dialógico e múltiplo, pensando na multiplicidade enquanto proposta de Italo Calvino (1990), por evocar referências outras, tanto intra-autorais quanto extra-autorais, assim, fazendo ressoar diferentes vozes em um mesmo poema. Desse modo, percorrendo o modernismo brasileiro, os contributos de Drummond durante o movimento estético e a permanência dos escritos do poeta como grande referencial para seus contemporâneos, este ensaio encontra alicerce nas voltas ao passado realizadas pelo autor. Entre os ecos de memória, o estudo destaca que a rememoração e a experimentação são essenciais para a construção do poema e do autor enquanto grande nome da literatura brasileira.

Palavras-chave: Legado. Memória. *Claro Enigma*. Carlos Drummond de Andrade.

Sophia Maciel da Silva Barros¹

¹Mestranda em Estudos Literários no Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-0574-7748>

THE ECHOES OF MEMORY IN THE POEM LEGACY OF CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Abstract: The present work aims to analyze the poem “Legado”, by Carlos Drummond de Andrade, which is found in the book *Claro Enigma* (1951), a work that begins a new phase of Drummond's poetics, especially by rethinking its literary directions. This text is analyzed, in this production, from a critical-literary path that aims to look at memory, following paths alongside the contributions of Walter Benjamin (1987). In addition, there is also reflection on the use of language resources, walking through the melopaic and formal elements that constitute meanings that lead to the theme in question. In this sense, “Legado” is configured as a dialogical and multiple literary text, thinking about multiplicity as a proposal by Italo Calvino (1990), by evoking other references, both intra-authorial and extra-authorial, thus making different voices resonate in the same poem. Thus, exploring Brazilian modernism, Drummond's contributions during the aesthetic movement and the permanence of the poet's writings as a great reference for his contemporaries, this essay finds its foundation in the author's return to the past. Among the echoes of memory, the study highlights that remembrance and experimentation are essential for the construction of the poem and the author as a great name in Brazilian literature.

Keywords: Legacy. Memory. *Claro Enigma*. Carlos Drummond de Andrade.

1. INTRODUÇÃO

O século XX foi marcado por intensa produção artística e literária, tendo o modernismo brasileiro como um de seus principais marcos estéticos. As décadas de 1930 e 1940 consolidaram autores e obras que passaram a ocupar lugar central na literatura brasileira, influenciando significativamente a produção literária contemporânea. Entre esses autores, destaca-se Carlos Drummond de Andrade, cuja obra permanece como referência para os estudos literários e para a poesia brasileira moderna. Assim, a produção drummondiana caracteriza-se pela diversidade formal e temática, articulando experimentação estética, reflexão existencial e construção metapoética, elementos que atravessam diferentes momentos de sua trajetória literária.

O poeta, cronista e contista possui uma obra vasta e com temáticas diversas, além de também desenvolver muita poesia experimental, indo dos versos livres aos versos de métrica regular, além disso, há a observação de cada tema a partir de uma perspectiva distinta. Embora a obra de Carlos Drummond de Andrade apresente significativa diversidade temática e formal, é possível perceber a recorrência de uma reflexão acerca da relação entre poesia, sujeito e mundo. Tal aspecto evidencia-se na constante problematização do lugar da experiência poética diante da realidade moderna, movimento que atravessa diferentes momentos da produção drummondiana.

Nesse sentido, José Miguel Wisnik, no ensaio *Drummond e o mundo*, afirma que “a poesia de Drummond é a poesia de um tempo em que pensar o mundo é pensar expressamente, e cada vez mais, o (não) lugar da poesia no mundo”. A afirmação do crítico evidencia o caráter reflexivo da poesia drummondiana, marcada pela constante tensão entre sujeito, mundo e linguagem. Em *Claro Enigma* (1951), essa perspectiva torna-se ainda mais evidente, sobretudo pela presença de poemas marcados pela reflexão acerca do tempo, da memória e da permanência da poesia. Em “Legado”, por exemplo, o sujeito lírico questiona aquilo que permanecerá após sua passagem pelo mundo, transformando a experiência individual em matéria poética e fazendo da memória um elemento central para a construção do poema.

Ao refletir sobre a relação entre o mundo e a poesia na obra de Carlos Drummond de Andrade, é possível perceber como a escrita drummondiana é atravessada por experiências históricas, existenciais e cotidianas, aquilo que José Miguel Wisnik denomina “feixes mundanos”, isto é, elementos da realidade que atravessam a poesia e fazem com que o sujeito poético estabeleça constante diálogo com o tempo, a

experiência e o mundo à sua volta. Em *Claro Enigma*, o poeta reorganiza caminhos anteriormente percorridos e constrói uma poesia mais reflexiva, marcada pela retomada da memória, pela revisão de sua própria trajetória poética e pela problematização da permanência da experiência e da palavra literária.

Nesse contexto, destaca-se o poema “Legado”, cuja construção poética articula memória e reflexão metapoética ao revisitar o passado e questionar aquilo que permanece após a passagem do sujeito pelo mundo. Assim, tendo como eixo norteador a memória — entendida, a partir das reflexões de Walter Benjamin, como movimento de rememoração e reelaboração da experiência — e a revisão da própria trajetória poética, este estudo propõe uma análise crítico-literária do poema, observando como seus recursos formais, sonoros e imagéticos contribuem para a construção de sentidos ligados ao tempo, à experiência e ao legado poético.

2. NO MEIO DO CAMINHO TINHA UM POEMA

Como já mencionado, “Legado” é um poema que integra o livro *Claro Enigma*, publicado em 1951, momento em que Carlos Drummond de Andrade reformula seu percurso poético, afastando-se de uma poesia mais diretamente vinculada às questões políticas e sociais presentes em obras anteriores. Em livros como *Alguma Poesia* (1930), escritos em um contexto marcado pelas tensões da modernização brasileira, pela crise do entreguerras e pelas transformações políticas e ideológicas das décadas de 1930 e 1940, o poeta frequentemente refletia sobre desigualdades sociais, inquietações coletivas e a condição do sujeito diante do mundo moderno. O poema apresenta um movimento metapoético voltado à reflexão sobre o próprio legado literário, sobretudo por tematizar o próprio fazer poético e o legado literário do autor e por manejar formas mais clássicas, como sua estrutura em soneto e seu rigor gramatical mais afino, com um toque de ironia e revisão, o que se destaca mais ainda no texto e mostra a engenhosidade do poeta. Como analisa-se no poema a seguir:

Que lembrança darei ao país que me deu
tudo que lembro e sei, tudo quanto senti?
Na noite do sem-fim, breve o tempo esqueceu
minha incerta medalha, e a meu nome se ri.

E mereço esperar mais do que os outros, eu?
Tu não me enganas, mundo, e não te engano a ti.

Esses monstros atuais, não os cativa Orfeu,
a vagar, taciturno, entre o talvez e o se.

Não deixarei de mim nenhum canto radioso,
uma voz matinal palpitando na bruma
e que arranque de alguém seu mais secreto espinho.

De tudo quanto foi meu passo caprichoso
na vida, restará, pois o resto se esfuma,
uma pedra que havia em meio do caminho.
(Andrade, 1951)

O poema é um soneto, ou seja, possui dois quartetos e dois tercetos, totalizando catorze versos. Tal estrutura literária foi criada pelo italiano Petrarca, logo, rememora-se ser uma forma clássica. Além disso, os versos são todos alexandrinos, compostos por doze sílabas poéticas, como vê-se na escansão realizada com o primeiro verso da última estrofe: “De/ tu/ do/ quan/ to/ foi/ meu/ pa/sso/ ca/ pri/cho”, finalizando na última sílaba tônica. O uso de tais recursos demonstram, também, o sentimento de memória resgatado no poema e na poética de Drummond como um todo, pois é uma temática recorrente em seus escritos.

Diante disso, pode-se pensar, também, que Drummond tenha utilizado de tais formas mais clássicas além de uma maneira de rememoração, mas também crítica, uma vez que a escolha do soneto alexandrino, forma tradicionalmente associada à ordem e à regularidade, convive, no poema, com uma temática marcado pela dúvida e pela opacidade, instaurando uma tensão que já evidencia uma lógica de multiplicidade: tradição formal e crise moderna coexistem sem se anularem.

Quanto aos recursos melopáicos presentes no poema, é possível perceber o esquema de rimas em ABAB, alternadas entre os quatro versos dos quartetos e entre os seis versos que constituem os dois tercetos. Nesse sentido, analisa-se que as rimas são realizadas entre palavras de mesmas classes gramaticais, como na primeira estrofe: “Que lembrança darei ao país que me **deu**/ tudo que lembro e sei, tudo quanto **senti**?/ Na noite do sem-fim, breve o tempo **esqueceu**/ minha incerta medalha, e a meu nome se **ri**.”, em que os verbos finais dos versos rimam, “deu” e “esqueceu”, “senti” e “ri”. Entretanto, há apenas um caso de rima rica, uma combinação rímica entre vocábulos de classes gramaticais diferentes, isto acontece com os segundos versos dos tercetos, em que “bruma” está no esquema rímico com “esfuma”, neste caso, um substantivo e um verbo, respectivamente.

Além disso, ainda é possível notar repetições que constroem, a partir dos recursos sonoros e semânticos, sentidos para o poema, como na repetição da palavra “tudo”, na primeira estrofe, o morfema “lemb” que abarca as palavras “lembança” e “lembro”. Ainda vale ressaltar que, sendo um poema na primeira pessoa, há a constante presença do “eu”, dos pronomes possessivos e de verbos conjugados na primeira pessoa do singular. Essa recorrente retomada e lembrança de que o poema fala da relação “eu” e mundo é de extrema importância para a imersão na poética de Carlos Drummond de Andrade, tal conflito é estruturante e circula suas obras das mais distintas formas, nesse caso, entre o poeta, sua obra e o mundo, ou ainda, a maneira como o mundo, seja a crítica literária ou os leitores como um todo, a recebe.

3. NO CAMINHO DA MEMÓRIA FEZ-SE O POEMA

Sabe-se que a memória constitui uma temática recorrente na obra de Carlos Drummond de Andrade, aspecto perceptível no poema “Memória”, no qual o eu lírico reflete sobre a permanência afetiva daquilo que foi perdido. Já nos versos iniciais — “Amar o perdido/ deixa confundido/ este coração” —, evidencia-se um sujeito marcado pela tensão entre ausência e permanência, revelando a tentativa de preservar, por meio da lembrança, aquilo que já não pode ser recuperado materialmente. Tal conflito intensifica-se quando o poema afirma que “Nada pode o olvido” contra o “apelo do Não”, sugerindo que a memória resiste ao apagamento mesmo diante da impossibilidade de retorno ao passado.

Essa perspectiva aproxima-se da reflexão desenvolvida em “Legado”, poema em que Drummond desloca o eixo da memória afetiva para uma memória vinculada à permanência — ou ao possível apagamento — de sua própria trajetória literária. Em ambos os poemas, percebe-se a inquietação diante daquilo que permanece após a passagem do tempo: em “Memória”, sobrevivem as experiências afetivas ressignificadas pela lembrança; em “Legado”, questiona-se aquilo que poderá sobreviver do próprio fazer poético. Assim, quando o poema afirma que “as coisas findas,/ muito mais que lindas,/ essas ficarão”, antecipa-se uma reflexão central também em “Legado”: a tentativa de compreender quais vestígios resistem ao esquecimento e permanecem inscritos na memória.”

Tal pulso de memória é discutido teoricamente por Walter Benjamin em *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* (1987). Ao refletir sobre a figura do

narrador tradicional, Benjamin argumenta que a experiência compartilhada constitui um elemento essencial para a construção da narrativa, uma vez que narrar implica transmitir vivências capazes de permanecer na memória coletiva. Nesse sentido, o autor distingue a experiência profunda (*Erfahrung*) da informação imediata e efêmera característica da modernidade, defendendo que o excesso informacional e o ritmo acelerado da vida moderna enfraquecem a capacidade humana de elaborar experiências significativas e de transformá-las em memória narrável.

Embora Walter Benjamin desenvolva sua reflexão a partir da narrativa, suas considerações acerca da memória e da experiência também permitem pensar a linguagem poética presente em “Legado”, de Carlos Drummond de Andrade. Assim, ainda que “Legado” não se configure como uma narração propriamente dita devido ao seu gênero, o poema articula uma reflexão semelhante ao questionar aquilo que permanecerá após a passagem do tempo, sobretudo no que diz respeito à própria trajetória literária do poeta. Dessa forma, a memória, em “Legado”, não aparece apenas como recordação individual, mas como tentativa de permanência por meio da escrita, transformando a poesia em espaço de elaboração da experiência e de resistência ao apagamento. Isto é, a inquietação do sujeito poético diante daquilo que poderá sobreviver de sua obra aproxima-se da reflexão benjaminiana no que tange à necessidade de preservar experiências e rastros humanos diante da transitoriedade do tempo.

Nesse sentido, pensar a memória enquanto elemento constituinte de “Legado” revela-se fundamental, aspecto já sugerido pelo próprio título do poema, que remete à ideia de herança e permanência. Retomando Walter Benjamin, a experiência configura-se como elemento central para a elaboração da linguagem e para a transmissão humana. Em *Claro Enigma*, publicado em 1951, Carlos Drummond de Andrade escreve a partir de uma trajetória literária já amadurecida, atravessada pelas inquietações políticas e sociais presentes em sua produção anterior, pelas tensões históricas das décadas de 1930 e 1940, pelo impacto da Segunda Guerra Mundial e pelo sentimento de desencanto diante da modernidade e das promessas coletivas.

Além disso, o poeta já havia consolidado uma vasta produção poética, o que favorece, em “Legado”, um movimento de revisão crítica de sua própria obra e de questionamento acerca daquilo que permanecerá após sua passagem. Assim, a experiência histórica, existencial e literária acumulada por Drummond atravessa o poema e transforma a escrita em uma reflexão sobre memória, permanência e

apagamento. Sob esse viés, Benjamin cita Valéry, presente na epígrafe do livro do escritor modernista, com “Os acontecimentos causam-me tédio”, ao falar da abreviação, da efemeridade e da rapidez exigida e construída no mundo moderno ao passo que a indústria tem interferência direta e decisiva.

Ainda nos passos da memória, é possível perceber como a temática se torna tão frequente na literatura, sobretudo na poesia. Por vezes, pode-se pensar que a memória só se relaciona com o passado, mas, na verdade, ela é inteiramente presente e futura por reverberar nesses outros dois momentos, bem como nos traz T.S. Eliot no primeiro quarteto dos *Quatro Quartetos* (*Burnt Norton*):

I

O tempo presente e o tempo passado
Estão ambos talvez presentes no tempo futuro
E o tempo futuro contido no tempo passado.
Se todo tempo é eternamente presente
 Todo tempo é irredimível.
O que poderia ter sido é uma abstração
Que permanece, perpétua possibilidade,
 Num mundo apenas de especulação.
O que poderia ter sido e o que foi
Convergem para um só fim, que é sempre presente.
 Ecoam passos na memória
Ao longo das galerias que não percorremos
 Em direção à porta que jamais abrimos
Para o roseiral. Assim ecoam minhas palavras
 Em tua lembrança.
 (Eliot, 2004)

Sendo assim, verifica-se que o poema acima se apresenta quase como um aporte teórico para “Legado”, uma vez que aponta o presente como o único fim, o que é, possivelmente, versado em “Legado”, pois se pensa a reunião de todos os tempos, a fusão de passado, presente e futuro. Logo, a indissociabilidade dos três momentos se torna matéria de poesia, seja criando ou recriando, inclusive, pensa-se o prefixo “re” em alusão à multiplicidade já trilhada neste ensaio ao pensar nas várias ressonâncias que envolvem o poema, que é fruto de muitos outros trabalhos, de muitas outras andanças e até encontros inesperados no meio do caminho.

“Legado” vai do individual ao coletivo, do sentido, do construído, do lembrado. A primeira estrofe inicia com um questionamento, então, nota-se, diálogo e continuidade no poema, no momento em que o eu-lírico indaga, talvez numa atividade reflexiva, sobre aquilo que será deixado por ele ao país. Ao mencionar, no terceiro e no quarto versos, a ideia da brevidade, do tempo, da medalha e do nome, pode-se relacionar com a efemeridade, a passagem da vida diante da impossibilidade de uma celebração, de uma perfeição, que seria sua obra, pois a “medalha” é incerteza. Assim, pode-se pensar em como a visão do eu-lírico institui uma falta de esperança, regado do “taciturno”, não em um movimento de celebração da poética, mas sim de dúvida com um movimento de desencanto reflexivo, como nota-se no primeiro verso da segunda estrofe: E mereço esperar mais do que os outros, eu?”.

Ao tematizar aquilo que deixará como herança, o eu lírico não menciona bens materiais ou conquistas objetivas, mas a própria palavra poética. Nesse sentido, “Legado” transforma questões como memória, morte e permanência em matéria de elaboração estética e reflexiva. Assim, o poema constrói tais inquietações não por meio de uma argumentação linear, mas pela condensação imagética, pela ironia e pelo movimento meditativo do eu lírico. Tal perspectiva aproxima-se, inclusive, de reflexões desenvolvidas por Walter Benjamin, cuja escrita filosófica também mobiliza imagens e fragmentos para pensar a experiência histórica e a memória. Desse modo, em “Legado”, a escrita poética configura-se como espaço de elaboração da experiência e de questionamento acerca daquilo que poderá resistir ao tempo.

Além disso, a voz poética do poema não idealiza que sua poesia, partindo da análise de que o poema fala sobre a própria poética e o percurso literário de Drummond, poderá atravessar tempos, “vencer” a transitoriedade e permanecer enquanto obra-viva, mas sim coloca-se em uma situação não-transparente, regado do que é esfumado, assim como o título do livro, uma antítese na combinação das palavras “claro” e “enigma”. Nesse sentido, Drummond constrói o poema em um alicerce opaco, do sem rumo, sem exatidão prevista, vivendo “entre o talvez e o se”, a possibilidade não idealizada como possível, mas sim como um obstáculo e uma, provável, falta de glória e uma herança rasa.

Ainda vale lembrar de mais um resgate, o mundo, tão presente nas obras drummondianas. Inclusive, rememorando o texto de Wisnik (2005), é interessante pensar que o que está escrito em “Legado” pode até duvidar do tanto que a poesia atravessa o mundo e é atravessada por ele, mas o pesquisador nos diz que: “A poesia,

transportada pela sua própria negação, se dá no lugar onde ela se diz não estar, estando” (Wisnik, 2005, p. 16), pois há toda uma movimentação da literatura em três estágios: a produção, a circulação e a recepção. Então, tal “lugar” mencionado por Wisnik vai sendo construído, é móvel, não linear, tanto a obra em si é revista, reescrita, reinventada, como também a recepção é outra.

Em diálogo com as propostas de Italo Calvino, na conferência sobre a multiplicidade em Seis propostas para o *próximo milênio*, ele defende a obra literária como sistema aberto, cuja riqueza se intensifica na medida em que estabelece conexões internas e externas, formando uma rede de sentidos que ultrapassa seus próprios limites. Essa perspectiva é particularmente produtiva para a leitura de “Legado”, de Carlos Drummond de Andrade, pois a multiplicidade do poema se evidencia sobretudo na recepção: ao tematizar a herança poética e a permanência da palavra, o texto rememora motivos recorrentes da lírica drummondiana, convocando o leitor a estabelecer diálogos com outros momentos de sua obra.

Nesse caminho, a leitura de “Legado” não se esgota em seus versos, mas se expande em direção ao conjunto da produção do autor, funcionando como nó em uma rede intertextual interna, indo ao encontro da *multiplicidade* quando Calvino nos diz que a literatura do século XX “traz a ideia de uma enciclopédia aberta” (Calvino, 1990, p. 131). Desse modo, a multiplicidade não se restringe à estrutura do poema, mas se realiza no gesto interpretativo que o articula a outras composições drummondianas, confirmando a noção de literatura como constelação de textos interligados e permanentemente reatualizados pela leitura.

Tal perspectiva torna-se ainda mais evidente quando Carlos Drummond de Andrade retoma, em “Legado”, um dos elementos mais emblemáticos de sua própria trajetória poética: a “pedra” de “No meio do caminho”. No último terceto, ao afirmar que “De tudo quanto foi meu passo caprichoso/ na vida, restará, pois o resto se esfuma,/ uma pedra que havia em meio do caminho”, o poema estabelece uma relação dialógica intra-autoral que ultrapassa a simples referência a um texto anterior. Em “No meio do caminho”, a pedra figurava como obstáculo insistente, elemento de interrupção e permanência na memória; já em “Legado”, sua reaparição adquire um caráter retrospectivo e metapoético, pois a pedra transforma-se naquilo que permanecerá da própria obra do poeta. Assim, ao visitar um dos poemas mais marcantes de sua produção, Drummond converte a antiga imagem do impasse em signo de permanência

literária, refletindo sobre quais marcas de sua trajetória resistirão ao tempo e ao esquecimento.

Ademais, Drummond, ao passo que, em um dos poucos momentos do poema, fala sobre o capricho, ou seja, reconhece o brilho, nem que mínimo, de seus trabalhos, também envolve o leitor no esfumaçado, no que vai se perdendo, no que se esconde e não está à vista. Ainda assim, é possível notar o tom de criticidade do autor ao trazer, em vez do verbo “tinha” e da combinação de preposição “no”, reescreve com “havia” e “em”, pois um dos centros da crítica do poema era o uso mais coloquial da linguagem, que estaria fora da norma culta padrão.

Para além de retomadas dentro do universo poético drummondiano, “Legado” também retoma o mito de Orfeu, aquele que perde a harmonia ao perder sua amada, Eurídice, por duas vezes e, uma delas, para sempre. No ensaio “Entre o talvez e o se” (2003), a pesquisadora Susana Souto reelabora e relaciona o mito na poética do modernista, sobretudo pensando no rompimento da harmonia do mundo na figura de Orfeu, o qual representaria a poesia, o canto, a música, a arte. Sendo assim, o sentimento de “desacreditar” presente entre a combinação do terceiro verso do segundo quarteto (“Esses monstros atuais, não os cativa Orfeu”) e do primeiro verso do primeiro terceto (“Não deixarei de mim nenhum canto radioso,”) reflete a lógica da experiência versus informação pautada por Benjamin (1987), a celeridade e o sentimento de esquecimento diante da grande massa, possivelmente, a indústria.

Nesse sentido, “Legado” não constrói propriamente uma descrença absoluta na permanência da poesia, mas uma reflexão acerca daquilo que resiste ao tempo em meio ao apagamento das experiências e da própria vida. Ao afirmar que “o resto se esfuma”, o eu lírico reconhece a transitoriedade da existência e a fragilidade das realizações humanas; contudo, permanece “uma pedra que havia em meio do caminho”, retomada de um dos poemas mais emblemáticos de Carlos Drummond de Andrade. Assim, a pedra deixa de funcionar apenas como imagem do obstáculo, como ocorria no poema anterior, e passa a constituir um vestígio da própria permanência literária do poeta. Desse modo, a retomada intra-autoral sugere que, mesmo diante da dissolução provocada pelo tempo, a poesia ainda preserva marcas capazes de sobreviver na memória cultural.

A crise órfica, portanto, não reside na perda intrínseca da potência do canto, mas na dificuldade contemporânea de escutá-lo. Em Walter Benjamin, a modernidade é marcada pela substituição da experiência compartilhável pela circulação acelerada da informação,

que se consome rapidamente e logo é substituída por novos estímulos. Nesse contexto, enfraquece-se a possibilidade de uma relação mais duradoura com a linguagem e com a experiência estética, uma vez que o sujeito moderno passa a se relacionar com o mundo por meio de percepções descontínuas e transitórias. Assim, em “Legado”, a dificuldade de permanência do canto poético relaciona-se não à incapacidade da poesia de produzir sentido, mas às próprias condições modernas de recepção, atravessadas pela rapidez, pela dispersão e pela dificuldade de elaboração da experiência.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso, o poema evidencia um diálogo crítico com a tradição poética, em que a retomada de formas mais regulares de organização do verso não se configura como adesão a um modelo estético específico, mas como procedimento de reflexão sobre o próprio fazer poético. Em “Legado”, esse movimento não indica retorno a uma poética normativa, mas antes a incorporação irônica e consciente de recursos formais consagrados pela tradição, agora reorganizados sob uma perspectiva modernista marcada pela autorreflexividade e pela tensão entre permanência e reinvenção. Assim, a forma não aparece como simples ornamento, mas como parte integrante de uma escrita que problematiza o próprio estatuto da poesia e do legado literário.

Contudo, esse diálogo com formas mais regulares de organização do verso não se reduz a um exercício técnico ou a uma reaproximação da tradição, mas se integra a um movimento mais amplo de reflexão sobre a própria trajetória poética de Carlos Drummond de Andrade. Em “Legado”, a escrita se volta para si mesma, instaurando um processo de autorrevisão em que memória, tradição e linguagem se entrelaçam na construção de um olhar retrospectivo sobre a obra. Nesse percurso, elementos simbólicos e referências culturais diversas, como ecos da mitologia, não funcionam como ornamentação, mas como parte de uma rede de sentidos que evidencia o caráter intertextual da poesia drummondiana.

Portanto, “Legado” não se orienta por uma ideia de unidade estática ou de conclusão definitiva da obra, mas por uma dinâmica de tensão entre retomada e reinvenção ao longo da trajetória poética de Carlos Drummond de Andrade. Ao revisitar imagens e procedimentos já consolidados em sua produção, o poema desloca a noção de permanência da fixidez de um suposto “monumento literário” para um processo

contínuo de atualização interpretativa, no qual a obra se mantém viva justamente por sua capacidade de ser relida e ressignificada.

Nesse movimento, a imagem da “pedra”, retomada de um de seus poemas mais conhecidos, não opera como encerramento simbólico, mas como vestígio de permanência que atravessa a própria trajetória do poeta, reinscrevendo o passado no presente da leitura. Assim, o poema evidencia que a força de sua poética não reside na estabilidade de sentidos, mas na abertura ao deslocamento interpretativo, em que obra, leitura e memória cultural se articulam continuamente.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Claro enigma**. 21 ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: Magia e técnica, arte e política - O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 1 ed.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985

ELIOT, T. S. **Poesia**. 2. ed. Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. São Paulo: Arx, 2004. (Obra completa, v. I).

SILVA, Susana Souto. **Entre o talvez e o se**. Leitura - Literatura e Utopia, n. 32, p. 227-237, 2003.

WISNIK, José Miguel. **Drummond e o mundo**. 2005. Disponível em: <https://artepensamento.ims.com.br/item/drummond-e-o-mundo-drummond/>. Acesso em: 05/02/2026

NÃO É PRECISO MORRER PARA DIZER QUE VIVEU: O CORPO FEMININO EM “ORAÇÃO PARA DESAPARECER” DE SOCORRO ACIOLI

Jesus Davi Feitosa Ferreira¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a representação do corpo feminino no romance *Oração para desaparecer* (2023), de Socorro Acioli, compreendendo de que forma a narrativa

constrói reflexões sobre memória, identidade e renascimento. Nesse sentido, a história acompanha a personagem Cida, também chamada Joana, que é desenterrada em um local distante de sua terra natal, Almofala, no Brasil, e acolhida por um casal em Portugal. Sem memória e sem identidade definida, a personagem inicia um processo de reconstrução de si mesma, enquanto o leitor acompanha gradualmente a descoberta de seu passado. Assim, o estudo reside na relevância da obra para os debates contemporâneos sobre a representação da mulher na literatura brasileira, sobretudo, no que se refere às marcas históricas de opressão, silenciamento e reconstrução subjetiva presentes nas experiências femininas. Metodologicamente, a pesquisa é de cunho qualitativo e interpretativo, sendo fundamentada na análise literária da obra ao considerar os aspectos narrativos e temáticos. Com isso, a investigação parte da leitura crítica do romance, para identificar como o corpo feminino é construído nos espaços de memória e mediação entre vida e morte, seguido de base de autoras que dialogam com a literatura brasileira contemporânea feminina como Chiziane (2002) Souza (1982), Evaristo (2017) e Xavier (2021). Como resultados, observa-se que a narrativa apresenta o corpo da protagonista como território simbólico que carrega marcas de sofrimento, ausência e resistência e ao mesmo tempo possibilita processos de ressignificação identitária. Dessa forma, a análise evidencia que o conceito de “Ressurrecto”, presente na obra, reforça a ideia de renascimento e transformação que contribuem para a construção de uma narrativa que articula dimensões sociais, espirituais e simbólicas da experiência feminina.

Palavras-chave: Corpo feminino; Memória; Identidade; Literatura brasileira.

¹ | Graduando do 9º período do curso de Letras Português da Faculdade de Letras (FALE/Ufal). Integrante do Programa de Educação Tutorial em Letras (PET LETRAS/UFAL). ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-2255-8566> E-mail: jesus.ferreira@fale.ufal.br

NO ES NECESARIO MORIR PARA DECIR QUE SE HA VIVIDO: EL CUERPO FEMENINO EN “ORAÇÃO PARA DESAPARECER”, DE SOCORRO ACIOLI

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar la representación del cuerpo femenino en la novela *Oração para desaparecer* (2023), de Socorro Acioli, comprendiendo de qué manera la narrativa construye reflexiones sobre memoria, identidad y renacimiento. En este sentido, la

historia acompaña a la personaje Cida, también llamada Joana, quien es desenterrada en un lugar distante de su tierra natal, Almofala, en Brasil, y

acogida por una pareja en Portugal. Sin memoria y sin una identidad definida, la personaje inicia un proceso de reconstrucción de sí misma, mientras el lector acompaña gradualmente el descubrimiento de su pasado. Así, el estudio se fundamenta en la relevancia de la obra para los debates contemporáneos sobre la representación de la mujer en la literatura brasileña, especialmente en lo que se refiere a las marcas históricas de opresión, silenciamiento y reconstrucción subjetiva presentes en las experiencias femeninas. Metodológicamente, la investigación es de carácter cualitativo e interpretativo, fundamentada en el análisis literario de la obra al considerar sus aspectos narrativos y temáticos. De este modo, el estudio parte de una lectura crítica de la novela para identificar cómo el cuerpo femenino es construido como espacio de memoria y mediación entre la vida y la muerte, dialogando con autoras de la literatura contemporánea femenina como Paulina Chiziane (2002), Souza (1982), Conceição Evaristo (2017) y Xavier (2021). Como resultados, se observa que la narrativa presenta el cuerpo de la protagonista como un territorio simbólico que carga marcas de sufrimiento, ausencia y resistencia, y al mismo tiempo posibilita procesos de resignificación identitaria. De este modo, el análisis evidencia que el concepto de “Ressurrecto”, presente en la obra, refuerza la idea de renacimiento y transformación, contribuyendo a la construcción de una narrativa que articula dimensiones sociales, espirituales y simbólicas de la experiencia femenina.

Palabras clave: Cuerpo femenino; Memoria; Identidad; Literatura brasileña.

1. INTRODUÇÃO

Aprendi a sonhar minha vida antes mesmo de poder vivê-la; e foi nesse sonho que encontrei forças para ser minha”
(Chiziane, 2002, p. 112).

Ao longo da construção da sociedade brasileira, sabe-se que o atravessamento de destruição afetiva e desaparecimento da memória, afeto e identidade, tristemente, fizeram parte do desenvolvimento da nação, em que os povos indígenas, africanos, crianças e mulheres foram e ainda são silenciadas e tiradas de uma grande parte do desenvolvimento artístico, político e econômico do país. Partindo dessa perspectiva, pensar no corpo em movimento e seu atravessamento para construir uma identidade e memória é também falar de que não é preciso morrer para dizer que viveu, por isso, que na obra “Oração para desaparecer”, Acioli retrata momentos que interseccionam o passado, o presente e o futuro como parte de um processo de renascimento para a reconstrução de identidade e que esses atravessamentos são marcas de resistências e construção coletiva.

Nesse sentido, a obra *Oração para desaparecer*, de Socorro Acioli, foi publicada em 2023, e ela apresenta uma narrativa profundamente simbólica, em que o corpo feminino se torna o centro articulador das experiências humanas e espirituais e é o meio que intermedia as passagens de discussões sociais, religiosas e de memória coletiva. Assim, Acioli transforma o corpo da mulher em um território de memória, dor e identidade, utilizando-o como mediador entre dimensões aparentemente opostas, que são a vida e a morte.

Ao longo da narrativa, o corpo não é representado apenas como elemento físico, mas também como espaço de resistência subjetiva e coletiva que durante a narrativa ressignifica os padrões impostos para as mulheres. Assim, ele carrega as marcas da opressão, do sofrimento e das ausências históricas impostas às mulheres que na narrativa retratam a mulher que nasce da terra e perde a memória, sendo um ponto de partida para o seu renascimento e criação de uma nova identidade. Nesse sentido, o romance mobiliza a ideia de uma ressurreição denominada de Ressurrecto que é definida para aqueles que morreram, mas tiveram uma oportunidade de voltar à vida.

Assim, o romance *Oração para desaparecer* (2023), narra a trajetória de uma mulher chamada Cida/Joana que é encontrada sob uma duna, despida e desprovida de memória,

sendo conduzida a reconstruir seus processos de subjetivação e de relação com o outro. A partir dessa corporalidade, a autora elabora uma narrativa marcada pelo (re)encantamento, atravessada por elementos da brasilidade, mesmo diante das tensões que constituem o Brasil enquanto nação.

[...]debaixo do chão era uma agonia gelada, molhada, fedida. Não sentia braços e pernas no breu daquela cova. Perdi a noção do meu corpo, achei que me transformaria em um bicho morto, me desfazendo até virar pó. Ninguém sabe o que fazer na hora da morte. Quando eu já suplicava pelo fim, o buraco me apertou como uma mão gigante de terra, envolveu meu corpo interior e começou a me expulsar. Os olhos lacrados, a hora do parto, a boa hora de Nossa Senhora, as palavras se repetiam no pensamento tomado de desespero (Acioli, 2023, p. 13)

Na obra o que chama atenção é a trajetória da personagem, que conecta diferentes dimensões simbólicas da nossa sociabilidade, transitando pelo Nordeste do Brasil, por Almofala, em Portugal, e por Moçambique, na África. Além do corpo, a língua compartilhada entre esses três lugares aproxima e, ao mesmo tempo, distancia as personagens, revelando marcas que podem ser entendidas como ecos do processo de colonização.

Assim, na narrativa Cida/Joana é desenterrada por mãos estranhas (Florice e Fernando, o casal que a acolhe em Portugal, local onde Cida/Joana foi socorrida), em um local distante de sua terra natal, visto que, a personagem morava em Almofala no Brasil, assim, Cida, torna-se uma mulher sem identidade, memória, mas que reconstrói aos poucos uma nova vida em um lugar completamente desconhecido. Dessa forma, o livro causa muita curiosidade no leitor, porque a personagem ao ser desenterrada, ela não se lembra de sua vida passada e aos poucos durante a leitura, o leitor, vai descobrindo junto com a personagem as suas origens.

No primeiro capítulo, por exemplo, a autora narra o processo doloroso e de desenterramento de um corpo feminino em um local prontamente. Mas, Acioli não apenas descreve esse movimento da personagem, como também, por meio do detalhe da narrativa traz o leitor para a imaginação do espaço-tempo para imaginar o cenário de desenterramento e se questionar o porquê a personagem foi jogada nessa cena de agonia e que a faz perder noção do seu próprio corpo. Logo, Acioli por meio do suspense e da curiosidade prende o leitor a perceber que o corpo feminino não é apenas físico, mas também social e político, em que cada parte do desenterramento é

uma forma de dar possibilidade a uma nova identidade e que o movimento do corpo feminino e da narrativa é o que dissolve as barreiras entre imaginário e o real para o suspense.

Diante disso, o corpo em movimento simboliza a possibilidade de reconstrução da identidade, e mostra que a ação física e simbólica é o que permite à personagem reagir à violência, ao silêncio e às ausências do passado para se ressignificar. Dessa forma, o suspense não é apenas narrativo, mas também existencial, visto que o leitor acompanha o corpo feminino enquanto ele ressurgue, se reinventa e redefine os limites entre experiência, memória e realidade.

Nesse sentido, o romance permite analisar como o corpo da protagonista transita do desaparecimento para o real, como o silêncio propaga a violência gênero, e como o movimento do corpo constrói suspense e ressignifica a experiência da existência. Dessa forma, Acioli oferece uma leitura em que o corpo feminino se torna espaço de denúncia, resistência e renascimento, articulando reflexões sobre identidade, poder e sobrevivência. Por isso, que nesse artigo defendo que a travessia do corpo feminino da personagem Cida/Joana, do imaginário ao real, é mediada pelo silêncio imposto e que é submetido, sendo uma forma de resistência que a conduz pelo movimento (físico, narrativo e dos encantados), que sustenta o suspense e revela a existência ancestral e singular dessa mulher.

Partindo dessas apresentações iniciais, justifico a pesquisa pensando como analisar o corpo feminino que atravessa o imaginário para o real, uma vez que o corpo feminino em *Oração para desaparecer*, atua como ponte entre o imaginário e o real, servindo como mediador das experiências da protagonista que carrega em si as memórias e as narrativas do passado (mesmo que no início da narrativa não lembre de nada), e ao mesmo tempo que se manifesta no presente, nas ações e nas relações afetivas entre Florice, Fernando e Jorge. Essa travessia do imaginário para o real evidencia como o corpo é um meio de construção da identidade ao percorrer esse caminho, o corpo feminino não apenas transita entre diferentes dimensões da narrativa, mas também ressignifica sua própria existência e mostra que o imaginário pode se materializar e transformar o presente.

Logo, busquei analisar na obra, o silêncio como esquecimento de quem foi no passado, o silêncio de quem estava ao seu redor desde o princípio (Fernando e Florice), e tornando a protagonista (Cida/Joana) não apenas um mero silêncio, mas também um sinal de dor, opressão e violência que permanece inscrito no corpo. E por fim, busquei analisar também o movimento do corpo feminino na narrativa que está diretamente

ligado à criação de suspense e tensão, elementos que permeiam a experiência de Cida/Joana. Assim, cada gesto, deslocamento e interação com o ambiente e com outros personagens funciona como recurso narrativo que mantém o leitor em expectativa, enquanto a protagonista atravessa processos de renascimento e transformação.

Dessa forma, este artigo encontra-se estruturado em quatro seções. Na primeira seção, apresentamos a análise do corpo feminino do imaginário para o real. Na segunda seção, discutimos o contexto de diálogo entre o corpo em movimento apresentado em *Oração para desaparecer*. Na terceira seção, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa. Por fim, na quarta seção, tecemos as considerações finais, retomando as principais reflexões construídas ao longo do estudo.

2. Fundamentação Teórica

2.1 Analisar como o corpo feminino atravessa o imaginário para o real

Durante as últimas décadas, sabe-se que o corpo feminino tem sido recorrentemente ressignificado, visto que ele foi deixando de se resumir em sua categoria biológica e passou a ser compreendido em sua concretude sócio-histórica e política. Nesse sentido, ao analisar o corpo feminino, a pesquisadora, Elódia Xavier, após uma pesquisa abrangente sobre a representação dos corpos femininos, principalmente, na literatura escrita por mulheres, ela destaca como os corpos femininos trazem as marcas da opressão do patriarcado e do silêncio, com o intuito de identificar as “estratégias literárias de questionamento da violência doméstica e das imposições da indústria cultural ao corpo da mulher” (Xavier, 2021, p. 242).

O pensamento de Xavier (2021), dialoga fortemente com o termo “Ressurrecto”, que está na obra *Oração para desaparecer*, que pode ser compreendido não apenas como “ressuscitado”, mas como uma categoria simbólica que articula corpo, memória e identidade. No romance, o “Ressurrecto” representa um sujeito que retorna à existência a partir de uma ruptura física ou identitária sem recuperar plenamente o que foi perdido. Logo, é entendido como um processo de reconstrução marcado por lacunas, deslocamentos e reinvenções.

Por isso, que quando Elódia Xavier descreve sobre a opressão do patriarcado que também reflete nas condições de produções de “Ressurrecto”, porque esse conceito é relacionado ao corpo feminino, sobretudo, ao corpo feminino negro, visto que ele ganha ainda mais força crítica na medida em que esse corpo historicamente sofre processos de

apagamento, silenciamento e desvalorização, sendo constantemente atravessado por violências de gênero e por heranças do colonialismo. Nesse sentido, o “Ressurrecto” pode ser lido como uma força que reaparece apesar dessas tentativas de anulação, evidenciando formas de resistência e (re)existência.

A partir disso, o corpo, então, deixa de ser apenas um elemento da narrativa e passa a ser um espaço em que se inscrevem experiências de violência, mas também de sobrevivência. Por isso, que a ausência de memória, nesse contexto, não é entendida como um vazio individual, mas como um reflexo de apagamentos históricos que atingem, de forma mais intensa, mulheres negras. Assim, reconstruir-se torna-se um ato político, uma forma de retomar a própria existência diante de estruturas que insistem em negá-la. Paralelamente, de acordo com Carlos Gomes (2022), afirma que a autora “constrói sua tipologia a partir dos diferentes controles impostos pela sociedade patriarcal e consumista, que reproduzem diversas violências simbólicas”, tocando, de forma tangencial, a violência estrutural de gênero que impulsiona o controle do corpo feminino (Xavier, 2021, p. 238).

Nesse sentido, Elódia Xavier, traz o corpo invisível, “o qual remete à inexistência de alguns personagens exatamente em decorrência de sua invisibilidade social” (Pereira, 2021, p. 89). Assim, o corpus utilizado pela pesquisadora dialoga com a obra *Oração para desaparecer*, uma vez que a protagonista Cida/Joana, que mesmo sabendo que tinha outra vida antes da sua ressurreição, ela se permite imaginar e viver outra vida e faz disso sua realidade, mas que no fundo mais íntimo do seu consciente, ela sentia que o imaginário a fazia bem, mas com medo de acabar lembrando da vida passada. Assim, Joana traz as reflexões de uma personagem inicialmente sem nome e que sente necessidade de ser reconhecida. Essa perspectiva, comprova que a obra revela à tona a questão da “inexistência da mulher como sujeito do próprio destino” (Xavier, 2021, p. 35). que é fruto das injunções sociais que alocam do imaginário ao real.

Dessa forma, analisar o corpo feminino a partir da travessia do imaginário para o real é também reconhecer a forma como as mulheres transformam a dor em criação e o silenciamento em possibilidade de existência. Isso ficou notável quando a personagem Joana, ao habitar o espaço do imaginário (se relacionar com Jorge e criar um romance mesmo não lembrando de quem era no passado), ela não foge da realidade, mas busca por meio de um movimento de resistência se reinventar. Dessa forma, mesmo consciente de que existe outra vida, outras lembranças e uma história que a antecede, ela escolhe imaginar, reinventar e reconstruir-se nesse entrelugar.

A vida é feita de palavras, elas explicam e fazem nascer e morrer. Se ninguém pronunciar um nome este ser está morto, mesmo que respire e leve um coração batendo no peito. Estar vivo é ser palavra na boca de alguém. Não lembrar delas me condenou ao abismo, não saber o nome das pessoas, do meu lugar, a narrativa da minha vida, tudo o que somos é história e história se conta com palavras. Por isso, bastou um bilhete. Lembrei-me da missa: “Mas, disse uma só palavra e serei salvo”. Fui salva por apenas duas, o nome da cidade de onde vim e o meu nome. (Acioli, 2023, p. 111)

Diante desse trecho, percebe-se a importância do movimento feito por Cida/Joana ao longo da narrativa e a sua relação com o imaginário que tornou, então, um território em que o corpo encontra liberdade, da qual o real, tantas vezes opressor, é transfigurado pela imaginação em espaço de vida possível. Mas, há também o medo de lembrar, sendo essa, a memória o poder de reabrir feridas, e é nesse limite entre o lembrar e o sonhar que Joana constrói uma forma própria de viver.

Nessa perspectiva, ao pesquisar o corpo feminino para além da obra *Oração para desaparecer*, notei que a trajetória de Cida/Joana se aproxima da poética de Noémia de Sousa (1982), que na obra *Sangue Negro*, transforma o corpo feminino em símbolo de uma nação marcada pela dor, mas também pela vitalidade. Como afirma a autora, “O corpo da mulher negra é o espaço onde o tempo se inscreve, onde se mantém a memória e se constrói a resistência” (Souza, 1982, p. 45). E assim, Cida/Joana demonstrou a memória ancestral da sua antiga cidade Almofala no Brasil, como parte pertencente a si mesma, apesar de estar em Almofala em Portugal, ela fez disso uma passagem de construção de uma nova identidade.

Ainda assim, de modo semelhante, a escritora Paulina Chiziane, em obras como *Uma História de Poligamia*, apresenta o corpo feminino como campo de conflito e reconciliação, nessa obra as personagens transitam entre o imaginário e o real, entre a submissão imposta pela tradição e o desejo de autonomia e entra em paralelo com as vivências experiências na obra de Socorro Acioli. Como afirmou Chiziane, “Aprendi a sonhar minha vida antes mesmo de poder vivê-la e foi nesse sonho que encontrei forças para ser minha” (Chiziane, 2002, p. 112).

Logo, o corpo feminino ultrapassa a condição de objeto e torna-se sujeito de memória, resistência e criação. Essa leitura desenvolve a trajetória de Joana, uma vez que, ao permitir-se imaginar uma nova vida, ela faz do imaginário uma estratégia de sobrevivência social e política. Essas marcas ficam descritas constantemente na narrativa por meio dos seus sonhos, tornando-as lembranças e o desejo que se fundem e tornam

em realidades possíveis. E é nesse sentido que se reafirma a ideia de que não é preciso morrer para dizer que viveu, porque viver, para essas mulheres como Cida/Joana é um ato de reconstrução e é fazer do imaginário uma forma de existir e resistir coletivamente.

2.2 Analisar o corpo em movimento e o suspense

Ao longo do desenvolvimento da nação brasileira, sobretudo, no período pré-colonial e pós-colonial, é comprovado legalmente que o processo de escravidão foi um marco que trouxe o corpo em movimento pautado na força física e ideológica, da qual o corpo negro sempre foi submetido a marginalização e a subalternização social. Com isso, não muito distante, esse corpo negro, sobretudo, feminino foi apropriado, controlado e silenciado por estruturas coloniais e patriarcais, que definiram seus lugares, limitaram suas vozes e transformaram sua existência em objeto de dominação.

Nesse sentido, a reflexão de Conceição Evaristo (2017), contribui para compreender esse processo ao evidenciar que a experiência de mulheres negras não se configura como algo passivo, mas como uma forma de resistência e denúncia, ao afirmar que “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa-grande’, mas para incomodá-los em seus sonos injustos”. Assim, o corpo feminino negro deixa de ser apenas um espaço de opressão e passa a se constituir também como um território de fala, memória e (re)existência, por isso, que o corpo em movimento reafirma a necessidade sem olhar atento para não ser submetido a situação vivenciadas anteriormente.

Diante disso, esse contexto dialoga integralmente com o corpo em movimento apresentado em *Oração para desaparecer*, que é o eixo mais importante que conduz a narrativa e articula o diálogo entre memória, silêncio e reconstrução. Logo, o corpo da personagem e o detalhamento imaginário da situação narrada que Acioli desenvolve nos primeiros momentos torna-se marcante, principalmente no primeiro capítulo que descreve:

Acordei com os olhos grudados de lama, o nariz entupido de terra e a boca cheia de areia estalando nos dentes. Alguém me enterrou. Bichos alisavam minha língua, rastejavam pelos ouvidos e por outros caminhos para dentro das carnes. Debaixo do chão era uma agonia gelada, molhada, fedida. Não sentia braços e pernas no breu daquela cova. Perdi a noção do meu corpo, achei que me transformaria em um bicho morto, me desfazendo até virar pó. Ninguém sabe o que fazer na hora da morte. Quando eu já suplicava pelo fim, o buraco me apertou como uma mão gigante de terra, envolveu meu corpo inteiro e começou a me

expulsar. Os olhos lacrados, a hora do parto, a boa hora de Nossa Senhora, as palavras se repetiam no pensamento tomado de desespero. (Acioli, 2023, p. 13)

Logo, o corpo durante a narrativa é uma forma de reverberar marcas de memórias deixadas fisicamente no corpo. Essa lógica ocorre porque, a trajetória da protagonista, saindo de Almofala no Brasil e indo para Almofala em Portugal fica marcada pelo desaparecimento, que é marcado por uma oração de tradições vindas de um passado ancestral, em que o tempo das lendas preserva a imagem de uma viagem que é direcionada e a incorpora outra pessoa em um outro país diferente e com uma vida moldada através de uma memória ainda não lembrada. Mas, esse movimento passa por um silêncio e por uma posterior ressurreição que se revela como um processo de deslocamento contínuo, no qual o corpo feminino se torna um espaço narrativo e simbólico em constante transformação.

Esse movimento, que não é apenas físico, mas também emocional e espiritual, instaura o suspense como elemento de tensão e expectativa, que convida o leitor a acompanhar a lenta reconstrução da identidade de Cida, que passa a acumular vários nomes, embora Joana seja o seu verdadeiro. Assim, o suspense não se limita à dimensão narrativa, uma vez que ele traduz o próprio gesto de resistência da protagonista, que, ao mover-se, desafia o apagamento e ressurge como corpo-memória (um corpo que fisicamente permanece o mesmo, mas que suas memórias de uma vida passada moldam sua essência).

Nesse sentido, à luz do pensamento de Mariana Parzewski (2016), em “Literatura, história e memória em ação: o texto em construção”, o texto literário é compreendido como um processo contínuo de reelaboração da memória e de reconstrução da história que passou por um movimento social e político. Assim, a autora defende que a literatura não apenas representa o passado, mas o reativa, dando forma a experiências que foram silenciadas e esquecidas. Nessa perspectiva, o corpo em movimento em Acioli, assume a função de “texto em construção”, em que cada gesto, cada deslocamento e o renascimento de Cida/Joana abre portas para novas camadas de memória e sentido. E consequentemente, o corpo vira um lugar onde o passado é revisitado e o presente é reconstruído e estabelece uma ponte entre o que foi silenciado e o que busca emergir.

Mas, o movimento da narrativa que causa suspense é mais direcionado para a incerteza sobre o destino de Cida/Joana, o mistério de sua morte, o mistério do que vai fazer por hora, se vai querer tentar descobrir quem foi no passado ou se vai seguir uma

nova vida em seu retorno. Nesse viés, percebe-se que o suspense causado por Acioli traduz simbolicamente esse processo de reconstrução da memória, em que o esquecimento é tensionado até que o corpo possa novamente ser reconhecido como espaço de existência e fala.

Não tem rio que eu não atravesse. Não tem caminho que nós não andemos. Não tem pau que eu não arranque. Não tem pedra que eu não quebre. E nem tem mal que nós não curemos. Viemos lá das cachoeiras. Com a força da Natureza. Os Encantados nos mandaram. Viemos aqui fazer limpeza. Os Encantados nos mandaram. Viemos aqui fazer limpeza. E o canto seguinte me trouxe de volta, de uma vez. (Acioli, 2023, p. 170)

Mediante a isso, ao dialogar com Michael Pollak (1989), em “Narrar o Trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes de histórias”, o movimento do corpo ganha ainda mais densidade. Isso porque para Pollak, o silêncio não é ausência, mas uma forma de resistência e de sobrevivência das memórias reprimidas. Essas “memórias subterrâneas” que permanecem latentes, esperando o momento de emergir, e é exatamente isso que acontece com o corpo de Cida/Joana, visto que ao longo do desaparecimento, o corpo silencia e esse silêncio é um modo de guardar (mesmo que na narrativa seja involuntários da personagem guardar as memórias passadas), em si, a dor, a violência e o apagamento impostos pela sociedade. No entanto, quando o corpo volta a se mover, rompe-se o silêncio/apagamento/esquecimento que o movimento torna o gesto de retorno da voz. E assim, o suspense funciona como a metáfora desse intervalo entre o silêncio e a fala, entre o esquecimento e a lembrança. Já o corpo, ao se reanimar, dá forma às memórias ocultas, convertendo a espera e o mistério em potência de vida.

Dessa forma, o corpo em movimento é mais do que um elemento narrativo, visto que ele é o próprio ato de reexistir. Por isso, Cida/Joana encarna a passagem entre a morte e o renascimento, como um trânsito que o suspense se constrói ainda mais por meio da tensão, mas também como esperança de um dia retornar a quem um dia foi. Logo, cada movimento da personagem é uma afirmação de presença contra o desaparecimento, uma recusa do esquecimento e um grito silencioso por reconhecimento.

Em diálogo com Parzewski, compreendi que o texto e o corpo se constroem mutuamente, uma vez que ambos são territórios em permanente (re)escrita. Já em consonância com Pollak, percebo que o silêncio e a memória coexistem, e que o gesto de mover é também o gesto de lembrar. Assim, o corpo feminino em Oração para

desaparecer, se transforma em um espaço literário em que ele não apenas ocupa a cena, mas produz o próprio enredo da resistência e faz do suspense um modo de narrar a persistência da vida diante do esquecimento.

3. METODOLOGIA

Diante disso, percebe-se que a presente pesquisa é de cunho qualitativo e interpretativo, uma vez que por meio da análise do romance *Oração para desaparecer* (2023), de Socorro Acioli, foi perceptível verificar a relevância de sua narrativa para a discussão sobre a representação do corpo feminino, bem como pelas reflexões que se mobiliza frente à memória, identidade e renascimento no contexto da literatura brasileira contemporânea. Assim, no que se refere aos procedimentos metodológicos, consideramos os aspectos narrativos, simbólicos e temáticos da obra, bem como o contexto sócio-histórico do Brasil. Mas, para isso, foi feito também uma leitura crítica e interpretativa do romance para identificar de que maneira o corpo feminino foi construído ao longo da narrativa tomando como base o espaço da memória.

Partindo disso, o referencial teórico desta pesquisa fundamenta-se em estudos que articulam literatura, corpo, identidade e memória a partir de perspectivas críticas contemporâneas que problematizam a representação do feminino. Por isso, que dialogamos com autoras como Socorro Acioli, cuja obra literária suscita reflexões sobre subjetividade e existência, além de teóricas como Conceição Evaristo (2017), que contribui com o conceito de *escrevivência*, e Elódia Xavier (2021), que discute a construção do corpo feminino e os seus atravessamentos na literatura. Ainda assim, também mobilizamos contribuições de Paulina Chiziane (2002), no que tange às narrativas de resistência e identidade feminina. E a partir desse conjunto teórico, buscamos compreender como o corpo feminino é representado dentro e fora da narrativa analisada.

Dessa forma, por meio destas autoras, a análise concentra-se na trajetória da personagem Cida/Joana, observando os processos de apagamento e reconstrução identitária que marcam sua experiência na narrativa. Nesse viés, a investigação também considera o conceito de “*Ressurrecto*” apresentado na obra, relacionando-o às discussões sobre renascimento, raça e transformação presentes no texto literário. Desse modo, a metodologia adotada permite compreender como os elementos narrativos e simbólicos presentes no romance contribuem para a construção de uma

representação complexa do corpo feminino, evidenciando suas relações com memória, identidade e resistência no âmbito da literatura contemporânea.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifica-se, portanto, que ao fazer a análise da obra *Oração para desaparecer*, de Socorro Acioli, permitiu-me compreender o corpo feminino como território de resistência, memória e reconstrução. Isso porque a trajetória da protagonista revelou que o corpo, ao atravessar o desaparecimento e o silêncio, não apenas sofre os efeitos da violência e do apagamento, mas também se reconfigura como espaço de existência e de fala. Ainda assim, ao fazer leitura e se integrar ao suspense da obra, percebi que na literatura contemporânea a mulher ser a principal protagonista é fazer com que haja a necessidade de mobilizar e desconfigurar os padrões de obras canônicas e dar vozes aos corpos subalternos como as mulheres escritoras.

Além disso, ao pensar no tema deste artigo, pensei em como a frase “Não é preciso morrer para dizer que viveu”, sintetiza a força dessa transformação, em que viver, na narrativa de Acioli, é um ato de afirmação e reexistência, mesmo diante da tentativa de anulação imposta por estruturas sociais. E por fim, tratar o silêncio, ao longo da obra, não se configura como ausência, mas como uma linguagem própria, que comunica a dor e a resistência feminina. Assim, em diálogo com Michael Pollak (1989), notei que é possível perceber que o silêncio da protagonista guarda as marcas das “memórias subterrâneas”, sendo aquelas experiências que, embora silenciadas pela história real/passada, permanecem latentes e pulsantes na subjetividade, mesmo que numa nova vida.

Com isso, o corpo torna-se o suporte dessas memórias e o meio pelo qual elas podem emergir, por exemplo, pelo gesto, deslocamento e do próprio movimento corporal que assume o papel de linguagem, expressando o que não pôde ser dito e torna o corpo um meio vivo das experiências femininas. Logo, chego à conclusão de que essa pesquisa representa que a literatura de Acioli, ao colocar o corpo feminino como centro da narrativa, rompe com o olhar tradicional que o reduz ao objeto e o posiciona como sujeito de ação e de memória. Por isso, o romance reafirma que viver, para a mulher, é resistir e ao mesmo tempo é transformar o silêncio em linguagem, o desaparecimento em presença e o corpo em um texto que, em constante movimento, escreve a permanência da vida.

REFERÊNCIAS

ACIOLI, Socorro. **Oração para desaparecer**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

ALEXANDER, Simone A. James. **Vozes de mulheres: genealogias e processos de escrita**. Rio de Janeiro: Editora Metanoia, 2017.

CHIZIANE, Paulina. Niketche: **Uma História de Poligamia**. Maputo: Promédia, 2002.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos conceitos de minha escrita**. Rio de Janeiro, 2017.

ALEXANDER, Simone A. James. **Vozes de mulheres: genealogias e processos de escrita**. Rio de Janeiro: Editora Metanoia, 2017.

PARZEWSKI, Mariana. Literatura, história e memória em ação: **o texto em construção**. In: Anais do Congresso Internacional da ABRALIC, 2011.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 200-212, 1989.

SOUSA, Noémia de. **Sangue Negro**. Lisboa: Editorial Caminho, 1982.

XAVIER, Elódia. **Corpo, violência e silenciamento: a representação do feminino na literatura escrita por mulheres**. Curitiba: Appris, 2021. p. 231-245.



TEXTOS
LITERÁRIOS

Uma obra viva em meus olhos

Maria Laura Hermenegildo de Lima¹

abaixo de tua ponte
no meio da capela dos teus olhos
em sinais trêmulos da tua fisionomia
em meu loiro corrente das pernas
no maço que percorre meus lábios
abaixo de minhas lentes

podemos aqui descortinar em grave seriedade
a personalidade de nosso seio que treme
ou apenas ignorar a corporatura inerente
que nos une e nos separa em ansiedade

meus olhos impetuosos agem com malícia
mesmo que toda a fumaça que sai de mim agora
seja, na verdade
a fumaça de um maço de cigarro inteiro
e não a tua borda na minha

a falta do mar me aborrece,
muito mais do que quando fico estática, entre buracos,

¹Graduanda do quinto período em Letras-Português pela Faculdade de Letras na Universidade Federal de Alagoas (FALE/UFAL). Bolsista do PET - Letras Ufal (Programa de Educação Tutorial - Letras Ufal). Voluntária do PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) em Análise do Discurso. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8693-5643>.

apenas tijolos e concreto me enquadram numa
arquitetura sólida de descaso: sem luz, sem ar, sem descanso.

Mas

quando o mar me devora
quando o sargão me contém
quando o salgado me curva
quando o sol me queima
quando o mar me faz casa

quando vejo essa
obra viva em meus olhos
me sinto perdida em seus detalhes
jamais visitados

Segredo de ferro

Maria Laura Hermenegildo de Lima¹

forja meus frágeis caminhos
aos segredos dos teus ensinamentos
governa em tuas folhas,
se meu desprezo te alcançar.

aqui não haverão de esquecer:
o senhor do ferro lançou na Terra plantio
aos que fracassaram.

tu que és o nobre guerreiro da liberdade
o Onirê, conquistador de reis
traz os frutos da vitória

e quando, sem akorô, voltares da batalha,
quando esquecer o sagrado do teu povo,
ao tornar tuas vestes o sangue, lembra:
nem a autopunição te bastará.

ao empunhar no chão o ferro,
Ogum em Orum, torna um orixá.

¹Graduanda do quinto período em Letras-Português pela Faculdade de Letras na Universidade Federal de Alagoas (FALE/UFAL). Bolsista do PET - Letras Ufal (Programa de Educação Tutorial - Letras Ufal). Voluntária do PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) em Análise do Discurso. Número ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8693-5643>.

Sustenta essa Maré?

Marcelo Calderari Miguel¹

Na orla, giro em alta rotação:
moto aquática — promessa em combustão.
Perfuma a maré, coreografa o desejo —
quem pilota a vida: fé ou despejo?

Selfie aberta — a queda não sai.
A curtida boia, o abismo cai.
“Liberdade” infla no colete visível:
de perto, o risco; de longe, o incrível.

“É só água” — vendem — “relaxa, flui”.
A onda não pede: toma e dilui.
A espuma encena poder em superfície,
escorrega em quem tenta entender o que disse.

A maré sobe alto — o discurso desce.
Um rema no seco, outro só cresce.
“Pra todos!” — sorri o anúncio cordial;
o preço se esconde no cálculo real.

¹Biblioteconomista e Mestre em Ciência da Informação (UFES). Diretor de Biblioteca, Arquivo e Museu do IHGVV (Casa da Memória). Professor Auxiliar e mediador na UFES | Av. Princesa Isabel, 86 — Centro — CEP 29010-361 — Vitória | ORCID <https://orcid.org/0000-0002-7876-9392>

Mesa montada, vitrine e cenário —
prato vazio não entra no comentário.

Caridade edita — corta a ferida;
doa a cena — embala a vida.

Esmalte de guerra, desfile de dor —
descasca a superfície, emerge o rancor.
No bronze, a cor; no espelho, o protesto —
a mão calejada sustenta o manifesto.

O grito refrata — o “drop” vira viral;
sem ruptura, não vira jornal.
A fúria faz pose, cravejada de brilho,
e estoura no peito de quem perdeu trilho.

Vamos de moto aquática — classe e finesse;
ninguém lê o preço que o sistema oferece.
O luxo desliza, voraz e feliz —
submerso é quem move o país.

Capital surfa prancha dourada,
empacota promessa pronta e selada.
“Liberdade em oferta — só hoje, vem!”
cobra em silêncio — e leva também.

Quando a maré cala a encenação,

fica o rastro — sem direção.

Quem lucra com tanta vitrine

nunca sangrou por este país.

Acelera — a vista já beira o abismo;

horizonte à venda — pacote de cinismo.

Quer saber quem é livre? Lê no contrato:

graúdo no topo — miúdo no ato.

O mar cansou de fingir calma.

Maré não sustenta vitrine vazia.

Se essa arrebentação te soa invasão,

é a fúria — sem filtro — vestida de verão.

REDEMOINHO OU PONTO DE LUZ?

Thalia Vitória da Silva¹

Ao exímio da câmera míope

um redemoinho

d e s f o c a d o

envolvido por um círculo

cíclico

sem começo meio e fim

tudo vira um só

o

i

n

f

i

n

i

t

o

.

um ponto de luz perdido

v a g o à cegueira de informações

projeções falsas do ser

¹Graduanda em Letras - Português pela Universidade Federal de Alagoas - Campus A.C. Simões. Bolsista do PET - Letras Ufal; voluntária no PIBIC em Análise do Discurso e no IsF - Português e integrante do Literatura & Utopia. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-4661-6524>

embaçado

longe

mas

ainda

um redemoinho

um ponto de luz

Depauperado

Felipe Neves¹

depauperado: um corpo.
sem energia. fraco. esgotado.
exaurido.
é o que diz o dicionário.

depauperado. é assim que
o #branco algoritmo-humano#
quer ver os corpos minoritários...

sem energia.
fraco.
es gota do.
e xau rido de vi da .

pra NÃO reivindicar |
pra NÃO resistir |
Pra não lutar |
pra NÃO re*existir |

depauperado... é assim... que me
sinto.

¹Graduado em Letras-Português pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas (Fale/Ufal). ORCID: 0009-0009-0043-4347. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1453258734272032>. E-mail: felipenevesa11y@gmail.com.

EFÊMERO

Thalia Vitória da Silva¹

Mirei.

capturei o efêmero da vida

fragmento frágil da existência

o balanço do cordão velho, grade enferrujada, a paisagem urbana ao fundo

sem nitidez

confusa na selvageria

capturada pela escrita

pintada pela memória.

¹Graduanda em Letras - Português pela Universidade Federal de Alagoas - Campus A.C. Simões. Bolsista do PET - Letras Ufal; voluntária no PIBIC em Análise do Discurso e no IsF - Português e integrante do Literatura & Utopia. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-4661-6524>

